MANOEL DE BARROS

Poesia completa

LeYa

MANOEL DE BARROS

Poesia completa

LeYa

Copyright © 2010, Manoel de Barros

Revisão de textos *Beatriz de Freitas Moreira*
Capa, projeto gráfico e paginação *Regina Ferraz*
Imagem de capa © *Martha Barros*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barros, Manoel de, 1916- .
Poesia completa / Manoel de Barros. – São Paulo : Leya, 2010.

ISBN 9788580440003

1. Poesia brasileira I. Título.

10-01326 CDD-869.91

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

2010
Todos os direitos desta edição reservados à
TEXTO EDITORES LTDA.
[Uma editora do grupo Leya]
Av. Angélica, 2163 – Conjunto 175
01227-200 – Santa Cecília – São Paulo – SP – Brasil
www.leya.com

SUMÁRIO

Entrada – Manoel de Barros 7

Poemas concebidos sem pecado [1937] 9
Face imóvel [1942] 33
Poesias [1947] 47
Compêndio para uso dos pássaros [1960] 91
Gramática expositiva do chão [1966] 119
Matéria de poesia [1970] 143
Arranjos para assobio [1980] 167
Livro de pré-coisas [1985] 195
O guardador de águas [1989] 237
Concerto a céu aberto para solos de ave [1991] 269
O livro das ignorãças [1993] 297
Livro sobre nada [1996] 325
Retrato do artista quando coisa [1998] 355
Ensaios fotográficos [2000] 377
Tratado geral das grandezas do ínfimo [2001] 397
Poemas rupestres [2004] 423
Menino do mato [2010] 447

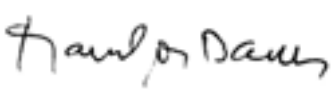
LIVROS INFANTIS

Exercícios de ser criança [1999] 469
O fazedor de amanhecer [2001] 473
Cantigas por um passarinho à toa [2003] 481
Poeminha em Língua de brincar [2007] 485

Índice remissivo 487

ENTRADA

Distâncias somavam a gente para menos. Nossa morada estava tão perto do abandono que dava até para a gente pegar nele. Eu conversava bobagens profundas com os sapos, com as águas e com as árvores. Meu avô abastecia a solidão. A natureza avançava nas minhas palavras tipo assim: O dia está frondoso em borboletas. No amanhecer o sol põe glórias no meu olho. O cinzento da tarde me empobrece. E o rio encosta as margens na minha voz. Essa fusão com a natureza tirava de mim a liberdade de pensar. Eu queria que as garças me sonhassem. Eu queria que as palavras me gorjeassem. Então comecei a fazer desenhos verbais de imagens. Me dei bem. Perdoem-me os leitores desta entrada mas vou copiar de mim alguns desenhos verbais que fiz para este livro. Acho-os como os *impossíveis verossímeis* de nosso mestre Aristóteles. Dou quatro exemplos: 1) É nos loucos que grassam luarais; 2) Eu queria crescer pra passarinho; 3) Sapo é um pedaço de chão que pula; 4) Poesia é a infância da língua. Sei que os meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas se o nada desaparecer a poesia acaba. Eu sei. Sobre o nada eu tenho profundidades.



POEMAS CONCEBIDOS SEM PECADO

CABELUDINHO

1.

Sob o canto do bate-num-quara nasceu Cabeludinho
bem diferente de Iracema
desandando pouquíssima poesia
o que desculpa a insuficiência do canto
mas explica a sua vida
que juro ser o essencial

— Vai desremelar esse olho, menino!
— Vai cortar esse cabelão, menino!
Eram os gritos de Nhanhá.

2.

Um dia deu de olho com a menina
com a menina que ficou reinando
na sua meninice

Dela sempre trazia novidades:
— Em seus joelhos pousavam mansos cardeais…
Está com um leicenço bem na polpa
quase pedi o carnegão pra isca de rubafo…

Dela sempre trazia novidades:
— A ladeira falou pro caminhão: “pode me
descer de motor parado, benzinho…”
Era o pai dela no guidão.

3.

Viva o Porto de Dona Emília Futebol Clube!!!
— Vivooo, vivaaa, urrra!
— Correu de campo dez a zero e num vale de botina!
plong plong, bexiga boa
— Só jogo se o Bolivianinho ficar no quíper
— Tá bem, meu gol é daqui naquela pedra
plong plong, bexiga boa
— Eu só sei que meu pai é chalaneiro
mea mãe é lavandeira
e eu sou beque de avanço do Porto de Dona Emília
o resto não tô somando com qual é que foi o índio
que frechou São Sebastião…
— Ai ai, nem eu
Uma negra chamou o filho e mandou comprar duzentos
de anil
— Vou ali e já volto já
Mário-Maria do lado de fora fica dando pontapés
no vento
— Disilimina esse, Cabeludinho!
plong plong, bexiga boa
— Vou no mato passá um taligrama…

4.

Nisso chega um vaqueiro e diz:
— Já se vai-se, Quério? Bueno, entonces seja felizardo
lá pelos rios de janeiros…
— Agradece seu Marcão, meu filho
— Que mané agradecer, quero é minha funda
vou matando passarinhos pela janela do trem
de preferência amassa barro
ver se Deus me castiga mesmo

Havia no casarão umas velhas consolando Nhanhá
que chorava feito uma desmanchada
— Ele há de voltar ajuizado
— Home-de-bem, se Deus quiser

Às quatro o auto baldeou o menino pro cais
Moleques do barranco assobiavam com todas as
cordas da lira
— Té a volta, pessoal, vou pra macumba.

5.

No recreio havia um menino que não brincava
com outros meninos
O padre teve um brilho de descobrimento nos olhos
— POETA!
O padre foi até ele:
— Pequeno, por que não brinca com os seus colegas?
— É que estou com uma baita dor de barriga
desse feijão bichado.

6.

Carta acróstica:

"Vovó aqui é tristão
Ou fujo do colégio
Viro poeta
Ou mando os padres…"

Nota: Se resolver pela segunda, mande dinheiro
para comprar um dicionário de rimas e um tratado
de versificação de Olavo Bilac e Guima, o do lenço.

7.

Êta mundão
moça bonita
cavalo bão
este quarto de pensão
a dona da pensão
e a filha da dona da pensão
sem contar a paisagem da janela que é de se entrar de soneto
e o problema sexual que, me disseram, sem roupa
alinhada não se resolve.

8.

— Sou uma virtude conjugal,
adivinha qual é?
— Um jambo,
um jardim outonal?

— Não.
— Uma louca,
as ruínas de Pompeia?
— Não.
— És uma estátua de nuvens,
o muro das lamentações?
— Não.
— Ai, entonces que reino é o teu, *darling*?
Me conta, te dou fazenda,
me afundo, deixo o cachimbo.
Me conta que reino é o teu?
— Não.
Mas pode pegar em mim que estou uma Sodoma…

9.

Entrar na Academia já entrei
mas ninguém me explica por que que essa torneira
aberta
neste silêncio de noite
parece poesia jorrando…
Sou bugre mesmo
me explica mesmo
me ensina modos de gente
me ensina a acompanhar um enterro de cabeça baixa
me explica por que que um olhar de piedade
cravado na condição humana
não brilha mais que anúncio luminoso?
Qual, sou bugre mesmo
só sei pensar na hora ruim
na hora do azar que espanta até a ave da saudade

Sou bugre mesmo
me explica mesmo:
se eu não sei parar o sangue, que que adianta
não ser imbecil ou borboleta?
Me explica por que penso naqueles moleques
como nos peixes
que deixava escapar do anzol
com o queixo arrebentado?
Qual, antes melhor fechar essa torneira, bugre velho…

10.

Pela rua deserta atravessa um bêbado comprido
e oscilante
como bambu
assobiando…

Ao longo das calçadas algumas famílias
ainda conversam
velhas passam fumo nos dentes, mexericando…
Nhanhá está aborrecida com o neto que foi estudar
no Rio
e voltou de ateu
— Se é pra disaprender, não precisa mais estudar

Pasta um cavalo solto no fim escuro da rua
O rio calmo lá embaixo pisca luzes de lanchas
acordadas
Nhanhá choraminga:
— Tá perdido, diz que negro é igual com branco!

11.

A última estrela que havia no céu
deu pra desaparecer
o mundo está sem estrela na testa

Foi o vento quem embrulhou minhas palavras
meteu no umbigo e levou pra namorada?

Eram palavras de protesto idiota!
Como o vento leva as palavras!

Me lembrar que o único riso solto que encontrei
era pago!
É preciso AÇÃO AÇÃO AÇÃO
Levante desse torpor poético, bugre velho.

Enfim, Cabeludinho, é você mesmo quem está aqui?
Onde andarão os seus amigos do Porto de Dona Emília?

POSTAIS DA CIDADE

O ESCRÍNIO

Um poeta municipal já me chamara a cidade de escrínio.

Que àquele tempo encabulava muito porque eu não sabia o seu significado direito.

Soava como escárnio.

Hoje eu sei que escrínio é coisa relacionada com joia, cofre de bugigangas…

Por aí assim.

Porém a cidade era em cima de uma pedra branca enorme

E o rio passava lá embaixo com piranhas camalotes pescadores e lanchas carregadas de couros vacuns fedidos.

Primeiro vinha a Rua do Porto: sobrados remontados na ladeira, flamboyants, armazéns de secos e molhados

E mil turcos babaruches nas portas comendo sementes de abóbora…

Depois, subindo a ladeira, vinha a cidade propriamente dita, com a estátua de Antônio Maria Coelho, herói da Guerra do Paraguai, cheia de besouros na orelha

E mais o Cinema Excelsior onde levavam um filme de Tom Mix 35 vezes por mês.

E tudo o mais.

Escrínio entretanto era a Negra Margarida

Boa que nem mulher de santo casto:

Nhanhá mijava na rede porque brincou com fogo de dia

— Mijo de *véia* não disaparta nosso amor, né benzinho?

— *Yes!*

Um dia Nhanhá Gertrudes fazia bolo de arroz.

Negra Margarida socava pilão.

E eu nem sei o que fazia mesmo.

Veio um negro risonho e disse sem perder o riso:

— Vãobora comigo, negra?

E levou Margarida enganchada no dedo pra São Saruê.

Daí eu fiquei naquele casarão que tinha noites de medo. Nhanhá sonhava bobagens que eu fugi de casa pra ser chalaneiro no Porto de Corumbá!

O mijo de Nhanhá sentia, no pingar, um vazio inédito e fazia uma lagoinha boa no mosaico…

Desse tempo adquiri a mania de mirar-me no espelho das águas…

A DRAGA

A gente não sabia se aquela draga tinha nascido ali, no Porto, como um pé de árvore ou uma duna.

— E que fosse uma casa de peixes?

Meia dúzia de loucos e bêbados moravam dentro dela, enraizados em suas ferragens.

Dos viventes da draga era um o meu amigo Mário-pega-sapo.

Ele de noite se arrastava pela beira das casas como um caranguejo trôpego

À procura de velórios.

Gostava de velórios.

Os bolsos de seu casaco andavam estufados de jias.

Ele esfregava no rosto as suas barriguinhas frias.

Geleia de sapos!

Só as crianças e as putas do jardim entendiam a sua fala de furnas brenhentas.

Quando Mário morreu, um literato oficial, em necrológio caprichado, chamou-o de Mário-Captura-Sapo! Ai que dor!

Ao literato cujo fazia-lhe nojo a forma coloquial.

Queria *captura* em vez de *pega* para não macular (sic) a língua nacional lá dele…

O literato cujo, se não engano, é hoje senador pelo Estado.

Se não é, merecia.

A vida tem suas descompensações.

Da velha draga

Abrigo de vagabundos e de bêbados, restaram as expressões: *estar na draga*, *viver na draga* por *estar sem dinheiro*, *viver na miséria*

Que ora ofereço ao filólogo Aurélio Buarque de Holanda

Para que as registre em seus léxicos

Pois que o povo já as registrou.

SEU MARGENS

Seu Zezinho-margens-plácidas, célebre fazedor de discursos patrióticos, agora aposentado, morava em seu sítio denominado *A Abóbora Celeste*, numa curva da estrada que procurava a Cacimba da Saúde.

Vendia passarinhos e demais produtos do sítio.

A gente negociava:

Seu Margens, dá duzentão de sabiá…

Vinham 3 sabiás: 2 de quiçaça e 1 de laranjeira.

MARIA-PELEGO-PRETO

Maria-pelego-preto, moça de 18 anos, era abundante de pelos no pente.

A gente pagava pra ver o fenômeno.

A moça cobria o rosto com um lençol branco e deixava pra fora só o pelego preto que se espalhava quase até pra cima do umbigo.

Era uma romaria chimite!

Na porta o pai entrevado recebendo as entradas…

Um senhor respeitável disse que aquilo era uma indignidade e um desrespeito às instituições da família e da Pátria!

Mas parece que era fome.

DONA MARIA

Dona Maria me disse: não aguento mais, já tô pra comprar uma gaita, me sentar na calçada, e ficar tocando, tocando…

— Mas só pra distrair?

— Que mané pra distrair! O senhor não está entendendo?

— Entendo. A senhora vai ficar sentada na calçada, de vestido sujo, cabelos despenteados, esquálida, a soprar uma gaitinha rouca, não é?

Depois as pessoas ficarão com pena da sua figura esfarrapada, tocando uma gaitinha rouca, e jogarão moedas encardidas em seu colo encardido, não é?

Seu vestido estará salpicado de mosca e lama

A senhora de três em três minutos dará uma chegada no boteco da esquina e tomará um trago

Com pouco a senhora estará balofa, inchada de cachaça, os lábios como cogumelos

Sua boca vai cair no chão

Uma lagarta torva pode ir roendo seu lábio superior pelo lado de fora

Um moleque pode passar a esfregar terra em seu olho

Ligeiro visgo começará a crescer de seus pés

Alguns dias depois sua gaita estará cheia de formiga e areia

A senhora estará cheia de lacraias sem anéis

E ninguém suportará o cheiro de seu corpo, não é assim?

Dona Maria teve um arrepio.

— Epa moço! eu não queria dizer tanto. Só pensei de comprar uma gaita, me sentar na calçada e ficar tocando, tocando… até que a vida melhorasse. O resto o senhor que inventou. Desse jeito, já estou vendo os meninos passarem por mim a gritar: — Maria Gaiteira, fiu! Maria Gaiteira, fiu fiu!

Por favor, moço, mande esses meninos embora pra casa deles. O senhor já me largou na sarjeta, já fez crescer visgo no meu pé, e agora ainda manda os moleques me xingarem…

O PRECIPÍCIO

Mariquinha-besouro desembarcou da lancha *Iguatemi* num dia aziago

Virou logo as costas para o rio, subiu a Ladeira Cunha e Cruz, entrou na cidade xingando Deus e o mundo.

Até rolar pela barranqueira

E desaparecer.

Foi parar nos fundos de um precipício.
Lá onde branquejam os ossos do Sargento Aquino, fuzilado na revolta de 1917
Debaixo de um tarumeiro.

CACIMBA DA SAÚDE

Descendo um trilheiro de pedras ladeado por cansanção
A gente *dávamos* na Cacimba
Na estrada à direita o casebre de Ignácio Rubafo, que tinha esse nome porque se alimentava de lodo.
Aberta na grande pedra da cidade a Cacimba!
De águas milagrosas
Cheinhas de sapos.
Lá
A gente *matávamos* bentevi a soco.

RETRATOS A CARVÃO

POLINA

— Como é seu nome?
— Polina
Não sabia dizer Paulina
Teria 8 anos
Rolava na terra com os bichos
Tempo todo o nariz escorrendo

— Você tem saudade do sítio, Polina?
Que tinha.
— O que você fazia lá?
Que rastejava tatu.
Voltava correndo avisar o padrasto: *lá no brenha tem uma!*
Tornasse pra casa sem rasto apanhava no *sesso*.
Era *sesso* mesmo que empregava.

Usava uma algaravia
Herdada de seus avós africanos e diversos assobios para chamar nambu
O pirizeiro estava sempre *carregado* de passarinhos…

Polina há dois meses foi-se embora de nossa casa
Um bicho muito pretinho com pouca experiência de sofrimento
Mas pra sua idade o suficiente.

CLÁUDIO

Cláudio, nosso arameiro, acampou debaixo da árvore para tirar postes de cerca
Muito brabo aquele ano de seca
Vinte léguas em redor, contam, só restava aquela pocinha dágua:
Lama quase
Metro de redondo
Palmo de fundura.
Ali tinha um jacaré morador magrento
Compartilhando essa aguinha bem pouca
De tão sós e sujos, Cláudio
E esse jacaré se irmanavam

De noite na rede estirada
Nos galhos da árvore
Cláudio cantava cantarolava:
Ai, morena, não me escreve
Que eu não sei a ler

Pra lavar a feição
Bem de cedo
Esse Cláudio abaixava no poço, batia no ombrinho magro daquele jacaré: — licença, amigo…
Que se afastava pro homem lavar-se
Que se lavava, enchia o cantil
E rumava pra cerca uma légua dali

Depois, contam, Cláudio levou esse jacaré para casa
Que vive hoje no seu terreiro
Bigiando as crianças.
Pode ser.

SABASTIÃO

Todos eram iguais perante a lua
Menos só Sabastião, mas era diz-que louco daí pra fora
— Jacaré no seco anda? — preguntava.

Meu amigo Sabastião
Um pouco louco
Corria divinamente de jacaré. Tinha um
Que era da sela dele somentes
E estranhava as pessoas.

Naquele jacaré ele apostava corrida com qualquer peixe
Que esse Sabastião era ordinário!

Desencostado da terra
Sabastião
Meu amigo
Um pouco louco.

RAPHAEL

Quando Juvêncio apareceu
Mascava uma raiz de pobreza coisa que serve!
E cuspia dentro de casa o amargo em nós.

Na trouxa
Trouxe Raphael.

Raphael não era o pintor
Nem o anjo de Raphael.

Ponhamos que fosse um anjo
O anjo de sua mãe

Petrônia descia lavandeira
Pro corgo.
Juvêncio curava do gado bicheiras
Raphael era um pouquinho miserável
Tal como sua idade o permitia.

À noite vinha uma cobra diz-que
Botava o rabo na boca do anjo
E mamava no peito de Petrônia.

Juvêncio acariciava o ofídio
Pensando fossem os braços roliços da mulher.
Petrônia tinha estremecimentos doces
Bem bom.

Cenário de luar. Segundo ato.
Papagaio louro de bico dourado estava com fome
Desceu das folhas verdes
Ou verdes folhas conforme apreciais melhor
E começou a roer um naco
Um naco da testinha tenra
De Raphael.

Havia estrelas no céu
Suficientes para o poeta mais de romântico possível
E eu poderia colocar outras peças
Muitas, além de estrelas. Porém.
Sou um pobre narrador menso
Fosse isto uma Grécia de Péricles, não vê

Que deixava passar este canto
Sem de hexâmetros entrar!

Mandava vir cítaras e eólicas harpas
Convocava
Anjos de bundas redondas e troços do fundo do mar.
Porém.

Nem toco harpas.
Só uma viola quebrada
Surda como uma porta
Mais nada.

De resto
Juvêncio não é um herói
Raphael não tem mãe Clitemnestra
E nenhuma cidade disputará a glória de me haver dado à luz.
Falo da vida de um menino do mato sem importância.
Isto não tem importância.

ANTONINHA-ME-LEVA

Outro caso é o de Antoninha-me-leva:
Mora num rancho no meio do mato e à noite recebe os vaqueiros tem vez que de três e até quatro comitivas
Ela sozinha!

Um dia a preta Bonifácia quis ajudá-la e morreu.
Foi enterrada no terreiro com o seu casaco de flores.
Nessa noite Antoninha folgou.

Há muitas maneiras de viver mas essa de Antoninha era de morte!

Não é sectarismo, titio.

Também se é comido pelas traças, como os vestidos.

A fome não é invenção de comunistas, titio.

Experimente receber três e até quatro comitivas de boiadeiros por dia!

INFORMAÇÕES SOBRE A MUSA

Musa pegou no meu braço. Apertou.

Fiquei excitadinho pra mulher.

Levei ela pra um lugar ermo (que eu tinha que fazer uma lírica):

— Musa, sopre de leve em meus ouvidos a doce poesia, a de perdão para os homens, porém… quero seleção, ouviu?

— Pois sim, gafanhoto, mas arreda a mão daí que a hora é imprópria, sá?

Minha musa sabe asneirinhas
Que não deviam de andar
Nem na boca de um cachorro!
Um dia briguei com Ela
Fui pra debaixo da Lua
E pedi uma inspiração:

— Essa Lua que nas poesias dantes fazia papel principal, não quero nem pra meu cavalo; e até logo, vou gozar da vida; vocês poetas são uns intersexuais…

E por de japa ajuntou:

— Tenho uma coleguinha que lida com sonetos de dor de corno; por que não vai nela?

FACE IMÓVEL

EU NÃO VOU PERTURBAR A PAZ

De tarde um homem tem esperanças.
Está sozinho, possui um banco.
De tarde um homem sorri.
Se eu me sentasse a seu lado
Saberia de seus mistérios
Ouviria até sua respiração leve.
Se eu me sentasse a seu lado
Descobriria o sinistro
Ou doce alento de vida
Que move suas pernas e braços.

Mas, ah! eu não vou perturbar a paz que ele depôs na praça, quieto.

RUA DOS ARCOS

A rua era assobradada
Decadente de ambos os lados
Toda espécie de gente ali
Circulava e bebia uniforme.

Uniforme era a feiura das casas —
O ar triste que elas tinham;
Mas também o ar de traição
Atrás das cortinas vermelhas.

As portas emitiam mulheres
Portuguesas de músculos brancos
E até o coração das crianças se partia
Sob o peso da coroa caída da irmã.

A viola sustava a cabeça de um cego —
Angulosa cabeça onde os fados morriam.
E entre flores amarelas
Graves gatos o escutavam.

Foi aí que de tarde eu a vi
Eu a vi passar de verde
Varando o ar sério de um guarda
Sem veneno em seus dedos

— A mulata da Lapa de verde!

OS GIRASSÓIS DE VAN GOGH

Hoje eu vi
Soldados cantando por estradas de sangue
Frescura de manhãs em olhos de crianças
Mulheres mastigando as esperanças mortas

Hoje eu vi homens ao crepúsculo
Recebendo o amor no peito.
Hoje eu vi homens recebendo a guerra
Recebendo o pranto como balas no peito.

E, como a dor me abaixasse a cabeça,
Eu vi os girassóis ardentes de Van Gogh.

AURORA NO FRONT

Das mãos caíam rezas como orvalho
Caíam rezas das mãos curvas
Sobre a aurora entrevista
No fantástico andar dos gatos.

PAZ

Esta janela aberta
As cadeiras em ordem por volta da mesa
A luz da lâmpada na moringa
Duas meninas que conversam longe…

Paz!
O telefone que descansa
As cortinas azuis que nem balançam

Mas sobre uma cadeira alguém está chorando.
Paz!

POEMA DO MENINO INGLÊS DE 1940

A rua onde eu morava foi bombardeada.

Nunca nós havíamos de pensar que uma coisa dessas pudesse acontecer realmente.

Não ficou de pé uma só de nossas casas com seus telhados vermelhos perdidos entre as folhagens.

Ontem de tarde eu vi o pai de Katy voltando do trabalho — e nunca mais o verei

Porque por onde ele passou agora as ruínas fumam silenciosamente…

Ah! nós brincávamos nas linhas dos lagos azuis.
Katy dançava de cabelos soltos no jardim
E eu compunha músicas singelas para seu corpo.
Sobre meus ombros ela chorava.

Agora parece que estou me despindo de alguém
De alguma coisa que vai morrendo dentro de mim mesmo.
Que seria? Seriam aquelas cortinas velhas de nossas janelas?
Aqueles muros tão conhecidos nossos?
Os móveis de tua casa, Katy?

Seriam os homens tão misteriosos de nossa rua?

Agora sinto que estou me despedindo de alguma coisa
De alguma coisa que está morrendo dentro de mim mesmo.

O SOLITÁRIO

Os muros enflorados caminhavam ao lado de um homem solitário
Que olhava fixo para certa música estranha
Que um menino extraía do coração de um sapo.

Naquela manhã dominical eu tinha vontade de sofrer
Mas sob as árvores as crianças eram tão comunicativas

Que me faziam esquecer de tudo
Olhando os barcos sobre as ondas…

No entanto o homem passava ladeado de muros!
E eu não pude descobrir em seu olhar de morto
O mais pequeno sinal de que estivesse esperando alguma dádiva!

Seu corpo fazia uma curva diante das flores.

DOROWA

Homens bebem à mesa
De um cabaré de Curitiba.
A obesa Marcelle, instalada,
Engole álcool de coxas flácidas.

A esquelética Lili,
No fim da noite, exausta
Fala mole e tomba
De grandes olheiras no chão.

Ó Dorowa, teus 15 anos
Entre ombros de homens bêbados
No cabaré de Curitiba!
Ó Dorowa, teus 15 anos.

Lili, Marcelle, Dorowa.
Dorowa não, Doroty…

Ó vós, que um dia chegardes
Ao cabaré de Curitiba:

Dormi com a Dorowa,
Que está dentro da Doroty.

Dormi com a Dorowa,
Ela está no fundo da Doroty
Sabei arrancá-la de lá
Na pureza dos 15 anos.

Não deixeis Dorowa morrer,
Ela é a alma que sustenta os poetas.
Não deixeis Dorowa morrer
Como rosa em peito de suicida.

UNS HOMENS ESTÃO SILENCIOSOS

Eu os vejo nas ruas quase que diariamente.
São uns homens devagar, são uns homens quase que misteriosos.
Eles estão esperando.
Às vezes procuram um lugar bem escondido para esperar.
Estão esperando um grande acontecimento.
E estão silenciosos diante do mundo, silenciosos.

Ah, mas como eles entendem as verdades
De seus infinitos segundos.

O MURO

Não possuía mais a pintura de outros tempos.
Era um muro ancião e tinha alma de gente.
Muito alto e firme, de uma mudez sombria.

Certas flores do chão subiam de suas bases
Procurando deitar raízes no seu corpo entregue ao tempo.
Nunca pude saber o que se escondia por detrás dele.
Dos meus amigos de infância, um dizia ter violado tal segredo,
E nos contava de um enorme pomar misterioso.

Mas eu, eu sempre acreditei que o terreno que ficava atrás do muro era um terreno abandonado!

NOTURNO DO FILHO DO FAZENDEIRO

O corpo na cama,
O quarto nas trevas
E o rádio que não deixava
Que não deixava pensar
Que alguém estivesse morrendo

O amoroso balbucio no portão
Ante o elefante de fícus
E o filho de fazendeiros
Que captava os movimentos primos

Ia até a infância e voltava.
(O pai deu um olhar pelos campos
E disse: — Vai ser aqui.
E fincou uma estaca no lugar.)

De tarde mandou o vaqueiro
Dar uma espiada em volta
Mas como até a noite ele não regressasse
Pegou uma carabina e saiu.

(A mãe ficou no acampamento
Cantarolando, cantarolando muito
Com o meninozinho nos braços.)

Ia até a infância e voltava.

Gostaria mais se pudesse ficar
Tem a impressão que aproveitaria melhor
Tem quase certeza.

Aprendeu alguma coisa com os anos
Só não aprendeu a odiar
Mas estava lhe parecendo
Que era uma coisa necessária nunca odiar.

SINGULAR, TÃO SINGULAR

Ó passar-se invisível pela alma da alameda de casas espaçosas
Imaginando a feição ideal dentro de cada uma!

Ir recebendo um pouco de poesia no peito
Sem lembranças do mundo, sem começo…
Chegar ao fim sem saber que passou
Tranquilo como as casas,
Cheio de aroma como os jardins.
Desaparecer.
Não contar nada a ninguém.
Não tentar um poema.
Nem olhar o nome na placa.
Esquecer.
Invisível, deixar apenas que a emoção perdure

Fique na nossa vida fresca e incompreensível
Um mistério suave alisando para sempre o coração.

Singular, tão singular…

INSTANTE ANUNCIADO

Um chapéu velho!
Eu não via seu rosto, que um velho chapéu,
Esmaecido pelo sol, cobria.
Mas sei que não chorava
E nem tinha desejo de falar.
Porque sabia que alguma coisa vinha chegando
De manso, alguma coisa vinha chegando…
Eu não via seu rosto,
Seu rosto sombreado que um velho chapéu,
Esmaecido pelo sol, cobria.
Mas sei como ele amou aquele instante
Mas sei com que prazer ele esperou
Aquela que viria com os lábios úmidos para ele
A que havia de vir passar as mãos
Pelos seus joelhos feridos.

ENSEADA DE BOTAFOGO

O corpo quase que morava ali, equilibrado nas curvas da enseada
Ao lado dos carros vermelhos que transportavam os donos da vida para seus escritórios
Ao lado dos emigrantes subjugados ao infinito
E crianças reclinadas sobre as ondas azuis.

Tantas vezes o corpo sobre as curvas, tantas
Que ficou como certas casinhas tortas, que jamais podem ser evocadas fora da paisagem.

MANSIDÃO

As casas dormiam na hora surda do meio-dia.
O corpo do homem penetrou sob árvores
Na longa quietude estendida da rua.
Tudo permaneceu sem um grito,
Um pedido de socorro sequer.
Ninguém soube se o coração vibrou.
Que sonho o acalenta ninguém adivinhou.
Ninguém sabe nada.
Não traz um lamento,
Nem marca dos pés no chão vai ficar.
Tão triste é a vida sem marca dos pés!
Tudo permaneceu sem um grito,
Um pedido de socorro sequer.
Ele passou sem calúnias
E é possível que sem corpos que o chamassem.
Ninguém soube se o coração vibrou
Porque tudo permaneceu sem fundo suspiro
No estranho momento das coisas paradas.

BALADA DO PALÁCIO DO INGÁ

Na sala de espera do Palácio do Ingá
Vou abanando a cara com o jornal do Brício.
Benjamin Constant da parede me olha.

Mas eu olho é pras medalhas do Duque de Caxias.
Ai que riquezas no Palácio do Ingá!

Os varões na parede me inspiram brasilidade.
Será que o Duque de Caxias por cima de suas medalhas
E de sua suspicácia está descobrindo meu olhar guloso
Para as coxas daquela mulher entreabertas na minha frente?

Na sala do Palácio do Ingá com uma ficha na mão
Espero para falar com o chefe do Gabinete do Interventor.
Na sala de espera do Palácio do Ingá tem uma pele de onça.
Ai que saudades do Pantanal!
Senhor, nem é tanto deste emprego que eu preciso tanto
O que eu preciso e quanto! nesta mísera tarde
É daquela mulher com as coxas entreabertas na minha frente.
E isso não tem mandamentos e nem ofende a disciplina militar.

INCIDENTE NA PRAIA

Eram mil corpos fora de casa
E um menino que atravessava a infância
De automóvel, no asfalto.

Eram bêbados, eram operários
Que sendo governados pelas mesmas leis
Cochilavam sob as árvores da rua.

Era um burro de homem projetado
Perpendicularmente aos edifícios
Que oferecia sorvete aos maiôs mais simpáticos

Nisto, o de papoila na lapela,
Delicadamente,
Vai até a onda e faz sua mijadinha

— É um garçom!
— É um poeta!
— É um jaburu!

Enquanto uns discutiam,
Outros iam tratar da vida
Isto é: iam jogar peteca.

POESIAS

FRAGMENTOS DE CANÇÕES E POEMAS

1.

Ah florescer de tarde
De amor, no cais!
Entre navios altos
E velas brancas.

Ver o pescador
Passar, como nuvem…
E a mulher deserta
Entre gerânios curvos.

Ver o menino
Com paletó de crepúsculo
E as árvores cor de cinza

Perto do muro.
Árvore e menino
Dobrados, na chuva.

2.

São mil coisas impressentidas
Que me escutam:

O movimento das folhas
O silêncio de onde acabas de voltar
E a luz que divide o corpo do nascente

São mil coisas impressentidas
Que me escutam:
São os pássaros assustados, assustados,
Tuas mãos que descobrem o convite da terra
E os poemas como ilhas submersas…

São mil coisas impressentidas
Que me escutam:
Sou eu apreensivamente
Solicitado pela inflorescência
Redescoberto pelo bulir das folhas…

3.

Provavelmente sobre as frondes viriam os pássaros cantar
Levando-me até os caminhos indecisos da aurora.
Entretanto havia uma pergunta que me desafiava
E um desejo obscuro nas mãos de apanhar objetos largados na tarde…

Fui andando…
Meus passos não eram para chegar porque não havia chegada
Nem desejos de ficar parado no meio do caminho.
Fui andando…

As coisas eram simples.
Nem gaivotas no mar imperturbável,
Mas havia uma pergunta que me desafiava

E os mistérios se encontravam como dois números e se completavam
Em meu rosto… Nada posso fazer, pensei.
E fui apanhando objetos largados na tarde
Com as ruínas do outono em que vicejo.

4.

Que rosa esplendente é o amor!
Que maravilha adorar!

Tenho certeza que ando perdida
E que o Senhor me perdoará.

Que fazer com o rosto de amora
No instante dele chegar?

Meus olhos negros de sonhos
Minha boca de beijar?

(No campo as árvores dormem
Banhadas em luz de luar…)

Meu corpo pra que me serve
Senão pra desabrochar
Entre as colinas noturnas
Na hora dele chegar?

5.

Vadio e evadido
Vagabundeio só.

Amo a rua torta
E do mar o odor.

Dos muros as mossas,
Dos púcaros o frescor
Amo. E as uvas esmagadas.
E do mar o odor.

Vou tangido e raro!
Tangido vou.
Suspenso de ventos
Do mar, pelo odor.

6.

Ferido de amor e morte
Ando à procura de paz.
Cadê teu rosto de brumas,
Para meu ombro desabado?

Meus pés de urzes e barcos,
Magoei-os pelos caminhos.
Soprem ventos do oceano
Sobre as flores e os espinhos…

Casa entre grades e rosas
Com portão de ferro arqueado.
— Sonhe o menino perdido
Com seus ombros desabados.

7.

Para quem guardei na minha carne
As cicatrizes das batalhas perdidas? E os sulcos

Regados pelas chuvas de abril? Para que
Guardei as colinas do meu corpo? Senão
Para ele caminhar… E minhas mãos de aurora
Senão para ele acariciar? E meus cabelos negros?
Ai, não sei. Não posso enganar-te, Pai. Aberta
Estou, como pétalas noturnas,
Para os astros. Minha boca silenciosa.
Ficarei inclinada levemente para ele
Como torre. Inclinada para sua violência.
Ele me fará frutificar como as árvores na chuva.
Florescer entre pedras, aves e astros. Abrir-me
Como as rosas da noite, ao luar.
Ele terá meu corpo, minha vida, meus sonhos.
Ele terá minhas cicatrizes.
E as colinas de meu corpo. Lívida,
Lívida ele me possuirá.

8.

A boca está aberta, seca e escura
De raízes mortas…
Encontro restos de orvalho
No rosto da terra, e os bebo

Ao silêncio do enxofre que penetra
Deito-me para germinar…
Ouço fluir a seiva
Ouço o caule crescer

Do ventre que gesta sob ramas…
Uma flor de moliços depois
Irá comendo o contorno dos lábios
E as mãos sem despedidas.

Corpo em árvore feito
Serei como talha de pedra
Na terra, com molduras de fresco
E hortênsias…

Ervas tolhiças crescerão
Nos interstícios do ser
E o que foi música e sede de sarças
Há de ser pasto de águas…

9.

Rosto seco
E seco
De ventos…
Espinheiro seco
E duro.
Roseira no muro seco.
Rosto seco de feno
Queimando-se,
Queimando-se
Na terra…
……
Ó branco ombro de minha casa antiga!
Quanto desejo de amar,
De fugir,
De padecer,
De pedra ser, que me dava
Nas tardes da fazenda!
Quanto desejo de chuvas
E de rebrotos
E de renovos
E de ombros nus

E de amoras
Sobre as raízes descobertas!
.....
.....
Depois eu saía correndo pelos caminhos molhados.
Havia um frescor de musgos na boca da terra.

10.

Inocência animal exercida
Nessa tarde que abriga violetas
E éguas cobertas. Água esquiva.
Nitidez de sábado.
Chover nos braços de alguém!
E essa espera nunca interrompida
De ser levada, de ser arrastada
Com as mãos. Claros jardins!
Dia de ficar em casa
Dentro do corpo — como em seu estojo
Um instrumento.

11.

Aqui: ardo e maduro.
Compreendo as azinheiras.
Compreendo a terra podre e fermentada
De raízes mortas.

Compreendo a presciência do fruto
Na carne intocada.

E assisto crescerem
Frescos, nessa carne, os teus dedos.

Compreendo esse garfo na terra
A germinar ferrugens
Sob laranjais…

E o grão que semearam na pedra.
E mais: os troncos rugosos
Pendendo suas bocas para as águas.

12.

Meus ombros emigram de mim para os pássaros.
E o corpo foge, roçando nos cactos secos do deserto.

Ó Deus, amparai-me.

Os limites me transpõem!

13.

Cravos cegos no ocaso.

Uma botina (barco de homem) ao relento.
Musgos a invadem.

Que viço de morte!
E ostras agarradas em meu ermo.

14.

Seria homem ou pássaro?
Não tinha mãos.
Vestígios de sua boca iam para flor.
Havia uns sonhos
Dependurados como roupa.
Uns podres ornamentos de pano e móbiles

Gâmbias dispersas,
Cata-vento. Perto
Havia um barco.
Barco ou peixe?
Não pude precisar.
Vi o homem andando para semente
E a semente no escuro remando para raiz.

15.

Era fonte fria?
Rosa entreaberta?
Pássaro canoro? Era
Boca?

Se era fonte,
Se era boca,
Me esqueci.

Dava na horta?
Dava no gado?
Era peste, praga,
Era brejo dissoluto
De miasmas, ou apenas
Boca?

Estava coberta de pó
E esquecimento.
Alimentava insônias.

As pessoas mais velhas preveniam: lembravam de veneno, e empregavam as palavras inferno, abismo e perdição para defini-la.

Entanto era rubra,
E lúcida.
Era fresca:
Parecia poço debaixo de árvores.

16.

Ai, sossego de terras pisadas por mim…
E os silêncios caídos como folhas
Nos limites de uma tarde aberta…
Que importa que a criatura se surpreenda
Sem paisagem, e presa à sua carne?
Se esta rosa pousada em tua boca
Tão molhada de chuvas! se abandone
Ao esquecimento. E se refaz em caule,
Em beijo, em sono. Ou se corrompe
Como um homem exposto numa mesa —
Como um rio cria o seu lodo e o afoga.

OLHOS PARADOS

a Mário Calábria

Ah, ouvir mazurcas de Chopin num velho bar, domingo de manhã!

Depois sair pelas ruas, entrar pelos jardins e falar com as crianças.

Olhar as flores, ver os bondes passarem cheios de gente,
E, encostado no rosto das casas, sorrir…

Saber que o céu está lá em cima.

Saber que os olhos estão perfeitos e que as mãos estão perfeitas.

Saber que os ouvidos estão perfeitos. Passar pela igreja.
Ver as pessoas rindo. Ver os namorados cheios de ilusões.

Sair andando à toa entre as plantas e os animais.
Ver as árvores verdes do jardim. Lembrar das horas mais apagadas.
Por toda parte sentir o segredo das coisas vivas.
Entrar por caminhos ignorados, sair por caminhos ignorados.

Ver gente diferente de nós nas janelas das casas, nas calçadas, nas quitandas.
Ver gente conversando na esquina, falando de coisas ruidosas.
Ver gente discutindo comércio, futebol e contando anedotas.
Ver homens esquecidos da vida, enchendo as praças, enchendo as travessas.

Olhar, reparar tudo em volta, sem a menor intenção de poesia.
Girar os braços, respirar o ar fresco, lembrar dos parentes.
Lembrar da casa da gente, das irmãs, dos irmãos e dos pais da gente.
Lembrar que eles estão longe e ter saudades deles…

Lembrar da cidade onde se nasceu, com inocência, e rir sozinho.
Rir de coisas passadas. Ter saudade da pureza.
Lembrar de músicas, de bailes, de namoradas que a gente já teve.
Lembrar de lugares que a gente já andou e de coisas que a gente já viu.

Lembrar de viagens que a gente já fez e de amigos que ficaram longe.

Lembrar dos amigos que estão próximos e das conversas com eles.

Saber que a gente tem amigos de fato!

Tirar uma folha de árvore, ir mastigando, sentir os ventos pelo rosto…

Sentir o sol. Gostar de ver as coisas todas.

Gostar de estar ali caminhando. Gostar de estar assim esquecido.

Gostar desse momento. Gostar dessa emoção tão cheia de riquezas íntimas.

Pensar nos livros que a gente já leu, nas alegrias dos livros lidos.

Pensar nas horas vagas, nas horas passadas lendo as poesias de Anto.

Lembrar dos poetas e imaginar a vida deles muito triste.

Imaginar a cara deles como de anjos. Pensar em Rimbaud,

Na sua fuga, na sua adolescência, nos seus cabelos cor de ouro.

Não ter ideia de voltar para casa. Lembrar que a gente, afinal de contas,

Está vivendo muito bem e é uma criatura até feliz. Ficar admirado.

Descobrir que não nos falta nada. Dar um suspiro bom de alívio,

Olhar com ternura a criação e ver-se pago de tudo.

Descobrir que, afinal de contas, não se possui nenhuma queixa

E que se está sem nenhuma tristeza para dizer no momento.

Lembrar que não sente fome e que os olhos estão perfeitos.
Para falar a verdade, sentir-se quite com a vida.

Lembrar dos amigos. Recordar um por um.
Acompanhá-los na vida.
Como estão longe, meu Deus! Um aqui. Outro lá, tão distantes…
Que fez deste o destino? E daquele?
Quase vai se esquecendo do rosto de um… Tanto tempo!

Ter vontade de escrever para todos os amigos.
Ter vontade de lhes contar a vida até o momento presente.
Pensar em encontrá-los de novo. Pensar em reuni-los em torno de uma mesa,
Uma mesa qualquer, em um lugar que a gente ainda não escolheu.

Conversar com todos eles. Rir, cantar, recordar os dias idos.
Dar uma olhadela na infância de cada um. Aquele era magro, Venício…
Aquele outro era gordo, Abelardo… Aquele outro era triste.
Ai, não esquecer jamais este último, porque era um menino triste.

Como andarão agora? Naturalmente, mais velhos.
Talvez eu não conhecerei alguns. Naturalmente, mais senhores de si.

Naqueles, naturalmente, para quem o mundo deve ter sido menos bom.

Pensar que eles já vêm. Abrir os braços.
Procurar descobrir, no mundo que os envolve,

Alguma voz que tenha acento parecido,
Algum andar que lembre o andar longínquo de algum deles…

Ah como é bom a gente ter infância!
Como é bom a gente ter nascido numa pequena cidade banhada por um rio.
Como é bom a gente ter jogado futebol no Porto de Dona Emília, no Largo da Matriz,
E se lembrar disso agora que já tantos anos são passados.
Como é bom a gente lembrar de tudo isso. Lembrar dos jogos à beira do rio,
Das lavadeiras, dos pescadores e dos meninos do Porto
Como é bom a gente ter tido infância para poder lembrar-se dela
E trazer uma saudade muito esquisita escondida no coração.

Como é bom a gente ter deixado a pequena terra em que nasceu
E ter fugido para uma cidade maior, para conhecer outras vidas.
Como é bom chegar a este ponto de olhar em torno
E se sentir maior e mais orgulhoso porque já conhece outras vidas…

Como é bom se lembrar da viagem, dos primeiros dias na cidade,
Da primeira vez que olhou o mar, da impressão de atordoamento.
Como é bom olhar para aquelas bandas e depois comparar.

Ver que está tão diferente, e que já sabe tantas novidades…
Como é bom ter vindo de tão longe, estar agora caminhando
Pensando e respirando no meio de pessoas desconhecidas
Como é bom achar o mundo esquisito por isso, muito esquisito mesmo
E depois sorrir levemente para ele com os seus mistérios…

Que coisa maravilhosa, exclamar. Que mundo maravilhoso, exclamar.
Como tudo é tão belo e tão cheio de encantos!
Olhar para todos os lados, olhar para as coisas mais pequenas,
E descobrir em todas uma razão de beleza.

Agradecer a Deus, que a gente ainda não sabe amar direito,
A harmonia que a gente sente, vê e ouve.
A beleza que a gente vê saindo das rosas; a dor saindo das feridas.
Agradecer tanta coisa que a gente não pode acreditar que esteja acontecendo.

Lembrar de certas passagens. Fechar os olhos para ver no tempo.
Sentir a claridade do sol, espalmar os dedos, cofiar os bigodes,
Lembrar que tinha saído de casa sem destino, que passara num bar, que ouvira uma mazurca,
E agora estava ali, muito perdidamente lembrando coisas bobas de sua pequena vida.

A BOCA

Por mim passavas
— a água mais pura —
e eu sofri sede.

Agora penso
nessa abertura
com que por anos
me envenenaste,
com que por anos
a minha infância
tornaste impura,
tornaste indigna
de andar ao lado
de outras infâncias…
Agora penso
deixar na fenda
de tua boca,
dissimulada,
todo o veneno
de que me inundas.
Porém és morta
resignada,
ó boca amarga
de namorada
nunca atingida,
sempre anelada,
boca perdida
para as saudades,
jamais beijada.

Dorme entre flores.

(Será dos anjos?)

Vai para os anjos
vai para os pássaros
do firmamento,
ó boca amarga,
que me enganavas
com aquele riso
posto no canto!

Por mim passavas
— a água mais pura —
e eu sofri quanto.

Estás no seio
da morte, quente
como na terra;
me conturbavas
como na rua
tu exibias
teus belos dentes…

Vai, grota rasa!

Flor obscura
na minha infância
desabrochada,
continuada
na adolescência
perto de casa,
na vizinhança,
solta na rua
como uma fruta

covil aberto
de mil acenos,
cobra na rua
que me mordia,
que me injetava
sutis venenos…

Vai, pesadelo,
noites de insônia,
pura miragem
de minha sede;
vai para o diabo
que te carregue,
não me persiga:
sai, boca morta!

NA ENSEADA DE BOTAFOGO

Como estou só: Afago casas tortas,
Falo com o mar na rua suja…
Nu e liberto levo o vento
No ombro de losangos amarelos.

Ser menino aos trinta anos, que desgraça
Nesta borda de mar de Botafogo!
Que vontade de chorar pelos mendigos!
Que vontade de voltar para a fazenda!

Por que deixam um menino que é do mato
Amar o mar com tanta violência?

ODE VINGATIVA

Ela me encontrará pacífico, desvendável
Vendável, venal e de automóvel.
Ela me encontrará grave, sem mistérios, duro
Sério, claro como o sol sobre o muro.

Ela me encontrará bruto, burguês, imoral,
Capaz de defendê-la, de ofendê-la e perdoá-la;
Capaz de morrer por ela (ou então de matá-la)
Sem deixar bilhete literário no jornal.

Ela me encontrará sadio, apolítico, antiapocalíptico
Anticristão e, talvez, campeão de xadrez.
Ela me encontrará forte, primitivo, animal
Como planta, cavalo, como água mineral.

A VOLTA

Ele sentou-se no barro.
Ele sentou-se ao pé dele.
Ele estava ferido no braço.
Olhos um pouco vazios.

Reparou bem na sua voz.
Disse que era feliz.
Ele falou qualquer coisa
Sobre os homens, e se calou.

Ficou escutando a noite,
O campo, as árvores velhas
Que se perdiam na treva —
E a música do silêncio.

Abraçou-a. Os cabelos negros
Pareciam-lhe mais brilhantes.
Passou a mão áspera no rosto
Na doce linha dos lábios.

Falou pouco. Recordou
O frio, o passo dos muares
Pelas estradas de lama
E as cerejeiras em flor.

Mostrou a cicatriz do braço.
Ela deu um suspiro fundo
E apalpou as mãos apagadas
Daquele que havia regressado.

Depois convidou-o de manso,
Pegou no seu braço ferido,
Deu-lhe um pouco de beber
E água para lavar-se.

Ficou perto ouvindo o ruído
Da água na barba áspera,
Enquanto seu corpo aspirava
O amor daquele homem.

Olhou seus ombros. Há quanto tempo
Não os via…
Olhou as pernas, ainda eram firmes.
Que doce vida esquisita!

Não pensava mais ouvi-lo,
Nem amá-lo nunca mais.

Tanto tempo… Já pensava
Que o mundo o havia levado.

Mas agora estava ali
Se lavando. Os mesmos olhos.
Só um pouco mais fatigados.
A mesma fronte, contudo

Talvez um pouco mais terna,
Porque mais triste. E, agora,
Que tinha os olhos mais velhos,
Queria beijá-los tanto!

Perguntou sobre a filhinha
Os amigos e a política.
Fez um jeito de quem suspira
E sorriu para todas as coisas…

Decerto tinha muita coisa
De que sorrir (ela pensou)
Aquilo não era à toa
E ficou olhando para longe…

PEDIDO QUASE UMA PRECE

a Nelson Nassif

Senhor, ajudai-nos a construir a nossa casa
Com janelas de aurora e árvores no quintal —
Árvores que na primavera fiquem cobertas de flores
E ao crepúsculo fiquem cinzentas como a roupa dos pescadores.

O que desejo é apenas uma casa. Em verdade,
Não é necessário que seja azul, nem que tenha cortinas de rendas.
Em verdade, nem é necessário que tenha cortinas.
Quero apenas uma casa em uma rua sem nome.

Sem nome, porém honrada, Senhor. Só não dispenso a árvore,
Porque é a mais bela coisa que nos destes e a menos amarga.
Quero de minha janela sentir os ventos pelos caminhos, e ver o sol.
Dourando os cabelos negros e os olhos de minha amada.

Também a minha amada não dispenso, meu Senhor.
Em verdade ela é a parte mais importante deste poema.
Em verdade vos digo, e bastante constrangido,
Que sem ela a casa também eu não queria, e voltava pra pensão.

Ao menos, na pensão, eu tenho meus amigos
E a dona é sempre uma senhora do interior que tem uma filha alegre.
Eu adoro menina alegre, e daí podeis muito bem deduzir
Que para elas eu corro nas minhas horas de aflição.

Nas minhas solidões de amor e nas minhas solidões do pecado
Sempre fujo para elas, quando não fujo delas, de noite,
E vou procurar prostitutas. Ó Senhor, vós bem sabeis
Como amarga a vida de um homem o carinho das prostitutas!

Vós sabeis como tudo amarga naquelas vestes amassadas
Por tantas mãos truculentas ou tímidas ou cabeludas
Vós bem sabeis tudo isso, e portanto permiti
Que eu continue sonhando com a minha casinha azul.

Permiti que eu sonhe com a minha amada também, porque:
— De que me vale ter casa sem ter mulher amada dentro?
Permiti que eu sonhe com uma que ame andar sobre os montes descalça
E quando me vier beijar faça-o como se vê nos cinemas…

O ideal seria uma que amasse fazer comparações de nuvens com vestidos, e peixes com avião;
Que gostasse de passarinho pequeno, gostasse de escorregar no corrimão da escada
E na sombra das tardes viesse pousar
Como a brisa nas varandas abertas…

O ideal seria uma menina boba: que gostasse de ver folha cair de tarde…
Que só pensasse coisas leves que nem existem na terra,
E ficasse assustada quando ao cair da noite
Um homem lhe dissesse palavras misteriosas…
O ideal seria uma criança sem dono, que aparecesse como nuvem,
Que não tivesse destino nem nome — senão que um sorriso triste
E que nesse sorriso estivessem encerrados
Toda a timidez e todo o espanto das crianças que não têm rumo…

……

Senhor, ajudai-nos a construir a nossa casa
Com janelas de aurora e árvores no quintal —
Árvores que na primavera fiquem cobertas de flores
E ao crepúsculo fiquem cinzentas como a roupa dos pescadores…

VIAGEM

Rude vento noturno arrebatou-me
Para longe da terra, nu e impuro.
Perdi as mãos e em meio ao oceano escuro
Em desespero o vento abandonou-me.

Perdido, rosto de água e solidão,
Adornei-me de mar e de desertos.
Meu paletó de azuis rasgões abertos
Esconde amanhecer e maldição…

Um deserto menino me acompanha
Na viagem (que flores deste caos!)
E em rosa o sol me veste e me inaugura.

Dou às praias de Deus: a alma ferida,
As mãos envenenadas de ternuras
E um buquê de carnes corrompidas.

A ESPERA

Vejo sempre um homem ao lado das casas,
Olhando-as de frente como se elas fossem pessoas íntimas.

Vejo-o passando pelas casas comovido, afagando as mais pobres,
Satisfeito com a paz que lhe transmitem.
Vejo um homem caminhando pequeno na rua sem nome.
Vejo-o com o seu ocaso e o seu casaco de iodo às costas.
Vejo a erva depois crescer na pedra, e vejo, no coração,
O amor germinar como um rápido clarão na tempestade.
Esse homem não sabe como agradecer a penumbra que o esconde.
Vejo-o tocando com os seus dedos uns objetos esquecidos na tarde…
Vejo-o depois andar sobre a cidade errante errante como os cães vagabundos
E adormecer nas pedras junto ao mar.

NOÇÕES DE RUAS

As ruas inventam poetas que já nasceram tristes.
As ruas descobrem esses cachorros gentis puxando suas donas para debaixo dos postes.
De um modo geral os cachorros são bonitinhos e as donas não correspondem
O que é uma pena.
Há ruas que engendram casas
Onde teus joelhos crescem
Como nuvens…

Outras aguentam anos inteiros no subúrbio
Com a mesma pobreza e honradez de um homem só como Jó.
Até que um dia chega um seresteiro, desonra uma colegial no terreno baldio

E a colegial é encontrada no capim, de borco,
Cheia de formiga nos olhos vidrados…

A rua pega fama
E deita na cama.

Certa feita
Uma rua de subúrbio, há muitos anos,
Botou no meu encalço uma de suas casas
Com jardinzinho fronteiro
Só para enternecer…
De fato: seu jardinzinho
Seu gato
Sua dona (os joelhos brancos à mostra!)
O pé de manacá
E mais aquelas suas grades, tão roídas de ferrugens, quase me arrebentam de ternuras idiotas…
Que descontrole louco, meu Deus!
Se não me agacho me casava naqueles joelhos…

Essas doces ruinhas mortas ou alamedas
Esquecidas em sua tranquilidade de coisas anônimas — cuidado com elas!
São infestadas de lobos solitários…

LEMBRANÇAS

Panamá embicado, o homem chegou
Montado em cavalo branco; parou
Diante do copiar; falou três palavras;
Sorriu… Meu avô descarregou seis balas.

Subitamente o palco alterou-se.
Eu estava com dezessete anos, diante do mar!
Lia Knut Hamsun.
Meu vagabundo tocava em surdina…

Um grande rio de poesia
Atravessava-me, doce…

A VOZ DE MEU PAI

Sou um sujeito magro
Nasci magro.
Estou nos acontecimentos
Como num vendaval: dobrado
Recurvo de espanto
E verdes…

Circulo sob arranha-céus.
Vivo debaixo de cubos:
Na direita, na esquerda
De lado, ao sul
Pelo norte… Vou no meio assustado.
Um pequenino ser com a sua morte dentro,
Com seu ombro desabado
E seus braços descidos pelo caos do corpo.

Sou ligado por cordões e outros aparelhos secretos a um escritório complicado.

Portas mecânicas me subtraem e me devolvem súbito ao negro asfalto.

Entro e saio do edifício que come meu rosto e o cunha na pedra.
Varo becos, bancos e buzinas.

À noite, porém (ó cidade tentacular!),
Me rendo.
Resfolegante como um boi, paro.
Vasta campina azul de água me olha, me contempla, me aglutina
E suja-me de iodo a roupa…
— É o mar!
Meu rosto recebe a brisa do mar.

Fecho os olhos.
Descanso.
Os ventos levam-me longe…
Longe…

Entro na casa onde nasci.
O tempo emprestou sem dó uma cor amarelada às suas paredes.
Um amarelo sujo nas raízes, um amarelo de urina de crianças nas paredes.

Lembro-me bem.
Era um casarão baixo.
Crianças lambiam o barro das paredes.
Na solidão rondavam cavalos.
Bezerros mascavam a roupa dos vaqueiros.

Chegava que um dia
O homem encontrava cobras dormindo na canga dos bois.

— Sinal de enchente… resmungava… e dispois grande!

Bem-te-vis se equilibravam como fantasmas patéticos na anca pontiaguda dos cavalos,

Que os meninos perseguiam com os seus arreios…

Vaqueiros vinham sentar-se à porta do galpão, de tarde

Olhando as nuvens…

Galinhas ciscavam por ali, no meio do bamburro.

No algibe repleto, o sapo sentado como um doutor.

As águas subiam… Entravam no rancho.

A mulher se refugiava no jirau com os filhos, e lá ficava dois meses até que as águas baixassem.

O homem chegava de canoa, dava notícias do gado, e dormia.

Que solidão!

Jacarés passeavam dentro da casa, pelas peças vazias, apanhando peixes na gaveta das mesas…

……

Abro os olhos para pensar nos homens que me viram crescer.

Homens tristes como seus cavalos.

Abro os olhos e sinto

E sei

Que a força que me inclina hoje para a terra

Essa avidez que as minhas mãos possuem

E a frescura que minha alma adquire quando as chuvas molham estas plantas,

A vontade de sair sozinho, de noite, e de chorar copiosamente sobre as ruínas —

Sei bem
Que todas essas coisas têm raízes na casa
No menino selvagem que deixava crescer os cabelos
Até caídos na estrada
Colhidos, como flor de lixeira
Na estrada…

Fecho os olhos de novo.
Descanso.

Logo sinto fluir de mim
Como um veio de água saindo dos flancos de uma pedra,
A imagem de meu pai.
Ouço bem seu chamado.
Sinto bem sua presença.
E reconheço o timbre de sua voz:
— Venha, meu filho,
Vamos ver os bois no campo e as canas amadurecendo ao sol,
Ver a força obscura da terra que os frutos alimenta,
Vamos ouvi-la e vê-la:
A terra está úmida e os potros ariscos a riscam de seus empinos e de suas soltas crinas,
Vamos,
Venha ver as cacimbas dormindo repletas!
Venha ver que beleza!
— No bojo quieto das águas robafos engolem lodo!

Abro os olhos.
Não vejo mais meu pai.
Não ouço mais a voz de meu pai.
Estou só.
Estou simples.

Não como essa poderosa voz da terra com que me estás chamando, pai —
Porque as cores se misturam em teu filho ainda
E a nudez e o despojamento não se fizeram em seu canto; mas simples
Por só acreditar que com meus passos incertos eu governo a manhã
Feito os bandos de andorinha nas frondes do ingazeiro.

O MORTO

I

A chuva lavou
As pessoas do morto
E lavou o morto
Com a sua fisionomia
De torto
E com seus pés de morto
Que arrastava um rio seco
E suas mãos de morto
Onde se dependurou
Insistente, um gesto oco.
À noite enterrou-se
O homem
Na raiz de um muro
Com sua roupa no corpo.
E a chuva regou no horto
Desse vitorioso
Homem morto
Enormes violetas
E uns caramujos férteis…

O MORTO

II

Veja esse morto como esgotou um por um seus segredos.
Sentado como um doutor
Veja que respeito nutre pelo silêncio…
Que morto!
Um piano dormindo no fundo de um poço
Não é mais cômodo do que um homem morto num porto.
Veja que comodidade.
Ele não usará seus dedos secos nunca mais para pegar em moças…
Que morto!

RETRATO

O homem possuía:
Um ocaso
E duas mãos.

Lembrava
Uma rosa seca
Num porto.

Lembrava também
Pássaro adunco
Na ponta de uma península.

Uma tarde
Pousou
(como um pardal)

No banco
De uma praça.

Lembrava:
Um corgo atrás de um sobrado
Um lápis numa ilha.

INFÂNCIA

Coração preto gravado no muro amarelo.
A chuva fina pingando… pingando das árvores…
Um regador de bruços no canteiro.

Barquinhos de papel na água suja das sarjetas…
Baú de folha de flandres da avó no quarto de dormir.
Réstias de luz no capote preto do pai.
Maçã verde no prato.

Um peixe de azebre morrendo… morrendo, em dezembro.
E a tarde exibindo os seus
Girassóis aos bois.

CRÔNICA DO LARGO DO CHAFARIZ

Que Largo!
Dez casebres de banda
Se escorando nos pássaros.

No centro
Um chafariz resseco bota grama pela boca.
Líquenes comem sapatos.

Vidas mortas…
Galinhas ciscam na porta do armazém.
Um menino às seis horas da tarde puxa um bode pela corda.

Que Largo!
Um negro em trapos dorme encostado a um muro
De pedras secas.

Sossego…
O Largo do Chafariz boceja.
Farmacêutico rengo sobe uma rampa.

ZONA HERMÉTICA

De repente, intrometem-se uns nacos de sonhos;
Uma remembrança de mil novecentos e onze;
Um rosto de moça cuspido no capim de borco;
Um cheiro de magnólias secas. O poeta
Procura compor esse inconsútil jorro;
Arrumá-lo num poema; e o faz. E ao cabo
Reluz com a sua obra. Que aconteceu? Isto:
O homem não se desvendou, nem foi atingido:
Na zona onde repousa em limos
Aquele rosto cuspido e aquele
Seco perfume de magnólias,
Fez-se um silêncio branco… E aquele
Que não morou nunca em seus próprios abismos
Nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas
Não foi marcado. Não será marcado. Nunca será exposto
Às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema.

O CAVALO MORTO

Na planície um cavalo
Mina em seu couro…
Urubus desplanam
E planam serenos.

O cavalo está enorme e derrete-se.
De sob seu dorso que se faz húmus
Uma florzinha azul reponta solidão.

Borboletas amarelas pousam na solidão.

NA RUA MÁRIO DE ANDRADE

Na rua Mário de Andrade
vou andar —
por ter sido Tarumã
e hoje ser Mário de Andrade

Ainda não sei onde é
mas vou procurar —
na rua Mário de Andrade
vou andar…

Vou ir com Macunaíma
rente às paredes
vou ir com Mário de Andrade

Ele, Mário, me diz: é preciso
flanar…

Eu digo a ele — ó Mário,
era o que eu ia te falar

É preciso flanar em ruas
— os passos levando sempre
para nenhum lugar

E Mário me diz: — Poeta,
nenhum-lugar é o melhor
lugar de um poeta chegar

Não há que ter nem começo
nem fim
essa antiga rua Tarumã

Como serão seus moradores?
Vou até lá
Saberão quem foi esse homem
bom — o da rua Lopes Chaves? Bem —
mas também ele não sabia
quem fora Lopes Chaves

Não há como não saber
quem foi o nome da rua
em que se morou ou vai morar

Se nome de gente, é bom
que ele desapareça
completamente

Não seja mais nem lembrança
nem a sombra de um homem
— como queria o poeta Bandeira

Talvez melhor conservar
rua Tarumã
mas vai ver que lá não existe
um pé de tarumã!
sequer uma criança
que conheça tarumã

Domingo hoje depois
da minha missa
vou para lá
flanar…

Conto que tenha alguma parede
que me surpreenda
com as suas nódoas e seus caramujos
passeando…

Talvez eu veja algum homem lá
que me comova
ou mulher que me deslumbre
ou criança que me entristeça
para o resto da vida

Ou pássaro em alguma árvore
que me aclare o negro dia
com seu canto álacre

Ou poça de chuva na calçada
limpa — que me alimpe o coração.

Uma casa com jardim na frente
e um jardineiro ancião
tocando a raiz de uma flor

Se houver flores nessa rua
Mário de Andrade — a todos nós
ela agradará

Se houver sobrados líricos
com janelas azuis ou verdes — pronto!
nada mais necessário será
para nutrir uns sonhos brancos…

No fundo vê-se o pai lendo
as suas coisas —
a esposa diligencia o almoço
Haverá uma estampa do camponês
de Millet
e os filhos brincando — que ternura!

Ainda não sei como é
a rua Mário de Andrade;
mas vou — a campear —
que sou um campeador de ruas
pequenas… É um fraco que tenho.

Mas,
há de ser como ele foi
essa rua Mário de Andrade: simples
amiga — uma rua companheira —
uma grande alma de rua —
uma rua de óculos, de cara enorme
e de uma enorme ternura debaixo dos óculos…

Rua Mário de Andrade…

CONTINHO À MANEIRA DE KATHARINE MANSFIELD

Perdera mais aquele seu dia encantador que, bem usado, poderia, quem sabe? transformar-se em alguma coisa útil ou de cristal.

Perdera-o entre sonhos e perguntas.

E agora a noite era dos sapos.

E sua boca cheia quase foi entrando para o reino vegetal, escorrendo seiva

E entoando sumarentos beijos. Ela desconfiava.

Os ramos sempre tratavam de adormecer os seus pássaros, friorentos, agasalhando-os.

Dava vontade de saltar pelos muros do quintal onde estava

Ganhar a rua e errar pelos cantos, entre pessoas…

Os braços crescendo, espalhando-se, lavavam-na toda de enormes silêncios.

Seus pés na areia fofa dormiriam… Como raízes?

Sombras acordavam nas trepadeiras.

Se os pensamentos tivessem voz despertariam com certeza os galos empoleirados nas cercas

E as borboletas no pé de tamarindo, e todos os patinhos que estavam dormindo debaixo das árvores.

Lúcia passeia amorosamente seus dedos pelos troncos revelhos — e sobe.

Agora seu quarto parece impregnar-se de um cheiro bom de mato…

ENCONTRO DE PEDRO COM O NOJO

A rosa reteve Pedro. E a mão reteve a música como paisagem de água na retina.

Era noite no bairro do Flamengo. As pensões de estudantes dormiam nas transversais.

Pedro mergulhado em trevas, no quarto, pensa no rouxinol e na bomba atômica.

As coisas mais importantes lhe aconteciam no escuro, como a surpresa de uma flor desabrochada à noite.

Pedro recebe uma brisa no rosto e se olha, inundado de solidão. Se chorasse poderia dormir depois. Prefere andar.

Pedro carrega a beleza como um prédio em ruínas. Desce as escadas e ganha a rua.

Pedro anda tendo temores esquisitos. Por exemplo: que desapareçam os fracos da face da terra e restem apenas pessoas blindadas de sol.

Teme que desapareçam as criaturas roladas dos abismos de Deus, com seus andrajos, com as suas cicatrizes.

Pensou em plantar uma árvore. Em pensamento viu-se desmembrado, seu corpo espalhado nos pedaços de um espelho.

Entrou numa pequena rua. Viu pássaros roubando suicidas. Meninos carregando escadas. Respirou um odor de mofo e rosas velhas.

Estava bem longe agora de seu quarto pobre. Seu paletó estaria dependurado no cabide. Esmeralda, a mulata, se surpreenderia de não encontrá-lo àquela hora.

Pedro começa a esfregar os olhos para espantar Esmeralda; mas ela vinha de flancos nua rolar na aresta dos desejos.

Vinha de chapéu de breu e sonos… Distraiu-se afinal vendo os azulejos roídos pelos peixes do Ministério da Educação.

Pedro ficou parado. Depois entrou no Frege, atraído por um samba. Viu lá dentro um negro sentado com uma clarineta fincada no rosto!

O negro atropelava as pessoas com as suas queixas que escorriam pelas ruas como água. Pedro foi saqueado pela angústia. Cuspiu e retirou-se.

No largo, entre pássaros, acalmou-se. Uma funda sensação de pertencer às coisas mudas, como a folha que pertence à árvore, invadiu-o.

Doce pélago! Pedro saiu leve para junto do mar. Coral e flor de caos ia colher — entre baixios sangrentos.

Seu era o mundo. Dormiu entre pedras. O dia amanheceu em suas mãos.

Pedro entregou-se ao dia, como ao seu musgo se entrega o verde.

Pureza de ruínas nos olhos de Pedro! Estava sujo e coberto de lírios.

Às doze horas Pedro regressou ao quarto. Debaixo da escada um homem dormia como um peixe: a boca descampada úmida e serena. Subiu.

Pedro deitou-se, pensando… A inércia me devora, enraíza-se em meu corpo, como líquenes na pedra — se fico deitado.

Sentia fluir de seus ossos a inércia e brotar de seus dedos, como cardos, o nojo.

Preciso caminhar. Pedro se levanta e vai à janela. Lá fora, bem rente ao muro encardido, uma pereira florida…

Pedro quer nascer do chão. Pedro acha que precisa florir até a altura de uma janela. Oferecer-se ao luar… e…

Ó propício frio das sombras! Entra Esmeralda autêntica com sol nas carnes e nas palavras. Pedro retorce, quebra Esmeralda nos braços, baba-a toda e a engole.

Agora Pedro vai jiboiar nas ruas de novo. Pedro é louco. Arrasta-se pelos becos com a sua porcaria na alma.

Engole sua anulação como água. O nojo lhe cresce como um braço podre, mirrado. Um braço podre saindo das costas…

Pedro engole a maçã do caos. Vai trôpego deitar-se nas pedras. Esmeralda tritura-o agora.

Tudo que há de noturno está entranhado nas roupas de Pedro. Bebe goles de treva. Liberdade que se evola de ti, no escuro, Pedro! Não percebe.

Cogumelos brotavam de seu ventre, e ocasos. Calangos vinham lamber os seus pés e mascar suas roupas os bois.

Pedro se aproximara das coisas. Para dormir com elas. Pedro deitou-se entre objetos. A terra comia seu abdômen.

A terra cheia de poros, fermentada de raízes, rosas podres, bichos corrompidos, penas de pássaros, folhas e pedras — o atraíam.

Pedro era um barro ofegante. Como um fruto peco, deixou sua boca no chão, imóvel, aberta.

Tinha de recostá-la na terra e haurir, das raízes intumescidas, seiva.

Pedro sabia: todo aquele que não bebe água no solo, secará como cana cortada no pé. Ficou deitado.

Pedro estava só. Deixava-se completamente às coisas, recebendo suas emanações físicas.

Pedro se encostava nas coisas, afagava-as como se elas fossem criaturas íntimas. Pedro era reconstruído.

Agora Pedro ressurge. Vem botando o pescoço para o sol. Despegando-se da escuridão, pesadamente, como um bêbado gordo, e aos pedaços, estraçalhado…

Pedro vem tateando na luz, subindo nas bordas do poço, soltando de sua casca o moliço… Deixa pedaços dele no escuro.

Pedro entra em seu quarto. Está perfeito e pobre. Poderemos sequer fazer uma ideia de que resultará do encontro de um homem com o nojo?

Agora Pedro está dormindo.

COMPÊNDIO PARA USO DOS PÁSSAROS

— Que era quê?
— Essas coisas…

…….

O vaqueiro Abel: não-entender, não-entender, até se virar menino.

O vaqueiro José Uéua: jogar nos ares um montão de palavras, moedal.

O vaqueiro Noró: conversação nos escuros se rodeando o que não se sabe.

O vaqueiro Tadeu: queria era que se achasse para ele o *quem* das coisas!

O vaqueiro Calixto: essas coisas que o Grivo falou: *— Sabiá na muda: ele escurece o gorjeio… Pássaro no mato em toda parte voa torto — por causa de acostumado com as grades das árvores…*

JOÃO GUIMARÃES ROSA

I. DE MENINOS E DE PÁSSAROS

POEMINHAS PESCADOS NUMA FALA DE JOÃO

I

O menino caiu dentro do rio, *tibum*,
ficou todo molhado de peixe…
A água dava rasinha de meu pé.

II

João foi na casa do peixe
remou a canoa
depois, *pan*, caiu lá embaixo
na água. Afundou.
Tinha dois pato grande.
Jacaré comeu minha boca do lado de fora.

III

Nain remou de uma piranha.
Ele pegou um pau, *pum*!,
na parede do jacaré…
Veio Maria-preta fazeu três araçás pra mim.
Meu bolso teve um sol com passarinhos.

IV

De dia apareceu uma cobrona
debaixo de João.
Eu matei a boca pequenininha daquela cobra.
Ninguém não tinha um rosto com chão perto.

V

De minha mão dentro do quarto
meu lambarizinho
escapuliu — ele priscava
priscava
até cair naquele
corixo.
E se beijou todo de água!
Eu se chorei…
Vi um rio indo embora de andorinhas…

VI

Escuto o meu rio:
é uma cobra
de água andando
por dentro de meu olho

VII

O sapo de pau
virou chão…
O boi piou cheio de folhas com água.
Eu ia no mato sozinho.
O cocô de capivaras era rodelinhas — bola de gude.
Eu quebrei uma com meu sapato.
Todas viraram chão também.

VIII

Você viu um passarinho abrido naquela casa
que ele veio comer na minha mão?
Minha boca estava seca
igual do que uma pedra em cima do rio

IX

Vento?
Só subindo no alto da árvore
que a gente pega ele pelo rabo…

A MENINA AVOADA

Para Martha

I

Vi um pato andando na árvore…
Eu estava muito de ouro de manhã
perto daquele portão —
Veio um gatinho debaixo de minha
janela ficou olhando para meu pé rindo…
Então eu vi iluminado em cima de
nossa casa um sol!
E o passarinho com uma porcariinha
no bico se cantou.
Fiquei toda minada de sol na minha boca!

II

Quis pegar
entre meus dedos

a Manhã.
Peguei vento.

Ó sua arisca!

Nas ruas do vento
brincavam os passarinhos
perto de meu quarto
junto do pomar.

Esses passarinhos
sempre eram fedidos a árvores com rios
que eles traziam da mata
antes de chover

III

Manhã?
Era eu estar sumida de mim e todo-mundo
me procurando na Praça
estar viajando pelo chão
que a água é atrás
até ficar árvores
com a boca pendurada para os passarinhos…

IV

Um barco eu inventei
de minhoquinhas
Ele ia torto no rego.

Pendurei por fora
meu vaso de luar

veio aquele pardal
bebeu na água de cima.

Saiu ferido
de muitas flautas;
mas não cantou no chão
só pispinicou

Ah, seu passarinho espora,
você vai ser meu chapa, será?
Minha tarde um pouco ficou
parada de eu espiar suas artes…

V

Uma cerca
veio perseguindo
o meu trem, que veio
quando anoiteceu…
(essa noite andou bebeu água no rio
caminhou debaixo de paus aproveitou
fez muitos urubus panhou sombras com mato
sujou em cima de uma casa
subiu no tronco do céu
e agora está derramando frutos
nos lábios do cheiroso molhado…)

— Você não viu?

VI

Você brincou de mim que uma borboleta
no meu dedo tinha sol?

Você ia pegar agora
o que fugiu de meu rosto agora?

Na beira da pedra aquele cardeal,
você viu?, fez um lindo ninho
escondido bem
para a gente não ir apanhar
seus filhotes, que bom.

Ó meu cardeal,
você não é um sujeito brocoió à toa!
Você é um passarinho de atravessado…

VII

Pedro veio na calçada — ele recuava
as mãozinhas da praça e as punha
no bolso — era flor!
Quando aparecia mais perto
estava escorrendo de sol pelas pernas…

VIII

Molhava todo meu vestido outra vez
de estar com cheiro de passarinho
perto daquele sobradão…
Eu ficava dentro do meu quarto lá no
alto vendo para o mar.
Molhava todo meu rosto de mar.

IX

Meu irmão apreciava
de estar o puro entardecer

dentro de suas mãos
carregadinhas de amor

E a terra se merecia
de dar naquelas mãos até flor;
sobre a minha casa eu pousei
coberta de cantos.

X

O bigode do pai crescia no quarto.
João, caindo aos restos de ninho, chegava
cheirando a pássaros com ilhas.
Ia buscar minha boca e voltava do
mato em perfumes…
Árvore?
Era a terra debaixo dela ser escura…

XI

O rio pastava
os sussurros da noite
nos luarais de eu ter olhos azuis

XII

Eu estava encostada naquela árvore
muito azul quase
e veio um raiozinho de sombra era
de tarde na minha boca.
Ele me segurou entre os dedos.
Fiquei brilhante com meus cabelos
lavados…
Então dei um salto

muito leveza
muito
pro vento
e no bico de uma sabiá eu fiquei
de ouro
a cantar
a cantar…

XIII

O riacho
que corre por detrás de casa
cria uma espécie de madrugada rasteira
de viçar meninos…

XIV

O boi de pau?
Eram meninos ramificados nos rios
que lhe brincavam…

O boi
de pau
era tudo que a gente
quisesse que *sêsse*:
ventos
o azul passando nas garças o seu céu
as árvores que praticam sabiás
e sapo —
sapo se adquirindo
na terra…

O boi de pau
é um rio
é meu cavalo de pau…

XV

Ainda estavam verdes as estrelas
quando eles vinham
com seus cantos rorejados de lábios.
Os passarinhos se molhavam de
vermelho na manhã
e subiam por detrás de casa para me
espiarem pelo vidro.
Minha casa era caminho de um vento
comprido comprido que ia até o fim do mundo.
O vento corria por dentro do mundo
corria lobinhando — ninguém
não via ele
com sua cara de alma.

O MENINO E O CÓRREGO

Ao Pedro

I

A água
é madura.
Com penas de garça.
Na areia tem raiz
de peixes e de árvores.

Meu córrego é de sofrer pedras
Mas quem beijar seu corpo
é brisas…

II

O córrego tinha um cheiro
de estrelas
nos sarãs anoitecidos

O córrego tinha
suas frondes
distribuídas
aos pássaros

O córrego ficava à beira
de um menino…

III

No chão da água
luava um pássaro
por sobre espumas
de haver estrelas

A água escorria
por entre as pedras
um chão sabendo
a aroma de ninhos.

IV

Ai
que transparente
aos voos
está o córrego!
E usado
de murmúrios…

V

Com a boca escorrendo chão
o menino despetalava o córrego
de manhã todo no seu corpo.

A água do lábio relvou entre pedras…

Árvores com o rosto arreiado
de seus frutos
ainda cheiravam a verão
Durante borboletas com abril
esse córrego escorreu só pássaros…

NOÇÕES SOBRE JOÃO-FERREIRO

Passarinho joão-ferreiro o seu bico
é fibroso em líquen viçar nas
pedras
que ele punge fundo
até dar na rã.

Seus pios enramados
de muito se sonhar
vêm ferir sobre mim
com um ar de triste ar

De dia se esconde o
joão-ferreiro nos resíduos
do que procurou —
à noite no que se escondeu

Se à noite outra boca
prospera de um terreno
        para ele —
joão cai nas árvores

Nesse gosto de obedecer pra árvores
muito embaraçadas de sol nos lábios
        das águas
joão-ferreiro dorme.
Dorme atrás de suas penas
que andam em rumorejos…

Pássaro esquerdo!
Arrimo de garoas…
        Ele sabe a corgos
        gastos por passarinhos…

Seu caminho consiste para um esvoo rente
        rente até o chão ervar-se
        de seu corpo.

Nas brisas da manhã
grama fácil
seu adejo

Não limpa sombra de gorjeios.

Desova, manhãzinha,
na ínsua
que seus embaixos com limos
pertencem dos caramujos

E entrega seu canto assim sujo mesmo
de ir trazer das grotinhas cabelentas
é pedra com titica de aves
é galhos empassarados de sol…

UM BEM-TE-VI

O leve e macio
raio de sol
se põe no rio.
Faz arrebol…

Da árvore evola
amarelo, do alto
bem-te-vi-cartola
e, de um salto

pousa envergado
no bebedouro
a banhar seu louro

pelo enramado…
De arrepio, na cerca
já se abriu, e seca.

II. EXPERIMENTANDO A MANHÃ NOS GALOS

EXPERIMENTANDO A MANHÃ NOS GALOS

… poesias, a poesia é

— é como a boca
dos ventos
na harpa

nuvem
a comer na árvore
vazia que
desfolha noite

raiz entrando
em orvalhos…

os silêncios sem poro

floresta que oculta
quem aparece
como quem fala
desaparece na boca

cigarra que estoura o
crepúsculo
que a contém

o beijo dos rios
aberto nos campos
espalmando em álacres
os pássaros

— e é livre
como um rumo
nem desconfiado…

COISAS MANSAS

Coisas mansas, de sela, andavam por
    ali bebendo água…
Ventava
sobre azaleias
e municípios.

Ventinho de pelo!
Monto nele e vou
experimentando a manhã nos galos…

Ó este frescor! como um afluente
    de tua boca…

CAMINHADA

Eu vinha aquela tarde pela terra
fria de sapos…
O azul das pedras tinha cauda e canto.

De um sarã espreitava meu rosto um passarinho.
Caracóis passeavam com róseos casacos ao sol.
As mãos cresciam crespas para a água da ilha.

Começaram de mim a abrir roseiras bravas.
Com as crinas a fugir rodavam cavalos
investindo os orvalhos ainda em carne.

De meu rosto viam ribeiros…

Limpando da casa-do-vento os limos
no ar minha voz pisava…

AQUELA MADRUGADA

Aquela madrugada
vinham cheiros em minha boca.
De longe
de todos os matos
vinham cheiros de frutas
que ela vinha.
Vinha o que de noite
os pássaros estavam dormindo
o que os regos
estavam murmurando
e o que as árvores
falam pros joão-pintos…

Vinham também
esses começos de coisas
indistintas:
o que a gente esperou dos sonhos
os cheiros do capim
e o berro dos bezerros
sujos a escamas cruas…

NO FIM DE UM LUGAR

No fim de um lugar
você veio ficou de pé
no espinheiro pedrento do rochedo
e se atravessava uma coisinha branca na voz.

Eu fui na garupa
com os frios da noite
por cajus amarelos
debruçados à cerca.

Em torno fazia um pássaro
que seu canto finge com águas…
Você se beiradeava.
Eu me escorei o rosto nos silêncios.

Fui buscar um gosto leve
naquilo árvore
naquilo casa-de-pássaros.
— Você me esperava?

Que outra era esperada
no recanto de meu abandono

quando não vinha você
naquele lugar de minha mão?

Eu não sei bem o que houve
no fim desse lugar
pois andou nele a raiz
de uma voz que crescia na relva dos peixes.

Crescia de teu lábio
essa voz úmida que me buscava
sobre os cascalhos verdes
junto de outro corpo.

Eu andava com meus dedos
a colher outros frutos raros…
Por que você já não vinha
malhar sob os meus galhos?

Não espiei contudo
quem escorria de mim outrora.
Ervinhas subideiras
trepavam de meu casaco.

Agarrado aos muros
ainda a brotar esta flor de sonho
um pouco de meu rosto
ficou eivado desse lugar…

TENTAÇÃO

Morro abaixo, de repente, uma boca
    começou a granar para ele

começou a crescer
começou a crescer com maduros
bem maduros, até escorrer exausta
    sobre todo seu corpo…

Menso, muito no começo dele, estancou
e sem entender nada.

Não se viam indícios do que fora
nem onde existira mais, um pouco
    recuado em si, se esgueirando…

Houvesse inferno, houvesse?
Ladeou. Não seria um exíguo atalho?
Uma fuga com argola?

Árduo assunto: como um mendigo descido
    à força de sua folha de jornal…

Oh, voo pontudo de bico no rochedo súbito!
Rosto espatifado no vento…

NA FAZENDA

Barulhinho vermelho de cajus
e o riacho passando
nos fundos do quintal…

Dali
se escutavam os ventos com a boca
como um dia ser árvore.

Eu era lutador de jacaré.
As árvores falavam.
Bugre Teotônio bebia marandovás.

Víamos por toda parte cabelos misgalhadinhos
de borboletas…

Abriu-se
uma pedra
certa vez:
os musgos
eram frescos…

As plantas
me ensinavam de chão.
Fui aprendendo com o corpo.

Hoje sofro de gorjeios
nos lugares puídos de mim.
Sofro de árvores.

UM NOVO JÓ

Porquanto
como conhecer as coisas senão sendo-as?
JORGE DE LIMA

Desfrutado entre bichos
raízes, barro e água
o homem habitava
sobre um montão de pedras.

Dentro de sua paisagem
— entre ele e a pedra —
crescia um caramujo.

Davam flor os musgos…
Subiam até o lábio
depois comiam toda a boca
como se fosse uma tapera.

Convivência de murta
e rãs… A boca de raiz
e água escorria barro…

Bom era
sobre um pedregal frio
e limoso dormir!
Ao gume de uma adaga
tudo dar.

Bom era ser bicho
que rasteja nas pedras;
ser raiz de vegetal
ser água.

Bom era caminhar sem dono
na tarde
com pássaros em torno
e os ventos nas vestes amarelas.

Não ter nunca chegada
nunca optar por nada.
Ir andando pequeno sob a chuva
torto como um pé de maçãs.

Bom era entre botinas
tronchas pousar depois…
como um cão
como um garfo esquecido na areia.

Ir a terra me recebendo
me agasalhando
me consumindo como um selo
um sapato
como um bule sem boca…

Ser como as coisas que não têm boca!
Comunicando-me apenas por infusão
por aderências
por incrustações… Ser bicho, crianças,
folhas secas!

Ir criando azinhavre nos artelhos
a carne enferrujada
desfeita em flor de ave, vocábulos, ícones.
Minhas roupas como um reino de traças.

Bom era
ser como o junco
no chão: seco e oco.
Cheio de areia, de formiga e sono.
Ser como pedra na sombra (almoço de musgos)
Ser como fruta na terra, entregue
aos objetos…

GRAMÁTICA EXPOSITIVA DO CHÃO

I. PROTOCOLO VEGETAL

1.

Trata de episódio que veio a possibilitar a descoberta de um caderno de poemas

> Prenderam na rua um homem que entrara na prática do limo

lista dos objetos apreendidos no armário gavetas buracos de parede, pela ordem: 3 bobinas enferrujadas 1 rolo de barbante 8 armações de guarda-chuva 1 boi de pau 1 lavadeira renga de zinco (escultura inacabada) 1 rosto de boneca — metade carbonizado — onde se achava pregado um caracol com a sua semente viva 3 correntes de latão 1 caixa de papelão contendo pregos ruelas zíperes e diversas cascas de cigarras estouradas no verão 1 caneco de beber água 1 boneco de pano de 50 centímetros de altura com inscrições nas costas "O FANTASMA DE OLHOS COSTURADOS" 2 senhoras da zona (esculturas em mangue) 29 folhas de caderno com escritos variados sob os títulos abaixo:

a – 29 escritos para conhecimento do chão através de São Francisco de Assis
b – protocolo vegetal
c – retrato do artista quando coisa

d – a criatura sem o criador
e – você é um homem ou um abridor de lata?

e mais os seguintes pertences de uso pessoal:

o pneu o pente
o chapéu a muleta
o relógio de pulso
a caneta o suspensório
o capote a bicicleta
o garfo a corda de enforcar
o livro maldito a máquina
o amuleto o bilboquê
o abridor de lata o escapulário
o anel o travesseiro
o sapo seco a bengala
o sabugo o botão
o menino tocador de urubu
o retrato da esposa na jaula
e a tela

2.

Descrição da tela pelo Dr. Francisco Rodrigues de Miranda, amigo do preso

o artista recolhe neste quadro seus companheiros pobres do chão: a lata a corda a borra vestígios de árvores etc.

realiza uma colagem de estopa arame tampinha de cerveja pedaços de jornal pedras e acrescenta inscrições produzidas em muros — números truncados caretas pênis coxas (2) e 1 aranha febril

tudo muito manchado de pobreza e miséria que se não engana é da cor encardida entre amarelo

e gosma

3.

Seria o homem do Parque?

o homem tinha 40 anos de líquenes no Parque

era forte de ave

gafanhotos usavam sua boca

quase sempre nos intervalos para o almoço
era acometido de lodo

à noite seria carregado por formigas até as
bordas de um lago

madrugada contraía orvalho nas escamas e na
marmita

4.

Palavras de Lúcio Ayres Fragoso, professor de física em São Paulo, compadre do preso, a título de esclarecimento à Polícia

para começar ninguém jamais garantiu que coisa era aquele bicho

o mal-traçado?
o tritão dorminhoco?
o irmão desaparecido de Chopin?
o homem de borracha?

conheci-o
em seu escritório
jogando bilboquê

era sempre arrastado para lugares com musgo

por meio de ser árvore podia adivinhar se a terra era fêmea e dava sapos

via o mundo como a pequena rã vê a manhã de dentro de uma pedra

pela delicadeza de muitos anos ter se agachado nas ruas para apanhar detritos — compreende o restolho

a esse tempo lê Marx

tem mil anos

tudo que vem da terra para ele sabe a lesma

é descoberto dentro de um beco
abraçado no esterco
que vão dinamitar

antes de preso fora atacado por uma depressão mui peculiar que o fizera invadir-se pela indigência: uma de-

pressão tão grande dentro dele como a ervinha rasteira que num terreno baldio cresce por cima de canecos enferrujados pedaços de porta arcos de barril…

era de profissão *encantador de palavras*

ninguém o reconheceria mais

resíduos de Raskolnikof encardiam sua boca de Pierrô muito comida de tristeza

e sujo

5.

Antissalmo por um desherói

a boca na pedra o levara a cacto
a praça o relvava de passarinhos cantando
ele tinha o dom da árvore
ele assumia o peixe em sua solidão

seu amor o levara a pedra
estava estropiado de árvore e sol
estropiado até a pedra
até o canto
estropiado no seu melhor azul
procurava-se na palavra rebotalho
por cima do lábio era só lenda
comia o ínfimo com farinha
o chão viçava no olho
cada pássaro governava sua árvore

Deus ordenara nele a borra
o rosto e os livros com erva
andorinhas enferrujadas

II. O HOMEM DE LATA

A Paulino de Souza

O homem de lata
arboriza por dois buracos
no rosto

O homem de lata
é armado de pregos
e tem natureza de enguia

O homem de lata
está na boca de espera
de enferrujar

O homem de lata
se relva nos cantos
e morre de não ter um pássaro
em seus joelhos

O homem de lata
traz para a terra
o que seu avô
era de lagarto

o que sua mãe
era de pedra

e o que sua casa
estava debaixo de uma pedra

O homem de lata
é uma condição de lata
e morre de lata

O homem de lata
tem beirais de rosa
e está todo remendado de sol

O homem de lata
mora dentro de uma pedra
e é o exemplo de alguma coisa
que não move uma palha

O homem de lata
é um iniciado em abrolhos
e usa desvio de pássaro
nos olhos

No homem de lata
amurou-se uma lesma
fria
que incide em luar

Para ouvir o sussurro
do mar
o homem de lata
se inscreve no mar

O homem de lata
se devora de pedra
e de árvore

O homem de lata
é um passarinho
de viseira:
não gorjeia

Caído na beira
do mar
é um tronco rugoso
e cria limo
na boca

O homem de lata
sofre de cactos
no quarto

O homem de lata
se alga
no Parque

O homem de lata
foi atacado de ter folhas
e se arrasta
em seus ruídos de relva

A rã prega sua boca
irrigada
no homem de lata

O homem de lata
infringe a lata
para poder colear
e ser viscoso

O homem de lata
empedra em si mesmo
o caramujo

O homem de lata
anda fardado de camaleão

O homem de lata
se faz um corte
na boca
para escorrer
todo o silêncio dele

O homem de lata
está a fim
de árvore

O homem de lata
é um caso
de lagartixa

O homem de lata
é resto anuroso
de pessoa

O homem de lata
está todo estragado
de borboleta

O homem de lata
foi marcado a ferro e fogo
pela água.

III. PÁGINAS 13, 15 E 16 DOS "29 ESCRITOS PARA CONHECIMENTO DO CHÃO ATRAVÉS DE S. FRANCISCO DE ASSIS"

O chão reproduz
do mar
o chão reproduz para o mar
o chão reproduz
com o mar

O chão pare a árvore
pare o passarinho
pare a
rã — o chão
pare com a rã
o chão pare de rãs
e de passarinhos
o chão pare
do mar

O chão viça do homem
no olho
do pássaro, viça
nas pernas
do lagarto(1)
e na pedra

(1) O LAGARTO – *O lagarto / pode ser encontrado em lugares alagadiços / nas chapadas ressecas / nas sociedades por comandita / nos sambaquis:*

Na pedra
o homem empeça
de colear
Colear
advém de lagarto
e não incorre em pássaro

Colear induz
para rã
e caracol(2)

Colear
sofre de borboleta

ao lado das praias sem dono explorando / conchas mortas; / nas passeatas a favor da família e da pátria / e / segundo narra a história / um desses bichos foi apalpado pelo servo Jó / sobre montão de pedras / quando este raspava com um caco de telha / a podridão que Deus lhe dera. / O lagarto / é muito encontradiço também / nas regiões decadentes / arrastando-se por sobre paredes do mar como a ostra / e sua fruta orvalhada. / Parece que a lagarta grávida se investe nas funções de uma pedra seca / passando setembro / e / sentindo precisão de escuros para seu desmusgo / se encosta em uma lapa úmida / e ali desova / — ninguém sabe. / Pode o lagarto ainda / ser visto pegando sol / nas praias / com seus olhinhos fixos / mastigando flor…

(2) O CARACOL – *Que é um caracol? um caracol é: / a gente esmar / com os bolsos cheios de barbante, correntes de latão / maçanetas, gramofones / etc. / Um caracol é a gente ser: / por intermédio de amar o escorregadio / e dormir nas pedras. / É: / a gente conhecer o chão por intermédio de ter visto uma lesma / na parede / e acompanhá-la um dia inteiro arrastando / na pedra / seu rabinho úmido / e / mijado. / Outra de caracol: / é, dentro de casa, consumir livros cadernos e / ficar parado diante de uma coisa / até sê-la. / Seria: / um homem depois de atravessado por ventos e rios turvos / pousar na areia para chorar seu vazio. / Seria ainda: / compreender o andar liso das minhocas debaixo da terra / e escutar como os grilos / pelas pernas. / Pessoas que conhecem o chão com a boca como processo de se procurarem / essas movem-se de caracóis! / Enfim, o caracol: / tem mãe de água / avô de fogo / e o passarinho nele sujará. / Arrastará uma fera para o seu quarto / usará chapéus de salto alto / e há de ser esterco às suas próprias custas!*

e prospera
para árvore
Colear
prospera
para o homem

O homem se arrasta
de árvore
escorre de caracol
nos vergéis
do poema

O homem se arrasta
de ostra
nas paredes
do mar

O homem[3]
é recolhido como destroços
de ostras, traços de pássaros
surdos, comidos de mar

O homem
se incrusta de árvore
na pedra
do mar.

(3) O NOSSO HOMEM – … *Como Akaki Akakievitch, que amava só o seu capote, / ele bate continência para pedra! / Ele conhece o canto do mar grosso de pássaros, / a febre / que arde na boca da ostra / e a marca do lagarto na areia. / Esse homem / é matéria de caramujo.*

IV. A MÁQUINA DE CHILREAR E SEU USO DOMÉSTICO

O POETA (*por trás de uma rua minada de seu rosto andar perdido nela*)

— Só quisera trazer pra meu canto o que pode ser carregado como papel pelo vento

A LUA (*com a noite nos lábios*)

— Pelo nome do rosto se apostava que era cálido

O PÁSSARO (*olhos enraizados de sol*)

— Ainda que seu corpo permanecesse ardendo, o amor o destruiria

O CÓRREGO (*perdido de borboletas*)

— O dia todo ele vinha na pedra do rio escutar a terra com a boca e ficava impregnado de árvores

O PÁSSARO (*em dia ramoso, roçando seu rosto na erva dos ventos*)

— Há réstias de dor em teus cantos, poeta, como um arbusto sobre ruínas tem mil gretas esperando chuvas…

O CÓRREGO (*apertado entre dois vaga-lumes*)

— … como no fundo de um homem uma árvore não tem pássaros!

O MAR (*encostado na rã*)
— Em cima das casas um menino avino assobia de sol!

O SOL (*sobre caules de passarinhos e pedras com rumores de rios antigos*)
— Iam caindo umas folhas de mar sobre as casas dos homens

A ESTRELA (*sentada nos ombros de Ezequiel, o profeta, em Congonhas do Campo*)
— … e o silêncio escorava as casas!

O POETA (*se usando em farrapos*)
— Meu corpo não serve mais nem para o amor nem para o canto

O CARAMUJO (*olhos embaraçados de noite*)
— E a Máquina de Chilrear, Poeta?

A ÁRVORE (*desinfluída de cantos*)
— É possessão de ouriços

A RÃ (*de dentro de sua pedra*)
— … sua voz parece vir de um poço escuro

O PÁSSARO (*cheiroso som de asas no ar*)
— Ela está enferrujada

A ÁRVORE (*apoderada de estrelas*)
— Até o chão se enraíza de seu corpo!

O CÓRREGO (*no alto de seus passarinhos*)
— Ervas e grilos crescem-lhe por cima

O PÁSSARO (*submetido de árvores*)

— A Máquina de Chilrear está enferrujada e o limo apodreceu a voz do poeta

CHICO MIRANDA (*na rua do Ouvidor*)

— O poeta é promíscuo dos bichos, dos vegetais, das pedras. Sua gramática se apoia em contaminações sintáticas. Ele está contaminado de pássaros, de árvores, de rãs

A ESTRELA (*com ramificações de luar*)

— Muitos anos o poeta se empassarou de escuros, até ser atacado de árvore

O POETA (*lesmas comendo seus cadernos relógios telefones*)

— Ai, meu lábio dormia no mar estragado!

O MAR (*restos de crustáceos agarrados em suas pernas*)

— Parecia ter dado à praia como um pedaço de pau

A FORMIGA (*carregando um homem na rua, de atravessado*)

— Eu vi o chão, era uma boca de gente comida de lodo!

O POETA (*ventos o assumindo como roupas*)

— Os indícios de pessoas encontrados nos homens eram apenas uma tristeza nos olhos que empedravam

O CARAMUJO (*se tirando de escuros, cheirando a seus frutos*)

— Restos de pessoas saindo de dentro delas mesmas aos tropeços, aos esgotos, cheias de orelhas enormes como folhas de mamona

O CÓRREGO (*mudando de passarinhos entardecentes*)
— Mas o que trinca está maduro, poeta

O POETA (*ensinado de terra*)
— Amar é dar o rosto nas formigas

A PÁSSARA (*nas frondes do mar*)
— Meus filhos também construíram suas casas com vigas de chuva

FRANCISCO (*cumprimentando aos arbustos*)
— Olhai os cogumelos pondo as bocas!

V. A MÁQUINA:
A MÁQUINA SEGUNDO H.V.,
O JORNALISTA

A Máquina mói carne
    excogita
atrai braços para a lavoura
não faz atrás de casa
usa artefatos de couro
cria pessoas à sua imagem e semelhança
e aceita encomendas de fora

A Máquina
funciona como fole de vai e vem
incrementa a produção do vômito espacial
e da farinha de mandioca
influi na Bolsa
faz encostamento de espáduas
e menstrua nos pardais

A Máquina
trabalha com secos e molhados
é ninfômana
agarra seus homens
vai a chás de caridade
ajuda os mais fracos a passarem fome

e dá às crianças o direito inalienável ao
sofrimento na forma e de acordo com
a lei e as possibilidades de cada uma

A Máquina engravida pelo vento
fornece implementos agrícolas
condecora
é guiada por pessoas de honorabilidade consagrada,
que não defecam na roupa!

A Máquina
dorme de touca
dá tiros pelo espelho
e tira coelhos do chapéu

A Máquina tritura anêmonas
não é fonte de pássaros(1)
etc.
etc.

(1) *isto é: não dá banho em minhoca / atola na pedra / bota azeitona na empada dos outros / atravessa períodos de calma / corta de machado / inocula o vírus do mal / adota uma posição / deixa o cordão umbilical na província / tira leite de veado correndo / extrai vísceras do mar / aparece como desaparece / vai de sardinha nas feiras / entra de gaiato / não mora no assunto e no morro (…)*

VI. DESARTICULADOS PARA VIOLA DE COCHO

Compadre Amaro: — Vai chuvê, irimão
Compadre Ventura: — Pruquê, irimão?
Compadre Amaro: — Saracura tá cantando
Compadre Ventura: — Ué, saracura é Deusi?,
se fosse imbusi, sim…

NETO BOTELHO, in *Psicologia das mulatas do Catete, O vaqueiro metafísico e outras estórias demais*

— Cumpadre então
me responda: quem coaxa
exerce alguma raiz?

— Sapo, cumpadre, enraíza-se
em estrumes de anta

— E lagartixa,
que no muro anda,
come o quê?

— Come a lagartixa,
o musgo que o muro.
Senão.

— E martelo
grama de castela, móbile
estrela, bridão
lua e cambão

vulva e pilão, elisa
valise, nurse
pulvis e aldabras, que são?
— Palabras.

— E máquina
de dor
é de a vapor? brincar
de amarelinha
tem amarelos?
as porteiras do mundo
varas têm?
— Têm conformes.

— E o que grota
greta
lapa e lura são?
— São aonde o lobo
o coelho
e o erótico

— Cumpadre, e longe
é lugar nenhum
ou tem sitiante?
— Só se porém.

— E agora vancê confirme: pardal
é o esperto? roupa
até usa
dos espantalhos?

— É esperto, cumpadre,
não cai
do galho.

MATÉRIA DE POESIA

A Antônio Houaiss

I. MATÉRIA DE POESIA

1.

Todas as coisas cujos valores podem ser
disputados no cuspe à distância
servem para poesia

O homem que possui um pente
e uma árvore
serve para poesia

Terreno de 10 x 20, sujo de mato — os que
nele gorjeiam: detritos semoventes, latas
servem para poesia

Um chevrolé gosmento
Coleção de besouros abstêmios
O bule de Braque sem boca
são bons para poesia

As coisas que não levam a nada
têm grande importância

Cada coisa ordinária é um elemento de estima

Cada coisa sem préstimo
tem seu lugar
na poesia ou na geral

O que se encontra em ninho de joão-ferreira:
caco de vidro, garampos,
retratos de formatura,
servem demais para poesia

As coisas que não pretendem, como
por exemplo: pedras que cheiram
água, homens
que atravessam períodos de árvore,
se prestam para poesia

Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma
e que você não pode vender no mercado
como, por exemplo, o coração verde
dos pássaros,
serve para poesia

As coisas que os líquenes comem
    — sapatos, adjetivos —
têm muita importância para os pulmões
da poesia

Tudo aquilo que a nossa
civilização rejeita, pisa e mija em cima,
serve para poesia

Os loucos de água e estandarte
servem demais

O traste é ótimo
O pobre-diabo é colosso

Tudo que explique
    o alicate cremoso
    e o lodo das estrelas
serve demais da conta

Pessoas desimportantes
dão pra poesia
qualquer pessoa ou escada

Tudo que explique
    a lagartixa da esteira
    e a laminação de sabiás
é muito importante para a poesia

O que é bom para o lixo é bom para a poesia

Importante sobremaneira é a palavra repositório;
a palavra repositório eu conheço bem:
    tem muitas repercussões
como um algibe entupido de silêncio
    sabe a destroços

As coisas jogadas fora
têm grande importância
— como um homem jogado fora

Aliás é também objeto de poesia
saber qual o período médio
que um homem jogado fora

pode permanecer na terra sem nascerem
em sua boca as raízes da escória

As coisas sem importância são bens de poesia

Pois é assim que um chevrolé gosmento chega
ao poema, e as andorinhas de junho.

2.

Muita coisa se poderia fazer em favor da poesia:

a – Esfregar pedras na paisagem.

b – Perder a inteligência das coisas para vê-las.
(*Colhida em Rimbaud)*

c – Esconder-se por trás das palavras para mostrar-se.

d – Mesmo sem fome, comer as botas. O resto em Carlitos.

e – Perguntar distraído: — *O que há de você na água?*

f – Não usar colarinho duro. A fala de furnas brenhentas de Mário-pega-sapo era nua. Por isso as crianças e as putas do jardim o entendiam.

g – Nos versos mais transparentes enfiar pregos sujos, teréns de rua e de música, cisco de olho, moscas de pensão…

h – Aprender a capinar com enxada cega.

i – Nos dias de lazer, compor um muro podre para os caramujos.

j – Deixar os substantivos passarem anos no esterco, deitados de barriga, até que eles possam carrear para o poema um gosto de chão — como cabelos desfeitos no chão — ou como o bule de Braque — áspero de ferrugem, mistura de azuis e ouro — um amarelo grosso de ouro da terra, carvão de folhas.

l – Jogar pedrinhas nim moscas…

3.

Então — os meninos descobriram que amor
Que amor com amor
Que um homem riachoso escutava os sapos
E o vento abria o lodo dos pássaros.

Um garoto emendava uma casa na outra com urina
Outros sabiam a chuvas. E os cupins
Comiam pernas de armário, amplificadores, ligas religiosas…

Atrás de um banheiro de tábuas a poesia
Tirava as calcinhas pra eles
Ficavam de um pé só para as palavras —
A boca apodrecendo para a vida!

De tarde
Desenterraram de dentro do capinzal
Um braço do rio. Já estava com cheiro.
Grilos atarraxados no brejo pediam socorro.

De toalha no pescoço e anzol no peixe
Eles foram andando…
Botavam meias-solas nas paisagens
E acendiam estrelas com lenha molhada.

Acharam no roseiral um boi aberto por borboletas
Foi bom.
Viram casos de ostras em canetas
E ajudaram as aves na arrumação dos corgos

A todo momento eles davam com a rã nas calças
Cada um com a sua escova
E seu lado de dentro. Apreciavam
Desamarrar os cachorros com linguiça.

À margem das estradas
Secavam palavras no sol como os lagartos
Passavam brilhantina nos bezerros. E
Transportavam lábios de caminhão…

Nunca poucos fizeram tantos de pinico!
Só iam para casa de lado — como uma pessoa
Que tem cobra no bolso.
E para cada mão — os cinco dedos de palha.

II. COM OS LOUCOS DE ÁGUA E ESTANDARTE

1.

Um João foi tido por concha
Atrapalhava muito ser árvore — assim como
atrapalhava muito
estar colado em alguma pedra

Seu rosto era trancado
com dobradiças de ferro
para não entrar cachorro

Só um poço merejava por fora dele
e sapos descangotados de luar…

Esse João desenhava no esconso:
— Quem salvar a sua vida, perdê-la-á
com árvores e lagartixas!

Pelos caminhos íngremes
da mata
via estrelas subindo em lombo de borboletas

— Você dorme em paredes, João?
— De jeito maneira

Eu não tenho vasilha de dormir
Caracol de cipoal não chega nunca de ser
um caracol de parede
Conheço a fenda dos paus

Ser pedra depende de prática
Parede abre a gosma é dos sapos
Já conheci raiz-de-santo nestes pedrouços
Não faço hino de cera, meu amo
Pacu na água rasa só anda de prancha
Eu conheço. Eu sei. Metade do sol já foi
tomado por pássaros
E as árvores me atacam
no mesmo grau que as pedras…

Usava-se até o orgasmo:
— Estou apto a trapo!
A gente é rascunho de pássaro
Não acabaram de fazer…

Borboletas maduras
chegavam de pousar nos seus discursos:
— Eu andei muito para enrugar meu couro
Cada um tem seu caminho
que percorre em todos os insetos
Eu sei até
a hora que o passarinho tira a roupa…

O que é feito de pedaços precisa ser amado!

Eu conheço, eu sei.
O orvalho é para quem pervaga…

Envelhecia a boca nas folhagens
A morte gerava fora do caroço

Cinzas o penetravam
como prego
em pneus

— Estamos somados à própria boca!
Na posição de Buda é que se vê melhor
como a gente carrega água na cesta!

— Você sabe o que faz pra virar poesia, João?
— A gente é preciso de ser traste
Poesia é a loucura das palavras:
Na beira do rio o silêncio põe ovo
Para expor a ferrugem das águas
eu uso caramujos
Deus é quem mostra os veios
É nos rotos que os passarinhos acampam!
Só empós de virar traste que o homem é poesia…

Quebraram dentro dele
um engradado de estrelas:
— Vaga-lumes entortados de luz, eu vejo!
E a flauta dos pássaros interpretando os homens

Madrugada esse João
Botou o rio no bolso e saiu correndo…
Pega! Pega!

Tropeçava em ladeiras batentes trechos de sambas

Cansado de tanto correr
    esse João esbarrou
com o rio completo no bolso!

Entrou num terreno baldio de 10 x 20 sujo
de mato
Ramos de lua reverdeciam de latas
Chuvas mudavam nódoas de lugar
Não podia virar cambalhotas que o rio
desaguava nele

Lá fora
a cidade no avesso purgava
                O AZUL
passava de mosca em mosca
Estava acima de nossa fraqueza
    evitar tanta mosca

Começou a chover
Palavras desceram no enxurro
Usava-se a cara conforme o cuspe
Certas palavras pediam para mostrar os pentelhos

Se andasse de cabeça para baixo
        o rio escoava
Tinha de ficar de pé
        segurando o casaco no sol!
Os pássaros assestavam seus cantos
        para o lado dos trilhos

Lagartos arrastavam os vergalhos no bar

Lembrou-se do quarto:
seu quarto cheio de marandovás que comiam livros
Bem antes de amanhecer, tinha recomendado às
        autoridades um embrulhinho de fezes que
        deixara sobre a estante

Não houvera intenção de roubar o rio
Andava puído de sombras
Saíra apenas para passear
    e espolegar paredes
Gostava de espolegar paredes…

Viajou viajou na madrugada branca
No balde encontrara um jovem
    com uma tramela na boca!
E a cidade destripada dentro do olho

Águas verdes destruídas corriam sobre tijolos

As iminências do lodo?
Ruas e casas
    ficaram sujas de seu canto

De repente
Esse homem sorriu
Crianças
Em pleno uso da poesia
Funcionavam sem apertar o botão

Pedras
Negociavam com aves.

2.

Assim falou Gidian (ou Gedeão)
    que assistia nos becos:

"Poeta Quintiliano me nomeou Principal
    Sou lobisomem particular
Eurico me criou desde criança
    pra lobisomem
Me inventei

Fui procurar dentro do mato um preto Germano
    Agostinho, que operava com ervas
Mandou botar as unhas no vinagre vinte dias
Aprendi grande

Só as dúvidas santificam
O chão tem altares e lagartos

Remexa o sr. mesmo com um pedacinho de arame
os seus destroços
Aparecem bogalhos

Quem anda no trilho é trem de ferro
Sou água que corre entre pedras:
    — liberdade caça jeito

Procuro com meus rios os passarinhos
Eu falo desemendado

Me representa que o mundo
    é como bosta de onça, tem de tudo:

— cabelos de capivara
casca de tatu…

Gosto é de santo e boi
Saber o que tem da pessoa na máscara
é que são!
Só o guarda me escreve

Palavras fazem misérias
inclusive músicas!

Eu sou quando e depois
Entro em águas…”

III. APROVEITAMENTO DE MATERIAIS E PASSARINHOS DE UMA DEMOLIÇÃO

PASSEIO Nº 1

Depois de encontrar-me com Aliocha Karamazoff,
deixo o sobrado morto
Vou procurar com os pés essas coisas pequenas do chão
perto do mar
Na minha boca estou surdo
Dou mostras de um bicho de fruta.

PASSEIO Nº 2

Um homem (sozinho como um pente) foi visto da
varanda pelos tontos
Na voz ia nascendo uma árvore
Aberto era seu rosto como um terreno.

PASSEIO Nº 3

Raízes de sabiá e musgo
subindo pelas paredes
Não era normal
o que tinha de lagartixa na palavra paredes.

PASSEIO Nº 4

O homem se olhou: só o seu lado de fora subindo a ladeira…
Caminhos que o diabo não amassou — disse.
Atrasou o relógio.
Viu um pouco de mato invadindo as ruínas de sua boca!

O PALHAÇO

Gostava só de lixeiros crianças e árvores
Arrastava na rua por uma corda uma estrela suja.
Vinha pingando oceano!
Todo estragado de azul.

PASSEIO Nº 6

Casebres em ruínas
    muros
escalavrados…
E a lesma — na sua liberdade de ir nua
    úmida!

O ABANDONO

O mato tomava conta do meu abandono
A língua era torta
Verbos sumiam no fogo

Um caranguejo curto sementava entre harpas

Havia um cheiro de águas abertas e um grilo

No caderno era comum
Crianças recolherem o mar e as pernas da mesa

Estávamos sempre
descendo
uma rampa
mole

Janette contribuía 78% para o progresso e o desentendimento entre os homens

Um idiota de estrada passava por árvore

Sapos entravam de roupa e tudo nos tanques

Portas criavam cabelo

Na esquina
Garotos quebravam asas contra as paredes

Crias de ema entravam nos armazéns

Um dia
A moça atravessou a rua como se um peixe saísse do armário
O rio empernava as casas

Batiam latas lá fora
Abriam o rádio e o coração até o fim…

MATÉRIA

O osso da ostra
A noite da ostra
Eis um material de poesia

PÁSSARO

Rios e mariposas
Emprenhados de sol
Eis um dia de pássaro ganho

MATÉRIA

O pente e o vento
Resíduos do mar
Pétalas de peixes

A CARNE E O ESPÍRITO

Passou por dentro do pântano com sua boca e
Deus
Na minha cama ela dorme
Ó céu sem prateleiras!
Minha raiz me pede demais.

O BICHO

Ali, pertinho de mim
O bicho esquecido que era de palha

Prendeu-se nas cores de maio
Cigarras deixavam cair…

COMPOSIÇÃO

A espuma é que me compõe:
Cada muleta
Com o seu rengo.

A DESCOBERTA

Anos de estudo
    e pesquisas:
Era no amanhecer
Que as formigas escolhiam seus vestidos.

DE VIAGEM

Parada de almoço:
Borboletas pousadas em trens de bois
Lagartixas de latrina

O ABANDONO (PARTE FINAL)

A cidade mancava de uma rua até certo ponto;
    depois os cupins a comiam

A gente vivia por fora como asa
Rã se media na pedra

Ali, eu me atrapalhava de mato como se ele
invadisse as ruínas de minha boca e a enchesse
de frases com morcegos

Saudade me urinava na perna

Um moço de fora criava um peixe na mão
Na parte seca do olho, a paisagem tinha formigas
mortas

Eu era sempre morto de lado com a cabeça virada
pro mar e umas gramas de borboletas amarelas

Estadistas gastavam nos coretos frases furadas,
já com vareja no ânus

A terra era santa e adubada

As mulheres tratavam-nos com uma bundura
extraordinária

Tudo se resolvia com cambalhotas

Um homem pegava, para fazer seu retrato, pedaços
de tábua, conchas, sementes de cobra

O outro capengava de uma espécie de flor aberta
dentro dele

Um outro não podia atravessar a rua sem apodrecer

E um sexto ficava de muletas toda noite para
qualquer lagartixa

Do alto da torre dizia o poeta: eu faço uma
palavra equilibrar pratos no queixo…

Assim, borboletas chegavam em casa quase mortas
de silêncio

E as garças eram tarde demais.

ARRANJOS
PARA ASSOBIO

SABIÁ COM TREVAS

I.

Caminhoso em meu pântano,
dou num taquaral de pássaros

Um homem que estudava formigas e tendia para
pedras me disse no ÚLTIMO DOMICÍLIO
CONHECIDO: *Só me preocupo com as coisas inúteis*

Sua língua era um depósito de sombras retorcidas,
com versos cobertos de hera e sarjetas que abriam
asas sobre nós

O homem estava parado mil anos nesse lugar sem
orelhas

II.

Me abandonaram sobre as pedras infinitamente nu,
e meu canto.
Meu canto reboja.
Não tem margens a palavra.
Sapo é nuvem neste invento.
Minha voz é úmida como restos de comida.

A hera veste meus princípios e meus óculos.
Só sei por emanações por aderência por incrustações.
O que sou de parede os caramujos sagram.
A uma pedrada de mim é o limbo.
Nos monturos do poema os urubus me farreiam.
Estrela é que é meu penacho!
Sou fuga para flauta e pedra doce.
A poesia me desbrava.
Com águas me alinhavo.

III.

Quando houve o incêndio de latas nos fundos da Intendência, o besouro náfego saiu caminhando para alcançar meu sapato (e eu lhe dei um chute?)

Parou no ralo do bueiro, olhoso, como um boi que botaram no sangradouro dele

(Intrigante: não sei de onde veio nem de que lado de mim entrou esse besouro. Devo ter maltratado com os pés na minha infância algum pobre-diabo. Pois como explicar o olhar ajoelhado desse besouro?)

Com o seu casaco preto chamuscado nas pontas, ele em seguida nafegou no rumo do jardim e entrou no porão de um coreto por onde se comeu como um papel sem gosto

De manhã, catando pelas ruas toda espécie de coisas que não pretendem, sempre eu revejo esse ente que tem por abrigo o céu, como conchas ao contrário.

IV.

(A um Pierrô de Picasso)

Pierrô é desfigura errante,
andarejo de arrebol.
Vivendo do que desiste,
se expressa melhor em inseto.

Pierrô tem um rosto de água
que se aclara com a máscara.
Sua descor aparece
como um rosto de vidro na água.

Pierrô tem sua vareja íntima:
é viciado em raiz de parede.
Sua postura tem anos
de amorfo e deserto.

Pierrô tem o seu lado esquerdo
atrelado aos escombros.
E o outro lado aos escombros.
……...
Solidão tem um rosto de antro.

V.

Usado por uma fivela, o homem tinha sido escolhido, desde criança, para ser ninguém e nem nunca. De forma que quando se pensou em fazer alguma coisa por ele, viu-se que o caso era irremediável e escuro. Ou uma vespa na espátula.

Esse homem pois que apreciava as árvores de sons amarelos — ele se merejava sobre a carne dos muros e era ignorante como as águas.
Nunca sabia direito qual o período necessário para um sapato ser árvore. Muito menos era capaz de dizer qual a quantidade de chuvas que uma pessoa necessita para que o lodo apareça em suas paredes.
De modo que se fechou esse homem: na pedra: como ostra: frase por frase, ferida por ferida, musgo por musgo: moda um rio que secasse: até de nenhuma ave ou peixe. Até de nunca ou durante. E de ninguém anterior. Moda nada.

VI.

Há quem receite a palavra ao ponto de osso, de oco; ao ponto de ninguém e de nuvem.
Sou mais a palavra com febre, decaída, fodida, na sarjeta.
Sou mais a palavra ao ponto de entulho.
Amo arrastar algumas no caco de vidro, envergá-las pro chão, corrompê-las
até que padeçam de mim e me sujem de branco.
Sonho exercer com elas o ofício de criado:
usá-las como quem usa brincos.

VII.

No sonho havia uma rampa mole, o túnel e uma lagartixa de rabo cortado.

Pela porta da frente eu não podia sair de dentro
de mim mesmo com vida, porque não havia porta
da frente.
Lá no alto da nuvem estava deitada a minha amada
completamente nua.
Eu queria procurar não entender: a evidência não
interessava como em Buñuel.
Havia um cheiro de verão nas folhas e nas cestas de
roupas sujas.
Comecei a catar as ervas rasteiras que me arrastavam
por analogia.
O vento se harpava em minhas lapelas desatadas.
Eu tinha o roteiro do luar com o mapa da mina.
Depois que todos se deitassem, eu iria passear sobre
os telhados adormecidos.
Apenas me debatia contudo quanto a lagartixa de
rabo cortado.

VIII.

— O que é o que é?
(como nas adivinhas populares)

Escorre na pedra amareluz.
Faz parte de árvore. É acostumado
com uma parede na cara.
Escuta fazerem a lama como um canto.

Bicho-do-mato que sói de anjo
refulge de noite no próprio esgoto.
Camaleão finge que é ele.
Rio de versos turvos.

É lido em borboletas como o sol.
Se obtém para o voo nos detritos.
Cobre vasta extensão de si mesmo com nada.
Minhocal de pessoas, deserto de muitos eus.

IX.

O poema é antes de tudo um inutensílio.

Hora de iniciar algum
convém se vestir roupa de trapo.

Há quem se jogue debaixo de carro
nos primeiros instantes.

Faz bem uma janela aberta
uma veia aberta.

Pra mim é uma coisa que serve de nada o poema
enquanto vida houver.

Ninguém é pai de um poema sem morrer.

X.

Borboleta morre verde em seu olho sujo de pedra.
O sapo é muito equilibrado pelas árvores.
Dorme perante polens e floresce nos detritos.
Apalpa bulbos com os seus dourados olhos.
Come ovo de orvalho. Sabe que a lua

Tem gosto de vaga-lume para as margaridas.
Precisa muito de sempre
Passear no chão. Aprende antro e estrelas.
(Tem dia o sapo anda estrelamente!)
Moscas são muito predominadas por ele.
Em seu couro a manhã é sanguínea.
Espera as falenas escorado em caules de pedra.
Limboso é seu entardecer.
Tem cios verdejantes em sua estagnação.
No rosto a memória de um peixe.
De lama cria raízes e engole fiapos de sol.

XI.

coisinhas: osso de borboleta pedras
com que as lavadeiras usam o rio
pessoa adaptada à fome e o mar
encostado em seus andrajos como um tordo!
o hino da borra escova
sem motor ACEITA-SE ENTULHO PARA O POEMA
ferrugem de sol nas crianças raízes
de escória na boca do poeta beira de rio
que é uma coisa muito passarinhal! ruas
entortadas de vaga-lumes
traste de treze abas e seus favos empedrados
de madeira sujeito com ar de escolhos inseto
globoso de agosto árvore brotada
sobre uma boca em ruínas
retrato de sambixuga pomba estabelecida
no galho de uma estrela! riacho com osso de fora
coberto de aves pinicando

suas tripas e embostando de orvalho
suas pedras indivíduo que pratica nuvens ACEITA-SE
ENTULHO PARA O POEMA moço que tinha
seu lado principal caindo água e o outro lado
mais pequeno tocando larvas!
rã de luaçal

XII.

Os bens do poeta: um fazedor de inutensílios, um travador de amanhecer, *uma teologia do traste*, uma folha de assobiar, um alicate cremoso, uma escória de brilhantes, *um parafuso de veludo* e um lado primaveril

Teologia do traste – Manuscrito do mesmo nome, contendo 29 páginas, que foi encontrado nas ruínas de um coreto, na cidade de Corumbá, por certo ancião adaptado a pedras. Contou-nos o referido ancião, pessoa saudavelmente insana de poesia, que sobre as ruínas do coreto BROTAVAM ÁRVORES / OBRAVAM POBRES / MORAVAM SAPOS / TREPAVAM ERVAS / CANTAVAM PÁSSAROS. E que, ali, o cansanção era muito desenvolvido, bem como o amarra-pinto e o guspe-de-taquarizano.

Parafuso de veludo – Artefato inventado no Maranhão, por volta de 1908, por um PORTA-ESTANDARTE que, após anunciar os seus inventos em praça pública, enrolava-se na Bandeira Nacional. (Segundo uma correspondência de Ismael Cardim.)

XIII.

Depende a criatura para ter grandeza de sua
infinita deserção.
A gente é cria de frases!
Escrever é cheio de casca e de pérola.
Ai desde gema sou borra.
Alegria é apanhar caracóis nas paredes bichadas!
Coisa que não faz nome para explicar.
Como a luz que vegeta na roupa do pássaro.

XIV.

No chão, entre raízes de inseto, esma e cisca o sabiá.
É um sabiá de terreiro.
Até junto de casa, nos podres dos baldrames, vem
apanhar grilos gordos.
No remexer do cisco adquire experiência de restolho.
Tem uma dimensão além de pássaro, ele!
Talvez um desvio de poeta na voz.
Influi na doçura de seu canto o gosto que pratica de
ser uma pequena coisa infinita do chão.
Nas fendas do insignificante ele procura grãos de sol.
A essa vida em larvas que lateja debaixo das árvores o
sabiá se entrega.
Aqui desabrocham corolas de jias!
Aqui apodrecem os voos.
Sua pequena voz se umedece de ínfimos adornos.
Seu canto é o próprio sol tocado na flauta!
Serve de encosto pros corgos.
Do barranco uma rã lhe entarda os olhos.
Esse ente constrói o álacre.

É intenso e gárrulo: como quem visse a aba verde das horas.
É ínvio e ardente o que o sabiá não diz.
E tem espessura de amor.

XV.

— Quem é sua poesia?
— Os nervos do entulho, como disse o poeta português José Gomes Ferreira
Um menino que obrava atrás de Cuiabá também
Mel de ostras
Palavras caídas no espinheiro parecem ser (para mim é muito importante que algumas palavras saiam tintas de espinheiro).

— Difícil de entender, me dizem, é sua poesia, o senhor concorda?
— Para entender nós temos dois caminhos: o da sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento do espírito.
Eu escrevo com o corpo
Poesia não é para compreender mas para incorporar
Entender é parede: procure ser uma árvore.

— Pedras fazem versos? Pergunta de Fernando Pessoa.
— Ó Vassily Ordinov, irmão nosso, acaso ervas dão vinho?
E mosca de olho afastado dá flor?
Raiz de minha fala chama escombro
Meu olho perde as folhas quando a lesma
A gente comunga é sapo

Nossa maçã é que come Eva
Estrela que tem firmamento
Mas se estrela fosse brejo, eu brejava.

Natureza é fonte primordial?
— Três coisas importantes eu conheço: lugar apropriado para um homem ser folha; pássaro que se encontra em situação de água; e lagarto verde que canta de noite na árvore vermelha. Natureza é uma força que inunda como os desertos. Que me enche de flores, calores, insetos, e me entorpece até a paradeza total dos reatores
Então eu apodreço para a poesia
Em meu lavor se inclui o Paracleto.

— E o poema é seus fragmentos?
— É muito complicado dar ossos à água. Passei anos enganchado num pedaço de serrote na beira do rio Coxim. Veio uma formiguinha de tamanho médio, me carregou. Eu ia aos trancos como mala de louco. E não podia entender a razão pela qual aquela formiguinha, me carregando, não evitava os barrancos os buracos os abismos
Me carregava obstinada para o seu formigueiro
Ia comer o meu escroto!
Nossa grandeza tem muito cisco
Há mistérios nascendo por cima das palavras desordenadamente como bucha em tapera
E moscas portadoras de rios.

— É de um ser inseguro a imagem plástica?
— Nos resíduos das primeiras falas
eu cisco meu verso

A partir do inominado
e do insignificante
é que eu canto
O som inaugural é tatibitate e vento
Um verso se revela tanto mais concreto quanto seja
seu criador coisa adejante
(Coisa adejante, se infira, é o sujeito que se quebra
até de encontro com uma palavra.)

— E sobre a palavra, ela?
— Mexo com palavra
como quem mexe com pimenta
até vir sangue no órgão.

— Alguns dados biográficos?
— O lajedo interior do poema me urde
Por uma fresta saio hino e limos

— E como é que o senhor escreve?
— Como se bronha
E agora peço desculpas
Estou arrumado para pedra.

GLOSSÁRIO DE TRANSNOMINAÇÕES EM QUE NÃO SE EXPLICAM ALGUMAS DELAS (NENHUMAS) OU MENOS

Cisco, *s.m.*

Pessoa esbarrada em raiz de parede
Qualquer indivíduo adequado a lata
Quem ouve zoadas de brenha. Chamou-se de
O CISCO DE DEUS a São Francisco de Assis
Diz-se também de homem numa sarjeta

Poesia, *s.f.*

Raiz de água larga no rosto da noite
Produto de uma pessoa inclinada a antro
Remanso que um riacho faz sob o caule da manhã
Espécie de réstia espantada que sai pelas frinchas
de um homem
Designa também a armação de objetos lúdicos
com emprego de palavras imagens cores sons etc.
— geralmente feitos por crianças pessoas esquisitas
loucos e bêbados

Lesma, *s.f.*

Semente molhada de caracol que se arrasta
sobre as pedras deixando um caminho de gosma
escrito com o corpo

Indivíduo que experimenta a lascívia do ínfimo
Aquele que viça de líquenes no jardim

Boca, s.f.

Brasa verdejante que se usa em música
Lugar de um arroio haver sol
Espécie de orvalho cor de morango
Ave-nêspera!
Pequena abertura para o deserto

Água, s.f.

Da água é uma espécie de remanescente quem já incorreu ou incorre em concha
Pessoas que ouvem com a boca no chão seus rumores dormidos pertencem das águas
Se diz que no início eram somente elas
Depois é que veio o murmúrio dos corgos para dar testemunho do nome de Deus

Poeta, s.m. e f.

Indivíduo que enxerga semente germinar e engole céu
Espécie de um vazadouro para contradições
Sabiá com trevas
Sujeito inviável: aberto aos desentendimentos como um rosto

Inseto, s.m.

Indivíduo com propensão a escória
Pessoa que se adquire da umidade*
Barata pela qual alguém se vê

* — *Eu te levanto da umidade, insetro!* Invectiva do folclore pantaneiro colhida por Leonardo Leite de Barros. *(N. do A.)*

Quem habita os próprios desvãos
Aqueles a quem Deus gratificou com a sensualidade
(vide Dostoievski, *Os irmãos Karamazov*)

Sol, s.m.

Quem tira a roupa da manhã e acende o mar
Quem assanha as formigas e os touros
Diz-se que:
se a mulher espiar o seu corpo num ribeiro
florescido de sol, sazona
Estar sol: o que a invenção de um verso contém

Trapo, s.m.

Pessoa que tendo passado muito trabalho e fome
deambula com olhar de água suja no meio das ruínas
Quem as aves preferem para fazer seus ninhos
Diz-se também de quando um homem caminha para
nada

Pedra, s.f.

Pequeno sítio árido em que o lagarto de pernas
areientas medra (como à beira de um livro)
Indivíduo que tem nas ruínas prosperantes de sua
boca avidez de raiz
Designa o fim das águas e o restolho a que o homem
tende
Lugar de uma pessoa haver musgo
Palavra que certos poetas empregam para dar
concretude à solidão

Árvore, s.f.

Gente que despetala
Possessão de insetos

Aquilo que ensina de chão
Diz-se de alguém com resina e falenas
Algumas pessoas em quem o desejo
é capaz de irromper sobre o lábio
como se fosse a raiz de seu canto

Apêndice:

Olho é uma coisa que participa o silêncio dos outros
Coisa é uma pessoa que termina como sílaba
O chão é um ensino.

EXERCÍCIOS CADOVEOS

O tempo dele era só para não fazer as mesmas coisas
todos os dias
Quase passarinho arrumou casa no seu chapéu
Estava para pegar bicho no osso da bunda
Com pouco ele escorre uma resina
(Ainda não desceu da copa dos coqueiros, será?)
De noite come caroço de égua no cupim
Ai que vontade de encostar!
Se arruma por desvãos como os lagartos
Se propaga no sol
Macega invade seus domínios ele guspe
Coisa latente: aurora crisálida em cima de um ovo
Passarinho caga no seu olho nem xum
Marimbondo sanhara seu vulto põe língua
Ai abandono de cócoras! Esse bugre Aniceto quase
não para de pé como os cadarços mas usa um
instrumento de voar que prende nos cabelos como
os poetas

*Sete inutensílios de Aniceto**

1. Moça estrangeira dava uma viradinha com o traseiro como se estivesse levando uma pedrada e tinha lá dentro dela um dente que aperta quem a cobre

2. — O senhor é nosso Padre?
   — Não senhor, eu sou o guspe dele a bosta dele
   Então ela passou o braço para abraçar a pessoa e não achou carne
   Perguntou:
   — Que é isso, passarinho?

3. O meu patrão a casa dele é como vidro
   a gente vê tudo lá dentro como quando amanheceu
   uma vez eu apreciei aquela minha patroa
   mexendo por dentro do quarto pelada
   com aquele seu organismo bem constituído!
   isso que me enlouqueceu

4. O homem deixou o filho num cisco e saiu de
   a pé comendo fruta no mato
   Tem certidão desse homem por tudo quanto é vereda
   Tem tapera e osso de caititu por tudo quanto é lugar

* Estes inutensílios foram colhidos entre os Mitos Cadiuéus, narrados pelo professor Darcy Ribeiro. Resguardando-se petulância e distância, exercitou-se aqui a moda posta em prática por Eliot incorporando à sua obra versos de Shakespeare, Dante, Baudelaire. E o que fez um pouco James Joyce aproveitando-se de Homero. E ainda o que fez Homero aproveitando-se dos rapsodos gregos.

Ai pobres Cadoveos! Esse bugre Aniceto aí de cima é que vai perpetuar vocês? Nem xum. *(N. do A.)*

5. Todas as coisas têm serventia sinimbus arvoredos
   Você derruba os paus
   de noite os passarinhos não têm onde descansar

6. As Nações já tinham casa, máquina de fazer pano,
   de fazer enxada, fuzil etc.
   Foi uma criançada mexeu na tampa do vento
   Isso que destelhou as Nações

EXERCÍCIOS ADJETIVOS

Manhã-passarinho

Uma casa terena de sol raiz no mato
formiga preta minha estrela
de asa aparada pedras
verdejantes voz
pelada de peixe dia
de estar riachoso
manhã-passarinho
inclinada no rosto esticada
até no lábio-lagartixa
mosquito de hospício verruma
para água arame de estender música
sabão em zona erógena faca
enterrada no tronco meu amor!
esses barrancos ventados…
e o porco celestial

Rolinhas casimiras

Rolas
pisam
a manhã
Lagartixas pastam
o sobrado

Um leque de peixe abana o rio
Meninos atrás de gralhas contraem piolhos de cerrado
Um lagarto de pernas areientas
medra na beira de um livro
Adeus rolinhas casimiras!
O poeta descerra um cardume de nuvens
A estrada se abre como um pertence

Vermelhas trevas

O veneno ingerido pela mosca deixa
a curta raiz de sua existência
exposta às vermelhas trevas

Silêncio rubro

Crista de silêncio rubro, o galo
com frisos gelados de adaga no bico
madruga as veredas batidas

Modos ávidos

Os modos ávidos de um caracol subir
a uma parede com nódoas de idade e chuvas
é como viajar à nascente dos insetos

Visgo tátil

O visgo tátil do canto é como
a aranha que urde sua doce alfombra
nas orvalhadas vaginas das violetas

Os caramujos-flores

Os caramujos-flores são um ramo de caramujos que
só saem de noite para passear
De preferência procuram paredes sujas onde se
pregam e se pastam
Não sabemos ao certo, aliás, se pastam eles essas
paredes ou se são por elas pastados
Provavelmente se compensem
Paredes e caramujos se entendem por devaneios
Difícil imaginar uma devoração mútua
Antes diria que usam de uma transubstanciação:
paredes emprestam seu musgo aos caramujos-flores
e os caramujos-flores às paredes sua gosma
Assim desabrocham como os bestegos

Linha avelã

A linha avelã de um pêssego
e o lado núbil de um canto
são como a aurora gotejante de uma semente líquida

Imarcescível puta

A imarcescível puta preta
que me arrastou na adolescência
me ensaruou de sua concha

ARRANJOS PARA ASSOBIO

SUJEITO

Usava um Dicionário do Ordinário
com 11 palavras de joelhos
inclusive bestego. Posava de esterco
para 13 adjetivos familiares,
inclusive bêbado.
Ia entre azul e sarjetas.
Tinha a voz de chão podre.
Tocava a fome a 12 bocas.
E achava mais importante fundar um verso
do que uma Usina Atômica!
Era um sujeito ordinário.

VISITA

Na cela de Pedro Norato, 23 anos de reclusão,
a morte sesteava de pernas abertas…
Dentre grades se alga, ele!
Tem o sono praguejado de coxas.
Contou que achara a mulher dentro de um pote e a bebeu.
Sem amor é que encontramos com Deus — me diz.
O mundo não é perfeito como um cavalo — me diz.

Vê trinos de água nos relógios.
E para moscas bate continência.

Eu volto de sarjeta para casa.

OFERTA

Arcado ser —
eu sou o apogeu do chão. Deixa passar o meu
estorvo o meu trevo a minha corcova
Senhor!
(este assobio vai para todas as pessoas pertencidas
pelos antros)

O PULO

Estrela foi se arrastando no chão deu no sapo
sapo ficou teso de flor!
e pulou o silêncio

SERVIÇOS

Catar um por um os espinhos da água
restaurar nos homens uma telha de menos
respeitar e amar o puro traste em flor

LIVRO DE PRÉ-COISAS

Roteiro para uma
excursão poética no Pantanal

PONTO DE PARTIDA

ANÚNCIO

Este não é um livro *sobre* o Pantanal. Seria antes uma anunciação. Enunciados como que constativos. Manchas. Nódoas de imagens. Festejos de linguagem.

Aqui o organismo do poeta adoece a Natureza. De repente um homem derruba folhas. Sapo nu tem voz de arauto. Algumas ruínas enfrutam. Passam louros crepúsculos por dentro dos caramujos. E há pregos primaveris…

(Atribuir-se natureza vegetal aos pregos para que eles brotem nas primaveras… Isso é fazer natureza. Transfazer.)

Essas pré-coisas de poesia.

NARRADOR APRESENTA SUA TERRA NATAL

Corumbá estava amanhecendo.
Nenhum galo se arriscara ainda.
Ia o silêncio pelas ruas carregando um bêbedo.
Os ventos se escoravam nas andorinhas.
Aqui é o Portão de Entrada para o Pantanal.
Estamos por cima de uma pedra branca enorme que
o rio Paraguai, lá embaixo, borda e lambe.

Já posso ver na semiescuridão os canoeiros que voltam da pescaria.
Descendo a Ladeira Cunha e Cruz embico no Porto.
Aqui é a cidade velha.
O tempo e as águas esculpem escombros nos sobrados anciãos.
Desenham formas de larvas sobre as paredes podres (são trabalhos que se fazem com rupturas — como um poema).
Arbustos de espinhos com florimentos vermelhos desabrem nas pedras.
As ruínas dão árvores!
Nossos sobrados enfrutam.
Aqui nenhuma espécie de árvore se nega ao gorjeio dos pássaros.
Agora o rio Paraguai está banhado de sol.
Lentamente vão descendo as garças para as margens do rio.
As águas estão esticadas de rãs até os joelhos.
Há um rumor de útero nos brejos que muito me repercute.
O que temos na cidade além de águas e de pedras são cuiabanos, papa-bananas, chiquitanos e turcos.
Por mim, advenho de cuiabanos.
Meu pai jogou canga pra cima no primeiro escrutínio e fugiu para cá.
Estamos no zamboada.
Aqui o silêncio rende.
Os homens deste lugar são mais relativos a águas do que a terras.
Há sapos vegetais que dão cria nas pedras.
As pessoas são cheias de prenúncios: chegam de ver pregos nadar e bugio pedir a bênção.

Quando meus olhos estão sujos da civilização, cresce
por dentro deles um desejo de árvores e aves.
Tenho gozo de misturar nas minhas fantasias o
verdor primal das águas com as vozes civilizadas.
Agora a cidade entardece.
Parece uma gema de ovo o nosso por do sol do lado
da Bolívia.
Se é tempo de chover desce um barrado escuro por
toda a extensão dos Andes
e tampa a gema.
— Aquele morro bem que entorta a bunda da
paisagem — o menino falou.
Há vestígios de nossos cantos nas conhas destes
banhados.
Os homens deste lugar são uma continuação das
águas.

EM QUE O NARRADOR VIAJA DE LANCHA AO ENCONTRO DE SEU PERSONAGEM

Deixamos Corumbá tardeando.

Empeixado e cor de chumbo, o rio Paraguai flui entre árvores com sono…

— Onze horas em lombo de água!

A lancha atracou com escuro. Um homem apareceu no barranco, erguendo um farol, e deu boa-noite. Jogaram uma prancha na praia. Por ela desceram passageiros e cargas. Aqui neste lugar, mosquito derruba gente da rede — alguém informou. Noto que o ermo tem boca.

Na outra margem do rio uma casa acendeu. Dois galos ensaiaram. O farol que estava na mão do homem

apagou. A lancha apitou despedida. O Porto de Manga está amanhecendo.

Vem um cheiro de currais por perto. Posso ver uma casa nascendo. E um menino recolhendo vacas na semiescuridão.

— Moça foi no mato fazer.

Já diviso um solapão de lontras. Cardeais cruzam os barrancos…

……..…

Chegam de carro de bois Pocito e Nhá Velina Cuê. Pocito descanga os bois.

— Arruma, Graveto! Separa, Vegetal!

Pocito relenga.

— Boi que amansa amanhece na canga, meu amo. Animal que dá pelo, bentevi caga nele. Bão é pão chão e vão. Ruim é gordura de caramujo e onça ferventada. Oive de mi, xará. Quem não ouve conselho, conselho ouve ele.

Provo as delícias de uma cobra assada que me oferece Nhá Velina. Depois comeremos siputá.

— Este é o portão da Nhecolândia, entrada pioneira para o Pantanal.

Insetos compostos de paisagem se esfarinham na luz. Os cardeais recomeçam…

Suspensas
sobre o sabão das lavadeiras, miúdas
borboletas amarelas:
— Buquê de rosas trêfegas…

CENÁRIOS

UM RIO DESBOCADO

Definitivo, cabal, nunca há de ser este rio Taquari. Cheio de furos pelos lados, torneiral — ele derrama e destramela à toa.

Só com uma tromba-d'água se engravida. E empacha. Estoura. Arromba. Carrega barrancos. Cria bocas enormes. Vaza por elas. Cava e recava novos leitos. E destampa adoidado…

Cavalo que desembesta. Se empolga. Escouceia árdego de sol e cio. Esfrega o rosto na escória. E invade, em estendal imprevisível, as terras do Pantanal.

Depois se espraia amoroso, libidinoso animal de água, abraçando e cheirando a terra fêmea.

Agora madura nos campos sossegado. Está sesteando debaixo das árvores. Se entorna preguiçosamente e inventa novas margens. Por várzeas e boqueirões passeia manheiro. Erra pelos cerrados. Prefere os deslimites do vago, o campinal dos lobinhos.

E vai empurrando, através dos corixos, baías e largos, suas águas vadias.

Estanca por vezes nos currais e pomares de algumas fazendas. Descansa uns dias debaixo das pimenteiras, dos landis, dos guanandis — que agradecem.

De tarde à sombra dos cambarás pacus comem frutas.

Meninos pescam das varandas da casa.

Com pouco, esse rio se entedia de tanta planura, de tanta lonjura, de tanta grandura — volta para sua caixa. Deu força para as raízes. Alargou, aprofundou alguns braços ressecos. Enxertou suas areias. Fez brotar sua flora. Alegrou sua fauna. Mas deixou no Pantanal um pouco de seus peixes.

E emprenhou de seu limo, seus lanhos, seu húmus — o solo do Pantanal.

Faz isso todos os anos, como se fosse uma obrigação.

Tão necessário, pelo que tem de fecundante e renovador, esse rio Taquari, desbocado e malcomportado, é temido também pelos seus ribeirinhos.

Pois, se livra das pragas nossos campos, também leva parte de nossos rebanhos.

Este é um rio cujos estragos compõem.

AGROVAL

> *… onde pululam vermes de animais e plantas e subjaz um erotismo criador genésico.*
> M. CAVALCANTI PROENÇA

Por vezes, nas proximidades dos brejos ressecos, se encontram arraias enterradas. Quando as águas encurtam nos brejos, a arraia escolhe uma terra propícia, pousa sobre ela como um disco, abre com as suas asas uma cama, faz chão úbere por baixo — e se enterra. Ali vai passar o período da seca. Parece uma roda de carreta adernada.

Com pouco, por baixo de suas abas, lateja um agroval de vermes, cascudos, girinos e tantas espécies de

insetos e parasitas, que procuram o sítio como um ventre.

Ali, por debaixo da arraia, se instaura uma química de brejo. Um útero vegetal, insetal, natural. A troca de linfas, de reima, de rúmen que ali se instaura é como um grande tumor que lateja.

Faz-se debaixo da arraia a miniatura de um brejo. A vida que germinava no brejo transfere-se para o grande ventre preparado pela matrona arraia. É o próprio gromel dos cascudos!

Penso na troca de favores que se estabelece; no mutualismo; no amparo que as espécies se dão. Nas descargas de ajudas; no equilíbrio que ali se completa entre os rascunhos de vida dos seres minúsculos. Entre os corpos truncados. As teias ainda sem aranha. Os olhos ainda sem luz. As penas sem movimento. Os remendos de vermes. Os bulbos de cobras. Arquétipos de carunchos.

Penso nos embriões dos atos. Uma boca disforme de rapa-canoa que começa a querer se grudar nas coisas. Rudimentos rombudos de um olho de árvore. Os indícios de ínfimas sociedades. Os liames primordiais entre paredes e lesmas. Também os germes das primeiras ideias de uma convivência entre lagartos e pedras. O embrião de um muçum sem estames, que renega ter asas. Antepassados de antúrios e borboletas que procuram uma nesga de sol.

Penso num comércio de frisos e de asas, de sucos de sêmen e de pólen, de mudas de escamas, de pus e de sementes. Um comércio de cios e cantos virtuais; de gosma e de lêndeas; de cheiro de íncolas e de rios cortados. Comércio de pequenas jias e suas conas redondas. Inacabados orifícios de tênias implumes. Um co-

mércio corcunda de armaus e de traças; de folhas recolhidas por formigas; de orelhas-de-pau ainda em larva. Comércio de hermafroditas de instintos adesivos. As veias rasgadas de um escuro besouro. O sapo rejeitando sua infame cauda. Um comércio de anéis de escorpiões e sementes de peixe.

E ao cabo de três meses de trocas e infusões — a chuva começa a descer. E a arraia vai levantar-se. Seu corpo deu sangue e bebeu. Na carne ainda está embutido o fedor de um carrapato. De novo ela caminha para os brejos refertos. Girinos pretos de rabinhos e olhos de feto fugiram do grande útero, e agora já fervem nas águas das chuvas.

É a pura inauguração de um outro universo. Que vai corromper, irromper, irrigar e recompor a natureza.

Uma festa de insetos e aves no brejo!

VESPRAL DE CHUVA

Nem folha se move de árvore. Nenhum vento. Nessa hora até anta quer sombrear. Peru derrubou a crista. Ruminam algumas reses, deitadas na aba do mato. Cachorro produziu chão fresco na beira do rancho e deitou-se. Arichiguana foi dormir na serra. Rãs se ajuntam detrás do pote. Galinhas abrem o bico. Frango-d'água vai sestear no sarã. O zinco do galpão estala de sol. Pula o cancã na areia quente. Jaracambeva encurta o veneno. Baratas escondem filhotes albinos. E a voz de certos peixes fica azul.

Faz muito calor durante o dia. Sobre a tarde cigarras destarraxam. De noite ninguém consegue parar.

Chuva que anda por vir está se arrumando no bojo das nuvens. Passarinho já compreendeu, está quieto no galho. Os bichos de luz assanharam. Mariposas cobrem as lâmpadas. Entram na roupa. Batem tontas nos móveis. Suor escorre no rosto.

Todos sentem um pouco na pele os prelúdios da chuva. Um homem foi recolher a carne estendida no tempo — e na volta falou: — Do lado da Bolívia tem um barrado preto. Hoje ele chove!

No oco do acurizeiro o grosso canto do sapo é contínuo. Aranhas-caranguejeiras desde ontem aparecem de todo lado. Dão ares que saem do fundo da terra.

Formigas de roseiras dormem nuas. Lua e árvore se estudam de noite.

Por dentro da alma das árvores, orelha-de-pau está se preparando para nascer. Todo vivente se assanha. Até o inseto de estrume está se virando. Se ouve bem de perto o assobio dos bugios na orla do cerrado. Cupins estão levantando andaimes. Camaleão anda de farda.

O homem foi reparar se as janelas estão fechadas. Mulheres cobrem espelhos. Se sente por baixo do pomar o assanhamento das porcas. Em véspera de chuva o cio das porcas se afrouxa. Como os areais.

Lobinho veio de noite até perto do galinheiro e fugiu. Relâmpagos mostram cavalos dormindo, em pé, sob os ingazeiros. Mostraram também os lobinhos.

Tudo está preparado para a vinda das águas. Tem uma festa secreta na alma dos seres. O homem nos seus refolhos pressente o desabrochar.

Caem os primeiros pingos. Perfume de terra molhada invade a fazenda. O jardim está pensando… Em florescer.

MUNDO RENOVADO

No Pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites.

Nos pátios amanhecidos de chuva, sobre excrementos meio derretidos, a surpresa dos cogumelos! Na beira dos ranchos, nos canteiros da horta, no meio das árvores do pomar, seus branquíssimos corpos sem raízes se multiplicam.

O mundo foi renovado, durante a noite, com as chuvas. Sai garoto pelo piquete com olho de descobrir. Choveu tanto que há ruas de água. Sem placas sem nome sem esquinas.

Incrível a alegria do capim. E a bagunça dos periquitos! Há um referver de insetos por baixo da casca úmida das mangueiras.

Alegria é de manhã ter chovido de noite! As chuvas encharcaram tudo. Os baguaris e os caramujos tortos. As chuvas encharcaram os cerrados até os pentelhos. Lagartos espaceiam com olhos de paina. Borboletas desovadas melam. Biguás engolem bagres perplexos. Espinheiros emaranhados guardam por baixo filhotes de pato. Os bulbos das lixeiras estão ensanguentados. E os ventos se vão apodrecer!

Até as pessoas sem eira nem vaca se alegram. E as éguas irrompem no cio os limites do pátio. Um cheiro de ariticum maduro penetra as crianças. Fugiram dos buracos cheios de água os ofídios lisos. E entraram debaixo dos fogões de lenha. Os meninos descobrem de mudança formigas-carregadeiras. Cupins constroem seus túneis. E há os bentevis-cartolas nos pirizeiros de asas abertas.

Um pouco do pasto ficou dentro d'água. Lá longe, em cima da peúva, o ninho do tuiuiú, ensopado. Aquele ninho fotogênico cheio de filhotes com frio!

A pelagem do gado está limpa. A alma do fazendeiro está limpa. O roceiro está alegre na roça, porque sua planta está salva. Pequenos caracóis pregam saliva nas roseiras. E a primavera imatura das araras sobrevoa nossas cabeças com sua voz rachada de verde.

CARRETA PANTANEIRA

As coisas que acontecem aqui, acontecem paradas. Acontecem porque não foram movidas. Ou então, melhor dizendo: desacontecem.

Dez anos de seca tivemos. Só trator navegando, de estadão, pelos campos.

Encostou-se a carreta de bois debaixo de um pé de pau. Cordas, brochas, tiradeiras — com as chuvas, melaram. Dos canzis, por preguiça, alguns faziam cabos de reio. Outros usavam para desemendar cachorro. Os bois, desprezados, iam engordando nos pastos. Até que os donos, não resistindo tanta gordura, os mandavam pro açougue. Fazendeiro houve, aquele um, que, havendo de passear pela Europa, enviou bilhete ao gerente: "Venda carreta, bois do carro, cangas de boi".

À sombra do pé de pau a carreta se entupia de cupim. A mesa, coberta de folha e limos, se desmanchava, apodrecente. Chegaram a tirar mel na cambota de uma. Cozinheiros de comitiva, acampados debaixo da carreta, chegavam de usar o cabeçalho para tirar gravetos. Enchia-se o rodado de pequenas larvas, que ali se reproduziam, quentes. Debaixo da carreta, no

chão fresco, os buracos na areia, para onde os cachorros e os perus velhos corriam fugindo do sol. E a carreta ia se enterrando no chão, se desmanchando, desaparecendo.

Isso fez que o rapaz, vindo de fora pescar, relembrasse a teoria do Pantanal estático. Falava que no Pantanal as coisas não acontecem através de movimentos, mas sim do não movimento.

A carreta pois para ele desaconteceu apenas. Como haver uma cobra troncha.

LIDES DE CAMPEAR

Na *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*, vou buscar uma definição de pantaneiro: "Diz-se de, ou aquele que trabalha pouco, passando o tempo a conversar".

Passando o tempo a conversar pode que se ajuste a um lado da verdade; não sendo inteira verdade. Trabalha pouco, vírgula.

Natureza do trabalho determina muito. Pois sendo a lida nossa de a cavalo, é sempre um destampo de boca. Sempre um desafiar. Um porfiar inerente. Como faz o bacurau.

No conduzir de um gado, que é tarefa monótona, de horas inteiras, às vezes de dias inteiros — é no uso de cantos e recontos que o pantaneiro encontra o seu ser. Na troca de prosa ou de montada, ele sonha por cima das cercas. É mesmo um trabalho na larga, onde o pantaneiro pode inventar, transcender, desorbitar pela imaginação.

Porque a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distâncias e lem-

branças, é botando enchimento nas palavras. É botando apelidos, contando lorotas. É, enfim, através das vadias palavras, ir alargando os nossos limites.

Certo é que o pantaneiro vence o seu estar isolado, e o seu pequeno mundo de conhecimentos, e o seu pouco vocabulário — recorrendo às imagens e brincadeiras.

Assim, o peão de culatra é bago-de-porco — porque vem por detrás. Pessoa grisalha é cabeça de paina. Cavalo corredor é estufador de blusa. Etc. etc.

Sente-se pois então que árvores, bichos e pessoas têm natureza assumida igual. O homem no longe, alongado quase, e suas referências vegetais, animais. Todos se fundem na mesma natureza intacta. Sem as químicas do civilizado. O velho quase-animismo.

Mas na hora do pega-pra-capar, pantaneiro puxa na força, por igual. No lampino do sol ou no zero do frio.

Erroso é pois incutir que pantaneiro pouco trabalha. Ocorre que enxertar a vaca a gente não pode ainda. Esse lugar é difícil de se exercer pelo touro. Embora alguns o tentem.

Vaca não aceita outro que não seja touro mesmo. O jeito é ficar reparando a cobertura e contando mais um bezerro daquele ato.

Só por isso se diz que o boi cria o pantaneiro.

NOS PRIMÓRDIOS

Era só água e sol de primeiro este recanto. Meninos cangavam sapos. Brincavam de primo com prima. Tordo ensinava o brinquedo "primo com prima não faz

mal: finca finca". Não havia instrumento musical. Os homens tocavam gado. As coisas ainda inominadas. Como no começo dos tempos.

Logo se fez a piranha. Em seguida os domingos e feriados. Depois os cuiabanos e os beira-corgos. Por fim o cavalo e o anta batizado.

Nem precisaram dizer crescei e multiplicai. Pois já se faziam filhos e piadas com muita animosidade.

Conhecimentos vinham por infusão pelo faro dos bugres pelos mascates.

O homem havia sido posto ali nos inícios para campear e hortar. Porém só pensava em lombo de cavalo. De forma que só campeava e não hortava.

Daí que campear se fez de preferência por ser atividade livre e andeja. Enquanto que hortar prendia o ente no cabo da enxada. O que não era bom.

No começo contudo enxada teve seu lugar. Prestava para o peão encostar-se nela a fim de prover seu cigarrinho de palha. Depois, com o desaparecimento do cigarro de palha, constatou-se a inutilidade das enxadas.

— O homem tinha mais o que não fazer!

Foi muito soberano mesmo no começo dos tempos este cortado. Burro não entrava em seus pastos. Só porque *burro não pega perto*.* Porém já hoje há quem trate os burros como cavalo. O que é uma distinção.

* *Burro não pega perto* é expressão pantaneira. Nas lides de campear o pantaneiro usa o cavalo, que é veloz e alcança a rês desgarrada rapidamente. O cavalo pega perto. Mas o burro, não sendo veloz, alcança longe a rês desgarrada. Por isso se diz que o *burro não pega perto. (N. do A.)*

O PERSONAGEM

1. NO PRESENTE

Quando de primeiro o homem era só, Bernardo era. Veio de longe com a sua pré-história. Resíduos de um Cuiabá-garimpo, com vielas rampadas e crianças papudas, assistiram seu nascimento.

Agora faz rastros neste terreiro. Repositório de chuva e bosta de ave é seu chapéu. Sementes de capim, algumas, abrem-se de suas unhas, onde o bicho-de-porco entrou cresceu e já voou de asa e ferramentas.

De dentro de seus cabelos, onde guarda seu fumo, seus cacos de vidro, seus espelhinhos — nascem pregos primaveris!

Não sabe se as vestes apodrecem no corpo senão quando elas apodrecem.

É muito apoderado pelo chão esse Bernardo. Seu instinto seu faro animal vão na frente. No centro do escuro se espraiam.

Foi resolvida em língua de folha e de escama, sua voz quase inaudível. É que tem uma caverna de pássaros dentro de sua garganta escura e abortada.

Com bichos de escama conversa. Ouve de longe a botação de um ovo de jacaroa. Sonda com olho gordo de hulha quando o sáurio amolece a oveira. Escuta o ente germinar ali ainda implume dentro do ventre. Os

embriões do ovo ele vislumbra prazenteiro. Ri como fumaça. Seu maior infinito!

Quando o corpo do sáurio se espicha no areão, a fim de delivrar-se, Bernardo se ilumina. Pequena luzerna no pavio de seu olho brandeia. A jacaroa e ele se miram imaculados. A própria ovura!

Passarinhos do mato bentevi joão-ferreira sentam no ombro desse bandarra para catar imundícia orvalho insetos.

Só dá de banda.

Nos fundos da cozinha onde se jogam latas de vermes ávidos, lesma e ele se comprazem. Teias o alcançam. Lagartas recortam seu dólmã verdoso. Formigas fazem-lhe estradas…

Unge com olho as formigas.

No pátio cachorro acua ele. (Pessoas com ar de quelônio cachorro descompreende.) Galinhas bicoram seu casco.

Mal desenxerga.

(Nem mosca nem pedrada desviam ele de ser obscuro.)

Bernardo está pronto a poema. Passa um rio gorjeado por perto. Com as mãos aplaina as águas.

Deus abrange ele.

2. NO SERVIÇO (voz interior)

O que eu faço é servicinho à toa. Sem nome nem dente. Como passarinho à toa. O mesmo que ir puxando uma lata vazia o dia inteiro até de noite por cima da terra. Mesmo que um caranguejo se arrastando pelo barranco à procura de água vem um boi e afasta o rio

dele com as patas para sempre. O que eu ajo é tarefa desnobre. Coisa de nove noves fora: teriscos, nhamenhame, de-réis, niilidades, oco, borra, bosta de pato que não serve nem pra esterco. Essas descoisas: moscas de conas redondas, casulos de cabelo. Servicinho de pessoa Quarta-Feira que sai carregando uma perninha de formiga dia de festa. De modo que existe um cerco de insignificâncias em torno de mim: atonal e invisível. Afora pastorear borboletas, ajeito éguas pra jumento, ensino papagaio fumar, assobio com o subaco. Serviço sem volume nem olho: ovo de vespa no arame. Tudo coisinhas sem veia nem laia. Sem substantivo próprio. Perna de inseto, osso de morcego, tripa de lambari. Serviço com natureza vil de ranho. Tudo sem pé nem cunhado. Tem hora eu ajunto ciscos debaixo das portas onde encontro escamas de pessoas que morreram de lado. Meu trabalho é cheio de nó pelas costas. Tenho de transfazer natureza. À força de nudez o ser inventa. Água recolhendo-se de um peixe. Ou, quando estrelas relvam nos brejos. No meu serviço eu cuido de tudo quanto é mais desnecessário nessa fazenda. Cada ovo de formiga que alimenta a ferrugem dos pregos eu tenho de recolher com cuidado. Arrumo paredes esverdeadas pros caramujos foderem. Separo os lagartos com indícios de água dos lagartos com indícios de pedra. Cuido das larvas tortas. Tenho de ter em conta o limo e o ermo. Dou comida pra porco. Desencalho harpa dos brejos. Barro meu terreiro. Sou objeto de roseiras. Cuido dos súcubos e dos narcisos. E quando cessa o rumor das violetas desabro. Derrubo folhas de tarde. E de noite empedreço. Amo desse trabalho. Todos os seres daqui têm fundo eterno.

3. NO TEMPO DE ANDARILHO

Prospera pouco no Pantanal o andarilho. Seis meses, durante a seca, anda. Remói caminhos e descaminhos. Abastece de perna as distâncias. E, quando as estradas somem, cobertas por águas, arrancha.

O andarilho é um antipiqueteiro por vocação. Ninguém o embuçala. Não tem nome nem relógio. Vagabundear é virtude atuante para ele. Nem é um idiota programado, como nós. O próprio esmo é que o erra.

Chega em geral com escuro. Não salva os moradores do lugar. Menos por deseducado. Senão que por alheamento e fastio.

Abeira-se do galpão, mais dois cachorros, magros, pede comida, e se recolhe em sua vasilha de dormir, armada no tempo.

Cedo, pela magrez dos cachorros que estão medindo o pátio, toda a fazenda sabe que Bernardão chegou. "Venho do oco do mundo. Vou para o oco do mundo." É a única coisa que ele adianta. O que não adianta.

Tem sempre um ar altivo de quem vê pedra nadando, esse Bernardão. Não aceita brincadeiras. Não monta no porco. É coisa indefinida. Igual um caramujo irrigado. Anda na terra como quem desabrocha. E não inventa remédios para ficar mais inteiro.

Enquanto as águas não descem e as estradas não se mostram, Bernardo trabalha pela boia. Claro que resmunga. Está com raiva de quem inventou a enxada. E vai assustando o mato como um feiticeiro.

Os *hippies* o imitam por todo o mundo. Não faz entretanto brasão de seu pioneirismo. Isso de entortar pente no cabelo intratável ele pratica de velho. A ade-

são pura à natureza e a inocência nasceram com ele. Sabe plantas e peixes mais que os santos.

Não sei se os jovens de hoje, adeptos da natureza, conseguirão restaurar dentro deles essa inocência. Não sei se conseguirão matar dentro deles a centopeia do consumismo.

Porque já desde nada, o grande luxo de Bernardo é ser ninguém. Por fora é um galalau. Por dentro não arredou de criança. É ser que não conhece ter. Tanto que inveja não se acopla nele.

4. UM AMIGO

Vê-se que não comeu sebo de égua o cágado. À procura de água, desce o cerrado, no pino do sol, tardoso e raro. É o próprio esquisitão que aprendeu paciência sem cartilha. O ínvio nato. O antióbvio.

Está ali esse pobre-diabo. Desmancha cem anos, dizem, no seu desviver. Pois o suco do amor até hoje ninguém viu escorrer de seus lábios. Não tem lábios nem artes. Penso no seco do verde quando o encontro. Dá-me a impressão de alguém obscuro que vem de lugar nenhum e vai para nada todos os dias. E penso na voz de chão podre que tem nos seus abismos.

Seu jeito de andar é de quem está chegando de um bueiro. Há sempre sinais de incêndios e de limos na sua casca loteada. E um crespo ardor de chuvas extintas.

Está aí esse indivíduo cágado. Sem poder criar raízes sobre nada. Seu corpo não conhece o espojar-se na terra e nem o frescor das águas. Toma banho de casca

e tudo. A mim me parece um castigo alguém não conhecer na carne o frescor de águas correntes.

É cheio de vestígios do começo do mundo, por isso nos parece inacabado. Mas quando metade da terra estava por decidir se seria de pedra ou de água — já estava decidida a sua desforma. E quando ainda ninguém ousava de prever se o inseto nasceria de uma planta ou de uma larva — já ele estava deformado e pronto. O cágado é pois uma coisa sem margens; feio por igual; feio sem defeito.

Só quando acha no cerrado um ninho de pitangas, exulta-se o cágado. E se nos paus apodrecidos um coró abre para ele suas folhas brancas — aí dança de lado. E deita o pescoço para fora. E sente os odores do sol.

Agora está aí o pobre cágado. Alguém o trouxe do campo e o largou no quintal, em volta da cozinha, no chão rico de restos de comida e crianças.

No começo os meninos suspenderam o fôlego. Ficaram de longe cubando. Veio a galinha xereta, arrastou asa, mexericou com as outras, arriscou uma bicada no casco, e saiu ciscando como se visse macaco venéreo.

Depois o cachorro, cauto, cheirou o indefinido e foi deitar-se, de guarda. Papagaio espiou e saiu andando de lado. Papagaio quando anda de lado examina. Um garoto estava de cócoras defronte da janelinha do cágado e via a cabeça mover-se obscena.

Logo porém se acostumaram todos. O cágado já comia folhas de alface. E os meninos começaram a montar.

Só não conseguiram apertar a chincha!

5. NA MOCIDADE, FEITO LOBISOMEM

Pantanal é muito propício a assombrações. Principalmente lobisomens, que são uma espécie de assombração que bebe leite.

Houve quem tenha visto até lobisomem de chinelo. Vento que sopra na folha do rancho pode que seja. Passos no quarto da moça, imitando com passo de gente, já ouvi chamar de lobisomem. Parente de viúva aparece muito de noite. Pede mingau, pede vela e se vai. Às vezes até pede para a viúva acompanhá-lo do outro lado do mato, a fim que não fique extraviado o errante por esses cerradões de três pelos.

Outros são de rondar cozinha (Bernardão era). Rogam tições pras cozinheiras. Conversam de cunhado e acabam tomando cafezinho arretado.

Tem gente que não conhece lobisomem de vista. É muito difícil mesmo. Houve quem enviasse bilhete em pescoço de cachorro marcando encontro na hora que a lua tiver arta. Fazem caprichos.

São mansos de coçar entretanto esses lobisomens. Explicam bem o avesso: ou, aliás, isto é: não se explicam. Andam ora de joelhos, como quatis baleados, ora mancam. Nas estradas, de noite, por disfarce, até mijam pra trás, mulhermente. Dizem que falam fanho, se chamam de cunhados e se fedem. Pulam na grama de pés juntos como as locustas. São entes muito hábeis. Os escuros conhecem de apalpos. Têm os olhos desúteis.

Pantanal tem muitos veios para esses indumentos. Quem termina de inteirar cem anos vira serepente. Foi o caso de uma velha Honória. Outubro ela sumiu de casa e tardou comprido. Dezembro apareceu de esca-

mas na beira da vazante. Estava pisada na cacunda e os joelhos criaram cascão de tanto andar no tijuco. A língua muito fininha, ofídica, assoprava agora como no tempo de pegar a arca de Noé. Mesmo até raios de sol às vezes nela tremblavam. Hora teve que não se podia mais dizer se era ave estrupício ou peixe-cachorro.

Bernardo, de tarde, o filho mais velho, levava farofa pra velha, e fósforo. Fazia mossa era ver como passeava sozinha, no meio das capivaras, de cola erguida.

Heróis gregos viravam de rochas de anêmonas de água — frequentemente. Porém desviravam logo, ao primeiro gesto de amor.

Velha Honória parece que não pretende desvirar. Nem que a chamem de *darling*.

Ama de andar na beira da vazante todas as noites com ar de serepente aberta. Irmã de lobisomens. Cruza de urubu com porca.

6. RETRATO DE IRMÃO

Era um ente irresolvido entre vergôntea e lagarto. Tordos que externam desterro sentavam nele. Sua voz era curva pela forma escura da boca. (Voz de sótão com baratas luminosas.) Dava sempre a impressão que estivesse saindo de um bueiro cheio de estátuas. — Conforme o viver de um homem, seu ermo cede — ensinava. Era a cara de um lepidóptero de pedra. E tinha um modo de lua entrar em casa.

Deixou-nos um *TRATADO DE METAMORFOSES* cuja Parte XIX, *Livro de pré-coisas*, transcrevemos.

LIVRO DE PRÉ-COISAS

Tudo, pois, que rasteja partilha da terra.
HERÁCLITO

Andava atrás das casas, como um corgo urbano,
entre latas podres e rãs.

•

Sorna lagarta curta recorta a roupa de um osso.

•

Minhocas arejam a terra; poetas, a linguagem.

•

Se no tranco do vento a lesma treme,
no que sou de parede a mesma prega;
se no fundo da concha a lesma freme,
aos refolhos da carne ela se agrega;
se nas abas da noite a lesma treva,
no que em mim jaz de escuro ela se trava;
se no meio da náusea a lesma gosma,
no que sofro de musgo a cuja lasma;
se no vinco da folha a lesma escuma,
nas calçadas do poema a vaca empluma!

•

Vaga-lumes driblam a treva.

•

Esse jarro aromal e seus vermes cor de vinho! (A avidez do obscuro é que me estorva.)

•

Os rios começam a dormir pela orla.

•

Pois o que disse Joyce foi que o arame farpado quem inventou foi uma freira, para amarrar na cintura dela quando viesse a tentação.

•

Essa abulia vegetal sapal pedral — não será de ele ter sido ontem árvore?

•

Um canteiro de larvas estrábicas, o brejo.

•

Baratas glabras se fedem nas dobras.

•

Restolho tem mais força do que o tronco. Isso é uma desteoria que ele usava. Depois: *Viva a ascensão do restolho!* (Palavras de Chico Miranda.)

•

Sapo nu tem voz de arauto.

•

O peixe-cachorro

Era um peixe esquisito pra cachorro:
Cruza de lobisomem com tapera?
Filho de jacaré com cobra-d'água? Ou
Simplesmente cachorro de indumentos?

Era muito esquisito para peixe
E pra cachorro lhe faltava andaime.
Uma feição com boca de curimba
E o traseiro arrumado para entrega.

Se peixe, o rabo empresta ao liso campo
Um andar de moreia atravancada.
Sendo cachorro não arranca a espada?

Difícil de aceitar esse estrupício
Como um peixe; ainda que nade.
Pra cachorro não cabe no possível.

•

Flores engordadas nos detritos até falam!

•

Sapos com rio atrás de casa atraem borboletas amarelas.

•

— Eu briguei *naquele* menino com uma pedra… Crianças desescrevem a língua. Arrombam as gramáticas. (Como um cálice lilás de beco!)

•

Os grilos de olhos sujos se criam nos armazéns.

•

Bicho acostumado na toca encega com estrela.

•

Eu havia de pedir desculpas sobre a esperança. Olhares que pesavam malvas. Esterco fumegante. O sangue escuro como um corte ácido no vaso de uma rês. Tudo me perturbava. E mais abaixo, sobre o estrado da cama, aquele cheiro de sol na boca atormentada de uma fêmea.

•

Ovo de lobisomem não tem gema.

•

Lagarto apressado atravessa o terreiro. Olho de angu.

•

No garfo da árvore seca uma casa de amassa-barro! Ele edifica com lama. A gula do podre influi em seus traços. Porém. No que edifica o sol tem raios túrgidos.

•

No lodo, apura o estilo, o sapo.

•

Ermo se toca em sanfona.

•

Raiz de caracol, no lodo, dilui-se.

•

Se tem pacu no rio, de manhã desventa.

•

Cortázar conta que quando alguma expressão lhe queria sujar, ele a camuflava. Assim: *espectador ativo* virou *Hespectador Hativo*. Com essas vestimentas de HH, aquele lugar-comum não lhe sujava mais.

•

Marandovás me ensinam, com seu corpo de sanfona, a andar em telhas.

•

Formiga de bunda principal em pé de fedegoso anda entortada.

•

De tarde, iminente de lodo, ia sentar-se no banco do jardim. (Diminuíram o seu jardim de 40 roseiras e uns vermes.)
Lesmava debaixo dos bancos. O homem sentia-se em ruínas: um lanho em vez de torso era sua metáfora.
As ruínas só serviam para guardar civilizações e bosta de sapo.
Amava caracóis pregados em palavras.

•

Um rio tomado banho pelos tordos depura-se.

7. A VOLTA (voz interior)

Por aqui é tudo plaino e bem arejado pra céu. Não há lombo de morro pro sol se esconder detrás. Ocaso encosta no chão. Disparate de grande este cortado. Nem quase não tem lado por onde a gente chegar de frente nele. Mole campanha sem gumes. Lugares despertencidos. Gente ficava isolado. O brejo era bruto de tudo. Notícias duravam meses. Mosquito de servo era nuvem. Entrava pela boca do vivente. Se bagualeava com lua. Gado comia na larga. Mansei muito animal chucro nesses inícios. Já hoje não monto mais. Não presto mais pra cavalo. Pulo não vedo nenhum. Sou traste de cozinheira. No enxurro parei aqui. Enganchei na pouca força. Dei rodeio neste quintal. Do mundo sei reunido, entretanto. Sou macaco pra lá de cipriano. Ninguém me engana com bolo. Nem me desvenda com caneta. Seráficas são as pedras. Serviço em roda de casa engorda é cachorro. Jogo canga e cambão pra cima. Raiz é que acha a lama pura. De tarde passarinho me descobre. Eu toco minha vida com 70 flautas. Beleza e glória das coisas o olho é que põe. Bonito é o desnecessário. É pelo olho que o homem floresce. Ver a tarde secando em cima de uma garça… Atrás das árvores tortas nascem as horas mais prístinas. E só debaixo do esterco besouros têm arrebóis. O que sei aprendi no galpão. Desde ir em égua. Leitura não tive quase. Não tenho apetrechos de idioma. Palavras não têm lado de amontar comigo, entretanto. Tudo tem seus lampejos e leicenços. A língua é uma tapagem. E tão subterrânea a instalação das palavras em meu canto como os silêncios conservados no amarelo.

8. A FUGA (voz interior)

De Quarta-Feira tenho só feição. Gosto de moça praticada e de estribar comprido. Gosto de tordos com rio e de ocelados gaviões-fumaça. Saí do poder de meu padrinho com 18 anos. Correr as cercas do mundo. E pois! Rosado não é o canto do sabiá que vem de longe? Fui no aceno do pássaro. Exceção não se abriu pra mim. Nadei sem água por baixo. No quartel fui anspeçada. Puxei muar de sargento. Vi bugio tocar comércio. Tirei urinol de padre. Usei égua de sacristão. Peguei reza de empreitada. Hoje benzo bicheiras a distância. Desmancho mal de prepúcio. Porém uso os mistérios com cuidado. Porque ninguém não sabe ainda adonde que começa o fim do arcano nem o começo da roda. Hoje estou comparado com árvore. Sofrimento alcandorou-me. Meu olho ganhou dejetos. Vou nascendo de meu vazio. Só narro meus nascimentos. Sou trinado por lírio como os brejos. Eu tenho pretensões pra tordo. É nos loucos que grassam luarais. Sei muitas coisas das cousas. Hai muitas importâncias sem ciência. Sei que os rios influem na plumagem das aves. Que vespas de conas frondosas produzem mel azulado. E as casas com rio nos fundos adquirem gosto de infância. Isso eu sei de me ser. Falando é que não se entende. Difícil é pregar moringas em paredes. E totalmente eu prego. Caminho de urubu pois não tem pedras. Não somo com detrimentos. No mais são caracóis e cios de roseiras.

9. DE CALÇAS CURTAS

Pôr freio em cachorro e montar de espora. Pealar porco no quintal. Correr na chuva de prancha. Pelotear passarinhos e soprar no cu dos semimortos a fim de que ressuscitem. Fazer besouro nadar em querosene. Plantar goiabeira com máquina-corpo.* Cangar grilos. Fazer gato cabrestear. Regaçar lagarto assustado. Experimentar se cágado entorta chaira mesmo com o sesso. Dar banho de álcool em urubu e soltar com fogo pra ver incêndio no céu. Enfiar vento no cordão. Destarraxar o traseiro dos gafanhotos. Fazer retinir a luzerna dos vaga-lumes. Desemendar cachorro com água pelando. Passar taligrama no mato. Fazer barata dormir de costas. Assobiar com o subaco. Esfregar pimenta no olho do irmãozinho. Matar bentevi a soco. Capar gato com caco de vidro. Sondar as priminhas no banho. Botar saracura na soga pra chamar chuva. Enfiar ferro em brasa na cona das jacaroas. Andar de árvore nos corixos. Espremer sumo de laranja no olho do sapo pra ver se arregala o horizonte. Arrolhar galinhas com sabuco. Botar coração de anu-branco torrado na cabeça da namorada pra fim do corpo dela amolecer. Cortar procissão de formiga na força do mijo. Ouvir lesma foder na pedra.

* *Plantar goiabeira com máquina-corpo* seria defecar no campo ou no quintal depois de comer goiaba com caroço. Dessa forma, aparecem pelos campos muitos pés de goiaba plantados com o corpo. *(N. do A.)*

10. DOS VEIOS ESCATOLÓGICOS

Na Vila não se praticavam latrinas. Donas desabavam em urinóis. E os homens no mato. Os porcos seguiam os homens pelos trilheiros que davam no mato. As lides de cagar facilitavam encontros de amor. A ponto de um viajante verter no caderno de notas. "Aqui as pessoas se filham no mato com vera competência, qual os porcos nas vielas, de forma que se pare espraiado e nascem crianças papudas e idiotas de igrejas como cupim. Lugar onde se fode e se caga no mato há de ser este!!!" (Desse jeito — !!! — com três pontos de admiração.) Na hora do homem fazer força, quando a vaidade se acaba, justo aí chegavam os porcos famintos e, lhes entrando nos homens por debaixo, saíam com eles nas costas, quando lhes não prostravam na própria obra. De forma que *sujos de suas obras*, como se lê no Eclesiastes. Montados ainda no porco, alguns homens entravam na Vila, na maior sengraceira, com cara de cachorro que peidou na igreja.

A fim de evitar tais vexames, depois de muito craniar, engenhoso cidadão e exemplar paroquiano inventou o Pau-Pra-Porco. Instrumento esse de madeira medindo uma bengala de lorde, chanfrada a facão, com que os homens na hora de descomer bordoavam os porcos que lhes tentassem derrubar na própria plastra. O engenhoso paroquiano abastou-se em de-réis, e se tornou o rei do Pau-Pra-Porco. Com venda do mesmo nome no beco principal. Desse tempo pra cá ninguém mais apareceu na Vila montado no porco.

Na beira do Tanque da Praça da Matriz, o poeta Neco Caolho versava pras moças vergonhosas — "No dia em que me achei cagando ao vento…" bocagemen-

te, ao de cócoras. Dava um prazer fróidico no sacristão em desmoçar as beatas dentro do Tanque, entre rãs prenhas. A égua velhaca da Praça só entregava pra ele. Era de ver a mansura da égua com o sacristão. Toda essa universal cristandade se transmitia pelo sangue.

Em 1926, o antropólogo Claude Lévy-Strauss, de viagem por ali, notou a pobreza dos móveis que encontrou no interior das residências. Dois ou três mochos na sala, arames de estender roupas nos quartos servindo de armário — e redes. Redes armadas por todos os cantos. Redes muitas de varandas artísticas, servindo de vasilhas de dormir e de sestear. No hábito de sestear ao mormaço do meio-dia se amulheravam e se afilhavam também. A blandícia do mormaço engendrava crianças. Se usavam demais os dedos nos barrotes a fim de impulsionar as redes. Davam-se cópulas balançadas e refrescantes. Assim, os barrotes dos quartos sempre estavam furados. E por eles podiam-se ver as primas nos urinóis. Coisa imanente e afrodisíaca, que muito deve ter influído nas tendências voyeurísticas daquele povo. Bem como o hábito do guaraná que é bebida afrodisíaca, porém no seu ralar e não na substância da bebida. Eis que no ralar a mulher meneia os quadris. E o desejo dos homens provém do mover dos quadris. Coisa que eu não descreio.

Pois foi esse o povo ladino, sensual e andejo que um dia atravessando o rio Taquari encheu de filhos e de gado o que se chama hoje, no Pantanal, a zona da Nhecolândia.

PEQUENA HISTÓRIA NATURAL

1. DE URUBU

Aqui, no fim das enchentes, urubus andam de a pé. Quase nem precisam mais de avoar. Só caminham de banda, finórios, saltando de uma para outra carniça, lampeiros.

De outro modo, urubu é omnipresente. Está em qualquer árvore do mundo em que debaixo dela um bicho morre.

No alto da árvore mais próxima, antes mesmo do bicho encomendar, urubu já discute, em assembleia, com os primos, quem que vai no olho, quem que vai no ânus.

Apeiam depois na terra, supimpando, tirando um paladar de vinho, usp, usp, antechupando os dentes…

Depois do banquete retornam às árvores, onde degustam, enviesam, revezam e se esvaziam — para comer de novo.

Urubus digerem e descomem em 12 minutos. E largam de ré sobre as folhas o guspe branco deles, na mais jubilosa caiação.

Assim, pau que urubu frequenta seca daquele guspe ácido. Nem embaixo dessa árvore vinga mais nada. Como quando o cavalo de Átila passava.

Também filhote de urubu não pode ver gente que gumita branco. Tem nojo duvidá de homem. Decerto nosso jeito a branco azeda o olho deles. E esse gumito de urubu tem acidez tão forte que dizem se pode alimpar alguidar com ele.

Sobre isso diz o Livro: — Pessoa que comer carne de animal que morre estará imunda até de tarde — e desse modo se purificará. Isso está no Levítico. Urubu tem muita fiúza no Levítico.

— O caso eu aprendi de oitiva, xará. Oive de mi. Nenhuma voz adquire pureza se não comer na espurcícia. Quem come pois do podre se alimpa. Isso diz o Livro.

Sujeito que entende pois de limpeza há de ser o urubu. Só ele que logra os vermes de frente. São entes muito sanitários. — Conquanto que delimpam até o céu.

Como eles, sobre as pedras, eu cato restumes de estrelas. É muito casto o restume.

2. SOCÓ-BOCA-D'ÁGUA

Socó-boca-d'água meio que espicha seu corpo pra trás, como se quisesse conversar de costas; alonga o pescoço esgalgo, arregala o olho vermelho, e vê dos treze lados.

Tem fino ouvido de barata, esse pássaro. Não boceja nunca. Cisma até com a sombra das borboletas. E avista os perigos desde ontem.

Sempre alarmado, em cima do susto, como um galo que está viajando em canoa bêbeda, não para de vigiar destinos e mutucas.

Ninguém tira retratos dele para enfeite. Não entra em jardins. Sonda a hora das cobras e dos grilos subjacentes. E não sabe se casa tem portas.

Se uma lontra ele vê, exorciza. Pula de lado três passos. E para atencioso, esgalgado. Logo adivinha o que tem na cabeça da lontra. E detona o alarme. Parece que sopra no mundo uma avena entupida de areia. Diante de tanto barulho, esse cachorro-d'água se manda assustado.

O socó-boca-d'água é puro de corixo. Pantaneiro escarrado. Sabe onde mora o peixe desde quando por aqui era mar de Xaraés. E atrai os rubafos com ceva de falenas.

Por cima dos camalotes, disfarçados, os socós-boca-d'água conversam como inocentes lavadeiras. Parecem a mãe dos peixes.

Súbito mergulha um. E aparece com o peixe no bico, de atravessado. O olho vermelho com lágrimas de água.

Engole sem guspe o peixe. O longo pescoço engrossa. Arregala muito o olho. Naquela comprida estrada que é o seu pescoço, a gente vê o peixe descendo. Vai agora salivado por uma gosma cinzenta.

Organiza depois um canto rachado para limpar a goela.

Desse pássaro ninguém sabe muito. Ouço que mora na gravanha — ou no gravanha. Sabendo ninguém o que seja gravanha.

A palavra é bonita e selvagem. Não está registrada nos léxicos. Ouço nela um rumor de espinheiro com água. Tem tudo para ser ninho e altar de um socó-boca-d'água.

3. DE TATU

Folgam muito no cio, os tatus — como os cachorros. E formam acompanhamentos. A fêmea vai na frente, cheirando matinhos, a tatua. Logo fica de joelhos para o amor e chora esverdeado.

Em cima de sua femeazinha, o macho passa horas — como se fosse em cima de uma casa de tábuas. E ela fica submetida para ele, rezando naquela postura.

Protocolos que a natureza lhes deu para montar filhos são tântricos. A femeazinha espera paciente enquanto venta azul no olho dos patos.

Como certas dálias lésbicas, de estames carnudos, se entregam as tatuas ao gosto de filhar. Seviciadas e ávidas.

Reproduzem de cacho.

Daí já saem pelas campinas fazendo buracos. Há campinas furadas como ralos.

Na corrida, pega um buraco desses o cavalo — se ajoelha no vento. Roda por cima do pescoço. E frecha de boca na macega o vaqueiro.

— Por isso não dispenso tatu quando acho no campo. Nem guenta faca esse bicho deletério. É ente morredor à toa. Afogou nele um dedo só de aço, estrebuchou. Embolou. Não falou água. Cagou-se persignado; pedindo bênção. É bicho morredor à toa. Sem aras nem arres. E chia fino quando o vaqueiro grosa a vara dele com faca.

Nas águas o tatu desaparece. Entra de ponta no cerrado. Diz-se que caiu na folha. Que folhou. De fato, nas águas todos folham, esses tatus!

4. O QUERO-QUERO

Natureza será que preparou o quero-quero para o mister de avisar? No meio-dia, se você estiver fazendo sesta completa, ele interrompe. Se está o vaqueiro armando laço por perto, em lugar despróprio, ele bronca. Se está o menino caçando inseto no brejo, ele grita naquele som arranhado que tem parte com arara. Defende-se como touro. E faz denúncias como um senador romano.

Quero-quero tem uma vida obedecida, contudo. Ele cumpre Jesus. Cada dia com sua tarefa. Tempo de comer é tempo de comer. Tempo de criar, de criar.

É pássaro mais de amar que de trabalhar.

De forma que não sobra ócio ao quero-quero para arrumar o ninho. Que faz em beira de estrada, em parcas depressões de terreno, e mesmo aproveitando sulcos deixados por cascos de animal.

Gosta de aproveitar os sulcos da natureza e da vida. Assim, nesses recalques, se estabelece o quero-quero, já de oveira plena, depois de amar pelos brejos perdida e avoadoramente.

E porque muito amou e se ganhou de amar desperdiçadamente, seu lar não construiu. E vai conceber no chão limpo. No limpo das campinas. Num pedaço de trampa enluaçada. Ou num aguaçal de estrelas.

Em tempo de namoro quero-quero é boêmio. Não aprecia galho de árvore para o idílio. Só conversa no chão. No chão e no largo. Qualquer depressãozinha é cama. Nem varre o lugar para o amor. Faz que nem boliviana. Que se jogue a cama na rua na hora do prazer, para que todos vejam e todos participem. Pra que todos escutem.

Não usa o silêncio como arte.

Quero-quero no amor é desbocado. Passarinho de intimidades descobertas. Tem uma filosofia nua, de vida muito desabotoada e livre.

Depois de achado o ninho e posto o ovo porém, vira um guerreiro o quero-quero. Se escuta passo de gente se espeta em guarda. Tem parenteza com sentinela. Investe de esporão sobre os passantes. E avisa os semoventes de redores.

Disse que pula bala. Sei que ninguém o desfolha. Tem misca de carrapato em sua carne exígua. Debaixo da asa guarda esse ocarino redoleiro pra de-comer dos filhotes.

De olhos ardidos, as finas botas vermelhas, não pode ver ninguém perto do ninho, que se arrepia e enfeza, como um ferrabrás.

Passarinho de topete na nuca, esse!

5. DE CACHORROS

Biguá passeava no corixo, arregaçando água. Fazia avenida de tarde, o valsante!

Cachorro observa das margens, com olho gordo. Biguá costura o rio na frente do cachorro. Desliza de leve, remenda água de baixo pra cima. Desfila.

Cachorro espicha o olho úmido. E súbito pula sobre a ave.

Biguá mergulha e aparece do outro lado.

Cachorro se desgoverna.

Biguá mergulha de novo. Aparece mais longe. Dá adeusinho.

Cachorro volta sem graça, rabo entre as pernas.

Biguá se despede. Sobe no sarã.
Cachorro desiste humilde.
Biguá se desfralda no sarã. Toma porre de sol.

6. DE QUATI

Aparece um quati escoteiro. Decerto perseguido de cachorro. No chão é ente insuficiente o quati. Imita ser baleado. O rabo desinquilibra de tanto rente na terra.

Agora, se alcança árvore, quati arma banzé. Arreganha. Monta episódio. E até xinga cachorro.

Igual é o tamanduá. Fora do mato, no limpo, tamanduá nega encrenca. Porém se encontra zamboada, vira gente. E desafia cachorro, onça-pintada, tenente.

7. A NOSSA GARÇA

Penso que têm nostalgia de mar estas garças pantaneiras. São viúvas de Xaraés? Alguma coisa em azul e profundidade lhes foi arrancada. Há uma sombra de dor em seus voos. Assim, quando vão de regresso aos seus ninhos, enchem de entardecer os campos e os homens.

Sobre a dor dessa ave há uma outra versão, que eu sei. É a de não ser ela uma ave canora. Pois que só grasna — como quem rasga uma palavra.

De cantos portanto não é que se faz a beleza desses pássaros. Mas de cores e movimentos. Lembram Modigliani. Produzem no céu iluminuras. E propõem esculturas no ar.

A Elegância e o Branco devem muito às garças.

Chegam de onde a beleza nasceu?

Nos seus olhos nublados eu vejo a flora dos corixos. Insetos de camalotes florejam de suas rêmiges. E andam pregadas em suas carnes larvas de sapos.

Aqui seu voo adquire raízes de brejo. Sua arte de ver caracóis nos escuros da lama é um dom de brancura.

À força de brancuras a garça se escora em versos com lodo?

(Acho que estou querendo ver coisas demais nestas garças. Insinuando contrastes — ou conciliações? — entre o puro e o impuro etc. etc. Não estarei impregnando de peste humana esses passarinhos? Que Deus os livre!)

O GUARDADOR DE ÁGUAS

O GUARDADOR DE ÁGUAS

I

O aparelho de ser inútil estava jogado no chão, quase
coberto de limos —
Entram coaxos por ele dentro.
Crescem jacintos sobre palavras.
(O rio funciona atrás de um jacinto.)
Correm águas agradecidas sobre latas…
O som do novilúnio sobre as latas será plano.
E o cheiro azul do escaravelho, tátil.
De pulo em pulo um ente abeira as pedras.
Tem um cago de ave no chapéu.
Seria um idiota de estrada?
Urubus se ajoelham pra ele.
Luar tem gula de seus trapos.

II

Esse é Bernardo. Bernardo da Mata. Apresento.
Ele faz encurtamento de águas.
Apanha um pouco de rio com as mãos e espreme nos vidros
Até que as águas se ajoelhem
Do tamanho de uma lagarta nos vidros.

No falar com as águas rãs o exercitam.
Tentou encolher o horizonte
No olho de um inseto — e obteve!
Prende o silêncio com fivela.
Até os caranguejos querem ele para chão.
Viu as formigas carreando na estrada duas pernas de ocaso
para dentro de um oco… E deixou.
Essas formigas pensavam em seu olho.
É homem percorrido de existências.
Estão favoráveis a ele os camaleões.
Espraiado na tarde —
Como a foz de um rio — Bernardo se inventa…
Lugarejos cobertos de limo o imitam.
Passarinhos aveludam seus cantos quando o veem.

III

Nascimento da palavra:

Teve a semente que atravessar panos podres, criames
de insetos, couros, gravetos, pedras, ossarais de peixes,
cacos de vidro etc. — antes de irromper.

Agora está aberto no meio do monturo um grelo pálido.

Não sabemos até onde os podres o ajudaram nessa
obstinação de ver o sol.

Ó absconsos ardores!

É atro o canto com reentrâncias que sai das escórias
de um ser.

Os nascidos de trapo têm mil encolhas…

P.S. No achamento do chão também foram descobertas as origens do voo.

IV

O que ele era, esse cara
Tinha vindo de coisas que ele ajuntava nos bolsos —
por forma que pentes, formigas de barranco, vidrinhos
de guardar moscas, selos, freios enferrujados etc.
Coisas
Que ele apanhava nas ruínas e nos montes de borra de
mate (nos montes de borra de mate crescem abobreiras
debaixo das abobreiras sapatos e pregos engordam…)
De forma que recolhia coisas de nada, nadeiras, falas
de tontos, libélulas — coisas
Que o ensinavam a ser interior, como silêncio nos
retratos.
Até que de noite pôs uma pedra na cabeça e foi embora.
Estrelas passavam leite nas pedras que carregava.
Vagou transpedregoso anos.
Se soube que atravessou Paris de urina presa.
Estudou anacoreto.
Afez-se com as estradas e o cheiro de ouro dos
escaravelhos.
Um dia chegou em casa árvore.
Deitou-se na raiz do muro, do mesmo jeito que um rio
fizesse para estar encostado em alguma pedra.
Boca não abriu mais?
Arbora em paredes podres.

V

Eles enverdam jia nas auroras.
São viventes de ermo. Sujeitos
Que magnificam moscas — e que oram
Devante uma procissão de formigas…
São vezeiros de brenhas e gravanhas.
São donos de nadifúndios.
(Nadifúndio é lugar em que nadas
Lugar em que osso de ovo
E em que latas com vermes emprenhados na boca.
Porém.
O nada destes nadifúndios não alude ao infinito menor de *ninguém*.
Nem ao *Néant* de Sartre.
E nem mesmo ao que dizem os dicionários: *coisa que não existe*.
O nada destes nadifúndios existe e se escreve com letra minúscula.)
Se trata de um trastal.
Aqui pardais descascam larvas.
Vê-se um relógio com o tempo enferrujado dentro.
E uma concha com olho de osso que chora.
Aqui, o luar desova…
Insetos umedecem couros
E sapos batem palmas compridas…
Aqui, as palavras se esgarçam de lodo.

VI

Chega de escombros centopeia antúria.
Estrepe enterrada no corpo a lacraia

Se engrola
Rabeja rebola
Suja-se na areia
Floresce como louca…
Gerânios recolhem seus anelos.
Está longe o horizonte para ela!

VII

Roupa-Grande aparece no trecho.
(Crianças não o diferenciam do ave joão-grande.)
Com seu enorme casaco ele encarde o crepúsculo.
Sabe os atalhos do chão.
Caminha espaceado, de metro em metro, como
quem planta mandioca na roça.
(Quem anda curto é carancho — ele diz; mas também
excreta curto.
Pato que guspe longínquo…)
Roupa-Grande alcandora mosca.
Com as mãos endireita Deus para ele.
O rio conta com os seus cuidados para descer as grotas
— conta
Com as suas bênçãos, com os seus escapulários…
Ele mexe com planta e com épocas.
Usa o Livro de São Cipriano contra lascívia, mal de
grotas, ferroadas de arraia etc.
(Ferroada de arraia é só encostar o lugar ofendido em
vaso de moça que o ferrão escurece…)
Um menino escaleno o acompanha.
Dorme no ombro dele um tordo arino.
Roupa-Grande fala de manso — como quem vai
passando por dentro de uma nuvem…

Sangue de anta bebe por mês: serve na guampa o
cor-de-rosa espumoso — a língua tomando espécie…
Conta que sangue de anta desempena traste de velho.
Tresconta. Ri sobre as gengivas.
É homem proposto ao escárnio.
Arremeda que vai esperar o crepúsculo mais adiante
E se equipa.
Uma árvore espera filhos dele.
Espessura de estrela o transparenta.

VIII

Idiotas de estrada gostam de urinar em morrinhos de formigas. Apreciam de ver as formigas correndo de um canto para outro, maluquinhas, sem calças, como as crianças. Dizem eles que estão infantilizando as formigas. Pode ser.

IX

Bernardo escreve escorreito, com as unhas, na água,
O Dialeto-Rã.*
Nele o chão exubera.
O Dialeto-Rã exara lanhos.
Bernardo conversa em rã como quem conversa em Aramaico.

* Falado por pessoas de águas, remanescentes do Mar de Xaraiés, o Dialeto-Rã, na sua escrita, se assemelha ao Aramaico — idioma falado pelos povos que antigamente habitavam a região pantanosa entre o Tigre e o Eufrates. Sabe-se que o Aramaico e o Dialeto-Rã são línguas escorregadias e carregadas de consoantes líquidas. É a razão desta nota.

Pelos insetos que usa ele sabe o nome das chuvas.
Bernardo montou no quintal Oficina de Transfazer
Natureza.
(Objetos fabricados na Oficina, por exemplo:
Duas aranhas com olho de estame
Um beija-flor de rodas vermelhas
Um imitador de auroras — usado pelos tordos.
Três peneiras para desenvolver moscas
E uma flauta para solos de garça.)
Bernardo é inclinado a quelônio.
A córnea azul de uma gota de orvalho o embevece.

X

É o mais engenhoso estafermo.
Sem mexer com a boca ele tira ardor de pétalas!
Atrás de sua casa trabalha um tordo cego
E um rio emprenhado de rãs até os joelhos.
De manhã ouve frases do tordo.
Prende aragens de manga nos cabelos.
O lodo aceso das moscas —
Guarda em vasos de pedra.
Ave, pedras!
Um roxo a vegetal encorpa em seu casaco — o
mesmo roxo enfermo das violetas desmolhadas…
Sabe coisas por concha e água.
Cigarras lhe sonetam sobre outubro.
Esse homem
Teria, sim
O que um poeta falta para árvore.

XI

De tonto tenho roupa e caderneta.
Eu sei desigualar por três.
Já gostei muito de mula
E Estação de Estrada de Ferro.
Depois troquei por anu-branco
E Estação de Estrada de Ferro.
Hoje gosto de santo e peneira.
Uma dona me orvalha sanguemente.
O que no alforje eu trago
É um azul arriscado a pássaros…
Eu sei o nome das letras.
E desenvolvo moscas em peneira.
Sou muito lateralmente entretontos.
O que desabre o ser é ver e ver-se.
Aragem cor de roupa me resplende.

XII

Ele tem pertinências para árvore.
O pé vai se alargando, via de calangos, até ser
raizame. Esse ente fala com águas.
É rengo de voz e pernas.
Se esconde atrás das palavras como um perro.
Formigas se mantimentam nas nódoas de seu casaco.
De um turvo cheiro órfico os caracóis o escurecem.
Um Livro o ensinou a não saber nada — agora já sabe.
Estrela encosta quase em sua boca descalça.

XIII

Já estão a relvar os trastes…
Crescem por cima de um homem, de seu casaco, de seus óculos, de seus urinóis
E entopem seus vocábulos de luxúria e escória.
O homem está coalescente às coisas como um osso de ave.
Dão-lhe ênfase os destroços.
É ente desmanchado a monge.
Formigas o descobrem pela fé.
Olhando para o chão convê os vermes sendo-o.
O nada o aperfeiçoa.
(Mas isso não tem metafísica — como fechar um rio com trinco.)

XIV

Tapera falou, tem assombração.
Ditado polular

Suporte de uma tapera é o abandono.
Aqui passeiam emas distraídas, com as suas moelas de alicate, a comer suspensórios, cobras, pregos, maçarocas de cabelo, cacos de vidro etc.
A ema esmera mais com vidros.
E não são feitas para elas as hirtas coxas das lagartixas?
Tapera tem as horas paradas.
É um território de aturdidos morcegos.
Baratas passeiam por seus luares…
Tapera é a coisa mais nua!
Tem perfeições de apagamento esse lugar.
Descem por seus escâncaros rubros melões-de-são-caetano.

Tapera só aguenta o esquecimento.
Teius de amígdalas gordas dormem nas cinzas do fogão.
Cipós e teias amarram esse abandono.

XV

— Viventes de ermo o que são?
— Quando começamos a cavar um buraco no leito seco do rio, os cascudos como que minavam das areias — e eram escuros. Suponho que andavam por lá hibernados.
Agora se escondem por baixo de cascas podres.
Por baixo das cascas podres, dizem, esses cascudos metem.
Tais informações foram sempre dadas por devaneios, por indícios, por força de eflúvios.

— A partir da fusão com a natureza esses bichos se tornaram eróticos. Se encostavam no corpo da natureza para exercê-la. E se tornavam apêndices dela.
Ou seres adoecidos de natureza. Assim, pedras sonhavam eles para musgo. Sapos familiarizavam eles com o chão.
Nenhuma coisa ficava sem órgãos ou locas.
Mudaram a brancura das chuvas e a extensão dos escuros.

— Tal como os peixes, lhes foi dada uma fisiologia especial — para que vivam nas águas, a esses viventes de ermo lhes deram vozes batráquias, que repercutem como algodão.

— As palavras invadem esse ermo como ervas. Todas as coisas passam a ter desígnios. Não há o que lhes ande por documentos. Enxergam borboletas apertando rios.

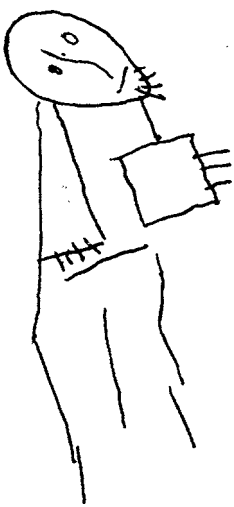
Escutam o luar comendo árvores. Trazem no centro da boca pequenas canaletas por onde lhes correm o lanho e o lodo. O chão dá encosto para as suas latas, seus trevos, seus apetrechos. Arrastam no crepúsculo andrajos e moscas. Criam peixes nos bolsos. Há cogumelos paridos em seus ressaios. E vozes de rios e rãs em suas bocas. Águas manuseiam seus azuis. E, viver roça no corpo deles.

— E as palavras, têm vida?
— Palavras para eles têm carne aflição pentelhos — e a cor do êxtase.

PASSOS PARA A TRANSFIGURAÇÃO

I

Das vilezas do chão
Vêm-lhe as palavras
Chega têm ouro
Até. Chega libélulas.



MURMÚRIOS O RECITAM SOBRE A TARDE

II

Em suas ruínas
Homizia sapos
Formigas carregam suas latas
Devaneiam palavras

O ESCURO ENCOSTA NELES
PARA TER VAGA-LUMES

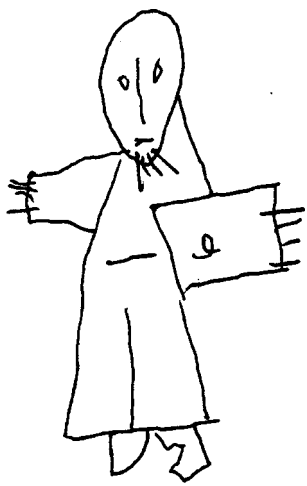
III

Anda lugares vazios
Em que inúteis
Borboletas o adotam
Por petúnias…

UM RIO ESTICADO DE AVES
O ACOMPANHA

IV

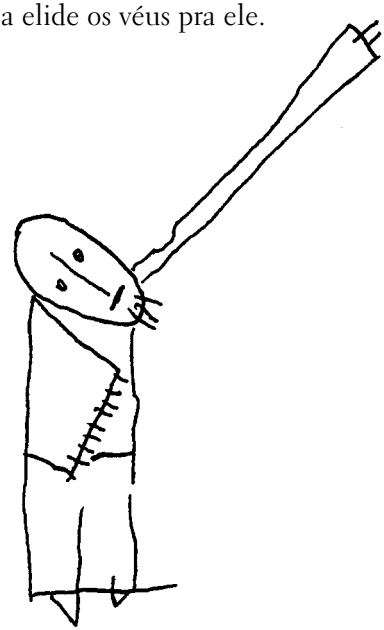
Descobre-se com unção
Ante uma pedra
Uma árvore
Um escorpião



PEDRAS APRENDEM SILÊNCIO NELE

V

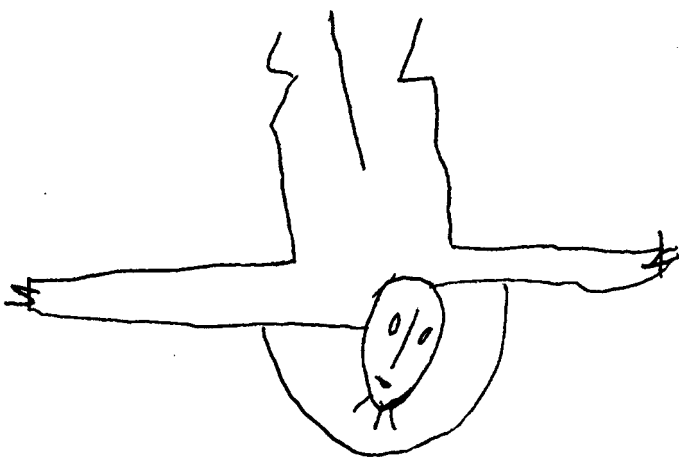
Sonham os musgos
De o revestir.
É referente de conchas
A lua elide os véus pra ele.



SEU OMBRO CONTRIBUIU
PARA O HORIZONTE DESCER

VI

Um desígnio a coisas
O eremisa.
Jias dormem gerânios
Com o seu rosto.



ELE CONCLUI O AMANHECER?

SEIS OU TREZE COISAS QUE EU APRENDI SOZINHO

1.

Gravata de urubu não tem cor.
Fincando na sombra um prego ermo, ele nasce.
Luar em cima de casa exorta cachorro.
Em perna de mosca salobra as águas cristalizam.
Besouros não ocupam asas para andar sobre fezes.
Poeta é um ente que lambe as palavras e depois se alucina.
No osso da fala dos loucos há lírios.

2.

Com cem anos de escória uma lata aprende a rezar.
Com cem anos de escombros um sapo vira árvore e cresce por cima das pedras até dar leite.
Insetos levam mais de cem anos para uma folha sê-los.
Uma pedra de arroio leva mais de cem anos para ter murmúrios.
Em seixal de cor seca estrelas pousam despidas.
Mariposas que pousam em osso de porco preferem melhor as cores tortas.
Com menos de três meses mosquitos completam a sua eternidade.
Um ente enfermo de árvore, com menos de cem anos, perde o contorno das folhas.

Aranha com olho de estame no lodo se despedra.
Quando chove nos braços da formiga o horizonte diminui.
Os cardos que vivem nos pedrouços têm a mesma sintaxe
que os escorpiões de areia.
A jia, quando chove, tinge de azul o seu coaxo.
Lagartos empernam as pedras de preferência no inverno.
O voo do jaburu é mais encorpado do que o voo das horas.
Besouro só entra em amavios se encontra a fêmea dele
vagando por escórias…
A quinze metros do arco-íris o sol é cheiroso.
Caracóis não aplicam saliva em vidros; mas, nos brejos,
se embutem até o latejo.
Nas brisas vem sempre um silêncio de garças.
Mais alto que o escuro é o rumor dos peixes.
Uma árvore bem gorjeada, com poucos segundos, passa a
fazer parte dos pássaros que a gorjeiam.
Quando a rã de cor palha está para ter — ela espicha os
olhinhos para Deus.
De cada vinte calangos enlanguescidos por estrelas,
quinze perdem o rumo das grotas.
Todas estas informações têm soberba desimportância
científica — como andar de costas.

3.

Ilhota de pedra no meio de um corixo é de nome sarã.
Amanhecer de um sarã tem gala! Eu assisto:
Martim-pescador, de repente, no alto da água, arregaça
o cuzinho e solta sua isca de guspe.
Peixe vai ver o que foi aquele guspe: antepara!
De veloz arrojo martim-pescador frecha na água, e
num átimo sobe —

O peixe atravessado no bico!
As águas remansam e rezam.
Que esse martim-pescador é fela.

4.

Tem quatro teorias de árvore que eu conheço.
Primeira: que arbusto de monturo aguenta mais formiga.
Segunda: que uma planta de borra produz frutos ardentes.
Terceira: nas plantas que vingam por rachaduras lavra
um poder mais lúbrico de antros.
Quarta: que há nas árvores avulsas uma assimilação maior
de horizontes.

5.

A água passa por uma frase e por mim.
Macerações de sílabas, inflexões, elipses, refegos.
A boca desarruma os vocábulos na hora de falar
E os deixa em lanhos na beira da voz.

6.

O coró é um bicho abléfaro — e sem engonços.
Habita encostado nos termos que lhe referem.
Tem o corpo transparente e lambe o próprio oco na
fortuna
de que esse oco ainda seja a placenta em que morou.
O coró se suficienta.
Devora-se como um prato azedo de formigas.
E lambe até o algodão do nariz em que está morto.

7.

O rio atravessou um besouro pelo meio — e uma falena.
Era um besouro de âmbar, hosco
E uma falena de Ocaso. O besouro
Enfiou na falena seu aguilhão
E a trouxe para seu esconderijo.
Depois esplendorou-a toda antes de comê-la.

8.

Uma chuva é íntima
Se o homem a vê de uma parede umedecida de moscas;
Se aparecem besouros nas folhagens;
Se as lagartixas se fixam nos espelhos;
Se as cigarras se perdem de amor pelas árvores;
E o escuro se umedeça em nosso corpo.

9.

De noite passarinho é órfão
para voar. Não enxerga
nem o pai das vacas
nem o adágio dos arroios.
Seu olho de ovo emaranha com folhas.
No escuro não sabe medir direção e trompa nos paus.
Passarinho é poeta de arrebol.

10.

Em passar sua vagínula sobre as pobres coisas do chão,
a lesma deixa risquinhos líquidos…
A lesma influi muito em meu desejo de gosmar sobre as
palavras

Neste coito com letras!
Na áspera secura de uma pedra a lesma esfrega-se
Na avidez de deserto que é a vida de uma pedra a lesma
escorre…
Ela fode a pedra.
Ela precisa desse deserto para viver.

11.

Tem asas mas não entoa.
Penso que o papel o aceite.
Cuido que não seja nada.
Quase que não abre olho.
Acho que será de pano.
Falam que passou de lata.
No lugar de haver boca está o espanto.
Ri por não ter rosto.

12.

Que a palavra parede não seja símbolo
de obstáculos à liberdade
nem de desejos reprimidos
nem de proibições na infância
etc. (essas coisas que acham os
reveladores de arcanos mentais)
Não.
Parede que me seduz é de tijolo, adobe
preposto ao abdômen de uma casa.
Eu tenho um gosto rasteiro de
ir por reentrâncias
baixar em rachaduras de paredes
por frinchas, por gretas — com lascívia de hera.

Sobre o tijolo ser um lábio cego.
Tal um verme que iluminasse.

13.

Seu França não presta pra nada —
Só pra tocar violão.
De beber água no chapéu, as formigas já sabem quem ele é.
Não presta pra nada.
Mesmo que dizer:
— Povo que gosta de resto de sopa é mosca.
Disse que precisa de não ser ninguém toda vida.
De ser o nada desenvolvido.
E disse que o artista tem origem nesse ato suicida.

14.

Lugar em que há decadência.
Em que as casas começam a morrer e são habitadas por morcegos.
Em que os capins lhes entram, aos homens, casas portas adentro.
Em que os capins lhes subam pernas acima, seres adentro.
Luares encontrarão só pedras, mendigos, cachorros.
Terrenos sitiados pelo abandono, apropriados à indigência.
Onde os homens terão a força da indigência.

RETRATO QUASE APAGADO EM QUE SE PODE VER PERFEITAMENTE NADA

I

Não tenho bens de acontecimentos.
O que não sei fazer desconto nas palavras.
Entesouro frases. Por exemplo:
— Imagens são palavras que nos faltaram.
— Poesia é a ocupação da palavra pela Imagem.
— Poesia é a ocupação da Imagem pelo Ser.
Ai frases de pensar!
Pensar é uma pedreira. Estou sendo.
Me acho em petição de lata (frase encontrada no lixo).
Concluindo: há pessoas que se compõem de atos, ruídos, retratos.
Outras de palavras.
Poetas e tontos se compõem com palavras.

II

Todos os caminhos — nenhum caminho
Muitos caminhos — nenhum caminho
Nenhum caminho — a maldição dos poetas.

III

Chove torto no vão das árvores.
Chove nos pássaros e nas pedras.
O rio ficou de pé e me olha pelos vidros.
Alcanço com as mãos o cheiro dos telhados.
Crianças fugindo das águas
Se esconderam na casa.
Baratas passeiam nas fôrmas de bolo…
A casa tem um dono em letras.
Agora ele está pensando —
    no silêncio líquido
    com que as águas escurecem as pedras…
Um tordo avisou que é março.

IV

Alfama é uma palavra escura e de olhos baixos.
Ela pode ser o germe de uma apagada existência.
Só trolhas e andarilhos poderão achá-la.
Palavras têm espessuras várias: vou-lhes ao nu, ao fóssil,
ao ouro que trazem da boca do chão.
Andei nas negras pedras de Alfama.
Errante e preso por uma fonte recôndita.
Sob aqueles sobrados sujos vi os arcanos com flor!

V

Escrever nem uma coisa
Nem outra —
A fim de dizer todas —
Ou, pelo menos, nenhumas.

Assim,
Ao poeta faz bem
Desexplicar —
Tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes.

VI

No que o homem se torne coisal — corrompem-se nele
os veios comuns do entendimento.
Um subtexto se aloja.
Instala-se uma agramaticalidade quase insana, que
empoema o sentido das palavras.
Aflora uma linguagem de defloramentos, um
inauguramento de falas.
Coisa tão velha como andar a pé
Esses vareios do dizer.

VII

O sentido normal das palavras não faz bem ao poema.
Há que se dar um gosto incasto aos termos.
Haver com eles um relacionamento voluptuoso.
Talvez corrompê-los até a quimera.
Escurecer as relações entre os termos em vez de aclará-los.
Não existir mais rei nem regências.
Uma certa liberdade com a luxúria convém.

VIII

Nas Metamorfoses, em duzentas e quarenta fábulas,
Ovídio mostra seres humanos transformados em
pedras, vegetais, bichos, coisas.

Um novo estágio seria que os entes já transformados
falassem um dialeto coisal, larval, pedral etc.
Nasceria uma linguagem madruguenta, adâmica,
edênica, inaugural —
Que os poetas aprenderiam — desde que voltassem às
crianças que foram
Às rãs que foram
Às pedras que foram.
Para voltar à infância, os poetas precisariam também de
reaprender a errar a língua.
Mas esse é um convite à ignorância? A enfiar o idioma
nos mosquitos?
Seria uma demência peregrina.

IX

Eu sou o medo da lucidez.
Choveu na palavra onde eu estava.
Eu via a natureza como quem a veste.
Eu me fechava com espumas.
Formigas vesúvias dormiam por baixo de trampas.
Peguei umas ideias com as mãos — como a peixes.
Nem era muito que eu me arrumasse por versos.
Aquele arame do horizonte que separava o morro do céu
estava rubro.
Um rengo estacionou entre duas frases.
Um descor
Quase uma ilação do branco.
Tinha um palor atormentado a hora.
O pato dejetava liquidamente ali.

BEIJA-FLOR DE RODAS VERMELHAS

Imprestável seria: um pássaro

Ter corola?

Um beija-flor de rodas vermelhas?

— E as aves sonham pelo pescoço?

•

Os adejos mais raros se escondem nos emaranhos.

•

Formigas botaram ovo
Nuas, sem cortinas…
Na aba de um capuz roto

Agosto estava por um trevo!

•

Silêncio a gerânios
Iluminadamente
Aves de ilhas trazem perfumes vermelhos

•

Nas petúnias
a lua
delonga…

Uma certa cor torta espera abril

•

Rola uma vespa na estrada
— morta e enformigada —
Aranhas a tecem com pontos de orvalho

•

Folha seca viaja
pelo rio — um rã sentado nela
escolhe nuvens

Nas nuvens um incêndio de garças

•

Cigarras franzem a hora
Libélulas pensam dálias…

CONCERTO
A CÉU ABERTO
PARA SOLOS DE AVE

CONCERTO A CÉU ABERTO PARA SOLOS DE AVE

INTRODUÇÃO A UM CADERNO DE APONTAMENTOS

Meu avô ainda não estava morando na árvore.
Se arrastava sobre um couro encruado no assoalho da sala.
O vidro do olho de meu avô não virava mais e nem reverberava.
Uma parte estava com oco e outra com arame.
Quando arrancaram das mãos do Tenente Cunha e Cruz a bandeira do Brasil, com a retomada de Corumbá, na Guerra do Paraguai, meu avô escorregou pelo couro com a sua pouca força, pegou do Gramofone, que estava na sala, e o escondeu no porão da casa.
Todos sabiam que o Gramofone estava escondido no porão da casa, desde o episódio.
Durante anos e anos, poucos desceram mais àquele porão da casa, salvo uns morcegos frementes.
Em 1913, uma árvore começou a crescer no porão, por baixo do Gramofone.
(Os morcegos decerto levaram a semente.)

Um guri viu o caso e não contou pra ninguém.
Toda manhã ele ia regar aquele início de planta.
O início estava crescendo entrelaçado aos pedaços de ferro do Gramofone.
Dizem que as árvores crescem mais rápido de noite, quando menos são vistas, e o escuro do porão com certeza favorecia o crescer.
Com menos de dois anos, as primeiras folhas da árvore já empurravam o teto do porão.
O menino começou a ficar preocupado.
O avô foi acordado de repente com os esforços da árvore para irromper no assoalho da sala.
Escutavam-se também uns barulhos de ferro — deviam de ser partes do Gramofone que estertoravam.
No Pentecostes, a árvore e o Gramofone apareceram na sala.
O avô ergueu a mão.
Depois apalpou aquele estrupício e pôde reconhecer, com os dedos, algumas reentrâncias do Gramofone.
A árvore frondara no salão.
Meu avô subiu também, preso nas folhas e nas ferragens do Gramofone.
Pareceu-nos, a todos da família, que ele estava feliz.
Chegou a nos saudar com as mãos.
O pé-direito da sala era de dois metros e a telha era vã.
Meu avô flutuava no espaço da sala entrelaçado aos galhos da árvore e segurando o seu Gramofone.

Todos olhavam para o alto na hora das refeições, e víamos o avô lá em cima, flutuando no espaço da sala com o rosto alegre de quem estava encetando uma viagem.
Tornava-se difícil para mim levar alimentos para o meu avô.
Eu tinha que trepar na árvore que agora começava a forçar o teto da sala.
Havia medo entre nós que as telhas ferissem de alguma forma o meu avô —
ou então que o sufocassem entre os galhos e o Gramofone.
Eu estaria com sete anos quando a árvore furou o telhado da sala e foi frondear no azul do céu.
Meu avô agora estava bem, sorrindo de pura liberdade, pousado nas frondes da árvore, ao ar livre, com o seu Gramofone.
Eu tinha medo que o meu avô ali pegasse um resfriado.
Tornou-se mais difícil levar comida para ele.
Algumas formigas e alguns pássaros roubavam arroz de seu prato.
Aqueles passarinhos pousavam do mesmo jeito nos galhos e nos braços de meu avô.
Todos ficavam admirados de ver o avô morando na árvore.
Aquele Gramofone, como eu imaginara, não deveria mais tocar música, pois que estava todo enferrujado e bosteado de arara.
Quatro dias depois de um novo Pentecostes, caiu sobre o assoalho da sala, onde viviam os outros membros da família, um ovo! pluft e se quebrou.

Era um ovo de anhuma.
(A anhuma é um pássaro grande, que muda de prosódia quando alguma chuva está por vir.)
De forma que quando a prosódia da anhuma mudava eu corria a levar um agasalho para o meu avô.
Aquela ave, a anhuma, depois nós descobrimos, fizera o seu ninho justamente no tubo do Gramofone.
E por ali o ovo escapou e desceu (pelo tubo furado) e pluft se quebrou no assoalho da sala.
Meu avô percebeu o barulho do ovo que se quebrou lá embaixo.
Parte do olho dele estava com oco e parte com arame, como já disse.
Doze dias antes de sua morte meu avô me entregou um CADERNO DE APONTAMENTOS.
Os pássaros iam carregando os trapos esgarçados do corpo do meu avô.
Ele morreu nu.
Falam que meu avô, nos últimos anos, estava sofrendo do moral.
Por tudo que leio nesses apontamentos, pela ruptura de certas frases, fico em dúvida se esses escritos são meros delírios ônticos ou mera sedição de palavras.
Metade das frases não pude copiar por ilegíveis.

CADERNO DE APONTAMENTOS

Devo falar agora de mim,
isso seria um passo
na direção do silêncio…
SAMUEL BECKETT
in *O inominável*

I.

Deixei uma ave me amanhecer.

II.

Toda vez que a manhã está sendo começada nos meus olhos, é assim…

Essa luz empoçada em avencas.

As avencas são cegas.
Nenhuma flor protege o silêncio quanto elas.

Ó a luz da manhã empoçada em avencas!

III.

Louçania das garças na manhã!

IV.

Sabiá de setembro tem orvalho na voz.
De manhã ele recita o sol.

V.

Quando eu nasci
o silêncio foi aumentado.

Meu pai sempre entendeu
Que eu era torto
Mas sempre me aprumou.
Passei anos me procurando por lugares nenhuns.
Até que não me achei — e fui salvo.
Às vezes caminhava como se fosse um bulbo.

VI.

Ontem passou por aqui um meu ancestral, que
solfejava Bach:
"Fique conosco, Senhor, que a noite chega."
Ele cantava assim nas estradas mais sujas.
E aquelas borboletas sobre uns ramos de
tomilho cantavam com ele.

VII.

Atrás de nossa casa trabalha um rio.
O alumínio dos peixes vislumbra.

VIII. (lembrança)

Passou por dentro da Praça, fez uma beleza
com o rosto, e me viu.
Disse que tinha tino para piano; mas só tocava
borboletas…
Bichinho contráctil:
Às primeiras carícias no pelo a valva cindia.
Usava glicínias no pube.
Os olhos encardidos de sonhos.

IX.

Agora estou sonhado de glicínias.

X.

Eis o aranquã — um pássaro sem indústria.
O passado obscuro dele é um rio.
Sua voz tem um som vegetal.

XI.

Não sei bem de que cor é a cor do amaranto.
Mas pelo *amar* e pelo *canto* fica bem esse amaranto aí (melhor do que se eu usasse perpétua, que é o outro nome que se põe a essa flor).
Amaranto murmura melhor.

XII.

Desceu um tédio de verbena em mim.

XIII.

Certas palavras têm ardimentos; outras, não.
A palavra *jacaré* fere a voz.
É como descer arranhado pelas escarpas de um serrote.
É nome com verdasco de lodo no couro.
Além disso é agríope (que tem olho medonho).
Já a palavra *garça* tem para nós um sombreamento de silêncios…
E o azul seleciona ela!

XIV. (lembrança)

Entrei na Vila do Livramento (Vila de Nossa Senhora do Livramento — ao completo) puxando uma égua aviciada.

No Largo do Tanque, onde existe ainda hoje
uma Igreja Romana, a égua estancou.
Aviciada.
O sacristão apareceu (puxava um cavalo).
Aquela chapoleta do cavalo na égua por detrás
adentro, eu vi de perto.
Meu olho crepusculou-se.
Uma aranha espirrou pessoalmente.
Deu para apreender concepção sem ler o
Pentateuco.

XV.

Dentro do abandono de minha boca tem uma
luxúria.

XVI.

Vi um incêndio de girassóis na alma de uma
lesma.

XVII.

Afundo um pouco o rio com os meus sapatos
Desperto um som de raízes com isso
A altura do som é quase azul.

XVIII.

Uma palavra está nascendo
Na boca de uma criança:
Mais atrasada do que um murmúrio.
Não tem história nem letras —
Está entre o coaxo e o arrulo.

XIX.

De tarde o horizonte amolece meu olho.
Põe breu.
De manhã faço abluções com orvalho.

XX.

No olho dourado dos sapos a primazia é das flores.
Eles têm condão para hortênsias.

XXI.

O tordo guarda no olho
andrajos de jardins.
Seu canto entretanto é límpido.

XXII.

Achei entre os pertences de Bernardo um vaso de colher chuvas, um cachimbo
e um rosto de inseto dependurado na calça.
Bernardo tem fé quase assim de molusco.
Para saber dos passarinhos só precisa de suas ignorâncias.

XXIII.

Vi uma água viciada em mar!
Meus ocasos mudaram de aves?

XXIV.

Ouço uma frase de aranquã: *ên-ên? ço-hô!*
ahê han? hum?…

Não tive preparatório em linguagem de aranquã.
Caligrafei seu nome assim . Mas pode uma palavra chegar à perfeição de se tornar um pássaro?
Antigamente podia.
As letras aceitavam pássaros.
As árvores serviam de alfabeto para os Gregos.
A letra mais bonita era a (palmeira).
Garatujei meus pássaros até a última natureza.
Notei que descobrir novos lados de uma palavra era o mesmo que descobrir novos lados do Ser.
As paisagens comiam no meu olho.

XXV. (lembrança)

Perto do rio tenho sete anos.
(Penso que o rio me aprimorava.)
Acho vestígios de uma voz de pássaro nas águas.
Viajo de trem para o Internato.
Vou conversando passarinhos pela janela do trem.
Um bedel raspou a cabeça de meu irmão no internato.
Havia um muro cheio de ofendículos.
Liberdade havia de ser pular aquele muro.
Do outro lado havia um guaviral onde os moços e as moças se encontravam e se filhavam.
A gente manuseava os pichitos.
Na Igreja os padres reuniam os alunos e tentavam falar a sério.

Mas eu sempre achei muita graça quando as
pessoas estão falando sério.
Acho que isso é um defeito alimentar.

XXVI.

Depois que atravessarem o muro e a tarde
os caracóis cessarão.
Às vezes cessam ao meio.
Cessam de repente, porque lhes acaba por
dentro a gosma com que sagram os seus
caminhos.
Vêm os meninos e os arrancam da parede
ocos.
E com formigas por dentro passeando em seus
restos de carne.
Essas formigas são indóceis de ocos.
Ah, como serão ardentes nos caracóis os desejos
de voar!

P.S.: Caracol é uma solidão que anda na parede.

XXVII.

Pelúcia
no olho dos pássaros.
E este inverno que não acaba!

XXVIII.

Limos cingem meu exílio
Me desejam
Tentam enverdar meus pés.
Em suas pedras moram meus indícios.

XXIX.

A linha do horizonte quase rubra
estava esticada desde uma parte leste do morro
até uma garça guiratinga na beira do rio.
Um besouro tentava alcançar essa linha do
horizonte com os seus ganchos de pegar moscas.
Beligerava como um guerreiro medieval.
Logo depois a linha escureceu.
Encontramos o besouro atrás de casa com as
patas para cima.
Perguntava: — Onde estão os despojos do dia?

XXX.

Atrás do voo dos patos seguem os restos do dia…

XXXI.

Contemplo as engrenagens de um monturo:
vísceras de colchões, caixotes, tripas de aves etc.
A tripa é insigne!
Seduz-me essa união rasteira das tripas com o
musgo.
Seduz-me o trono dos insetos.

XXXII.

Há nos poetas uma aura de ralo?

XXXIII. (lembrança)

Um sujeito mancava de madeira.
Seu manco era oblíquo.
Sua boca atingia o canto.
Para avançar no poente, ele tinha que atravessar
o rio.

O rio dobrava uma perna para ele passar; mas
ele não dobrava a sua perna para passar o rio.
De forma que nós, do barranco, ficávamos, de
um modo ascoso, esperando.
Era preciso amarrar uma corda na cintura do
homem e depois puxar.
O homem atravessava o rio como um peixe
fisgado pelo meio.
Poucos entendiam quase nada; mas eu entendia
um pouco menos.
(É assim. Restolho, de primeiro, não passava de
restos de uma erva seca; depois o restolho se
tornaria a imagem de um pobre homem à beira
de um ralo.)
Esse manco era um pobre homem à beira de um
ralo.

XXXIV. (lembrança)

Em 1912,
Entrei para uma seita desativada cujos membros
um pouco dementados
Se ocupavam de ouvir a ressonância deles
mesmos nas palavras
(igual que os louquinhos quando ouvem paredes)
Comecei a saber menos sobre meus desencontros.
Uma porção de lodo forçou para baixo a minha
voz.
Aprendi que no escuro eu enxergo melhor.
Orvalho benzeu meu olho.

P.S.: Esse é um trecho da autobiografia religiosa que estou escrevendo *para enfeitar a noite do meu bem*.

XXXV.

A vespa amanheceu
molhada sobre o ralo.
O voo não aguenta mais com ela.

XXXVI.

A voz de um passarinho me recita.

XXXVII.

Araras ralam as extensões…

XXXVIII.

Há pela tarde uma dissipação de aves.

XXXIX.

Vi a mosca de tule sempiterna
(Opulento comigo esse luar…)
Vi um réptil de rendas e alamares
As larvas de uniforme
Baratas de togas pretextas
A brisa presa no algodão
E a vida dos prepúcios minerais

XL.

Vi a tarde correndo dos cachorros…

XLI.

Colavam anêmonas no sol!

XLII.

……
……
Eu vi um êxtase no cisco!
……

XLIII.

Chegam as andorinhas com vestígios de chuvas.
Elas me desempenham?

XLIV.

Amuram-se lesmas frias nas minhas consoantes
labiais.

XLV.

Fui convidado pelas aves para ser árvore.
Eu sofro preferência para pedras.

XLVI.

……
Cresce uma ascese no meu caderno.
……
……..
Vou vender entrecosto de mosca
no Helesponto?
……..

XLVII.

Abelhas novembras murmuram meu olho.

XLVIII.

……
Sei de conchas em mim ouvindo hinos.
Estou em vão.

XLIX.

……..
……..
Os morros se andorinham longemente…
Eu me horizonto.
Eu sou o horizonte dessas garças.

L.

Ó azaleias veementes! Fim.

CADERNO DE ANDARILHO

APRESENTAÇÃO

Eu quando conheci o Aristeu —
    ele estava em final de árvore.
E andava por aldeias em santidade de zínias.
O ermo fazia curvas para ele.
Subiam-lhe caracóis ao manto.
O que Gogol falou sobre Akaki Akakievitch,
eu diria de Aristeu:
"Um homem que desceu à sepultura sem ter
realizado um só ato excepcional."
Inventava descobrimentos:
Que a estridência dos grilos durante o cio
aumenta 75 vezes. E peixe não tem honra.
Difícil de provar a desonra dos peixes; mesmo
com fita métrica…
Como é difícil de provar que em abril as
manhãs recebem com mais ternura os
passarinhos.
Exerci alguns anos ao lado de Aristeu a
profissão de urubuzeiro (o trabalho era
espantar os urubus dos tendais de uma
charqueada).
Com esses exercícios os nossos
desconhecimentos aumentaram bem.

As coisas sem nome apareciam melhor.
Vimos até que os cantos podem ser ouvidos em forma de asas.

RETRATO

Quando menino encompridava rios.
Andava devagar e escuro — meio formado em silêncio.
Queria ser a voz em que uma pedra fale.
Paisagens vadiavam no seu olho.
Seus cantos eram cheios de nascentes.
Pregava-se nas coisas quanto aromas.

PREFÁCIO

Assim é que elas foram feitas (todas as coisas) —
sem nome.
Depois é que veio a harpa e a fêmea em pé.
Insetos errados de cor caíam no mar.
A voz se estendeu na direção da boca.
Caranguejos apertavam mangues.
Vendo que havia na terra
    dependimentos demais
e tarefas muitas —
os homens começaram a roer unhas.
Ficou certo pois não
que as moscas iriam iluminar
    o silêncio das coisas anônimas.
Porém, vendo o Homem
que as moscas não davam conta de iluminar o

silêncio das coisas anônimas —
passaram essa tarefa para os poetas.

CADERNO DE ANDARILHO

Sapo de noite arregala o olho pra desmedir a saudade.

•

Melhor para entardecer é encostar em árvore.

•

Se um trevo assumir a tarde, de noite chove.

•

Pessoa que lê água está sujeita a libélula.

•

Lagartixas piscam para as moscas antes de havê-las.

•

Nos lábios do chão formigas fazem de lado.

•

As 4.000 estrias de um olho de mosca no verão irisam. Isso só pode ser visto sem microscópio.

•

Cheio de vogais pelas pernas vai o caranguejo soletrando-se.

•

Há nos santos grandes margens de antro.

•

Os girassóis têm dom de auroras.

•

Muito suspeito o andar das rolinhas: o traseiro delas entoa.

•

A água lírica dos córregos não se vende em farmácia.

•

Camaleões são pertencidos pelas cores; eles se aperfeiçoam das paisagens.

•

Mosca de estrume tem pestana alta (ou quase 32% delas).

•

Nódoas de muro seduzem caracóis.

•

Cupim trabalha o dia inteiro; de noite, enlama.

•

De noite há uma flor que corrige os insetos.

•

No inverno as anhumas verdejam de voz.

•

Na beira do entardecer o canto das cigarras
enferruja.

•

Se for interno de árvore até o macaco gorjeia.

•

Na cidade o silêncio avilta-se.

•

A arara gutura: em sua voz o canto desmerece.

•

Uma coisa que o homem descobre de tanto
seu encosto no chão é o êxtase do nada.

•

Calango escuma verde antes de meter.

•

Grilo faz a noite menor para ele caber.

•

Mosca zine de magra; zine por nós.

•

Existe um lagarto indigente; o rio encosta
as margens na sua voz azul.

•

Caramujos ajudam as árvores a crescer.

•

Quando as aves falam com as pedras e as rãs com as águas — é de poesia que estão falando.

•

Espantalho com indícios de árvore tordo não estranha.

•

Coruja de papo azulado não avisa chuva.

•

O orvalho endivina os tontos.

•

Besouro no estrume está no palácio.

•

O nome ensina ao poeta as suas semelhanças.

•

Nos barrancos mais altos cardeal faz degraus pra descer.

•

Água de fonte lustral passarinho registra à distância de doze pedradas.

•

Em casa de pobre as mariposas preferem fremir peladas.

•

Hino e limos se entendem por música. Por letra e música.

•

Idiotas de estrada passarinho cuida.

•

De tarde as horas cheiram goma.

•

Estátuas sofrem de lodo nos jardins abandonados.

•

O lodo prefere caranguejos de cabelo.

•

Anu-branco não pousa em igrejas.

•

Sabiás de outubro não delimpam seus cantos; os de março delimpam. Estamos estudando a razão disso por lâminas de cantos.

•

Ao canto dos aranquãs tatu enlanguesce.

•

Certas palavras delinquem como qualquer farmacêutico.

•

Gafanhoto de grota tem aroma comprido.

•

Coisa que não acaba no mundo é gente besta e pau seco.

•

Cachorro quando vê lesma gosmilha.

•

O cágado parece um bicho do Gênesis; sem fala nem guarda-chuva, ele procura a indireção dos ventos.

•

Um rio quando se espraia dorme entregue a si mesmo, dorme às conchas…

•

O lodo aceso das moscas atrai os calangos.

•

Visto do alto por um socó o rio escorre como um vidro mole.

•

Formiga não tem dor nas costas.

•

Dentro da mata no entardecer o canto dos pássaros é sinfônico.

•

Coisa de Deus! a breve espera do rio para a passagem dos patos.

•

Ditados (dois) inscritos na parede de uma tapera:

1. Homem astroso, sujeito insetoso e mulher violosa não acertam na prosa.
2. Para ser escravo da natureza o homem precisa de ser independente.

•

Anhuma é uma ave que toca fagote.

•

Bosta de carancho, na pedra, combure.

•

Lugar onde lua entra morcego desprefere.

•

No olho do tamanduá funciona um aparelho de entontecer formiga.

•

Cobra não ataca no vácuo.

•

Dormem águas antigas por baixo dos balseiros.

•

Quando as sombras avançam na estrada é preciso aldear.

FIM

O LIVRO DAS IGNORÃÇAS

1ª parte
UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO

As coisas que não existem
são mais bonitas.
FELISDÔNIO

I

Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:

a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca
b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer
c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos
d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação
e) Que um rio que flui entre dois jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos
f) Como pegar na voz de um peixe
g) Qual o lado da noite que umedece primeiro.

etc
etc
etc

Desaprender oito horas por dia ensina os princípios.

II

Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.

Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.

III

Repetir repetir — até ficar diferente.
Repetir é um dom do estilo.

IV

No Tratado das Grandezas do Ínfimo estava escrito:
Poesia é quando a tarde está competente para dálias.
É quando
Ao lado de um pardal o dia dorme antes.
Quando o homem faz sua primeira lagartixa.
É quando um trevo assume a noite
E um sapo engole as auroras.

V

Formigas-carregadeiras entram em casa de bunda.

VI

As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças.

VII

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos.*
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos —
O verbo tem que pegar delírio.

VIII

Um girassol se apropriou de Deus: foi em Van Gogh.

IX

Para entrar em estado de árvore é preciso partir de um torpor animal de lagarto às três horas da tarde, no mês de agosto.
Em dois anos a inércia e o mato vão crescer em nossa boca.
Sofreremos alguma decomposição lírica até o mato sair na voz.

Hoje eu desenho o cheiro das árvores.

X

Não tem altura o silêncio das pedras.

XI

Adoecer de nós a Natureza:
— Botar aflição nas pedras
(Como fez Rodin).

XII

Pegar no espaço contiguidades verbais é o mesmo
que pegar mosca no hospício para dar banho nelas.
Essa é uma prática sem dor.
É como estar amanhecido a pássaros.

Qualquer defeito vegetal de um pássaro pode
modificar os seus gorjeios.

XIII

As coisas não querem mais ser vistas por pessoas
razoáveis:
Elas desejam ser olhadas de azul —
Que nem uma criança que você olha de ave.

XIV

Poesia é voar fora da asa.

XV

Aos blocos semânticos dar equilíbrio. Onde o
abstrato entre, amarre com arame. Ao lado de um
primal deixe um termo erudito. Aplique na aridez
intumescências. Encoste um cago ao sublime. E no
solene um pênis sujo.

XVI

Entra um chamejamento de luxúria em mim:
Ela há de se deitar sobre meu corpo em toda a espessura de sua boca!
Agora estou varado de entremências.
(Sou pervertido pelas castidades? Santificado pelas imundícias?)

Há certas frases que se iluminam pelo opaco.

XVII

Em casa de caramujo até o sol encarde.

XVIII

As coisas da terra lhe davam gala.
Se batesse um azul no horizonte seu olho entoasse.
Todos lhe ensinavam para inútil
Aves faziam bosta nos seus cabelos.

XIX

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.
Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada.
Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem.

XX

Lembro um menino repetindo as tardes naquele quintal.

XXI

Ocupo muito de mim com o meu desconhecer.
Sou um sujeito letrado em dicionários.
Não tenho que 100 palavras.
Pelo menos uma vez por dia me vou no Morais ou no Viterbo —
A fim de consertar a minha ignorãça,
mas só acrescenta.
Despesas para minha erudição tiro nos almanaques:
— Ser ou não ser, eis a questão.
Ou na porta dos cemitérios:
— Lembra que és pó e que ao pó tu voltarás.
Ou no verso das folhinhas:
— Conhece-te a ti mesmo.
Ou na boca do povinho:
— Coisa que não acaba no mundo é gente besta e pau seco.
Etc
Etc
Etc
Maior que o infinito é a encomenda.

. . .

2ª parte

OS DESLIMITES DA PALAVRA

EXPLICAÇÃO DESNECESSÁRIA

Na enchente de 22, a maior de todas as enchentes do Pantanal, canoeiro Apuleio vogou três dias e três noites por cima das águas, sem comer sem dormir — e teve um delírio frásico. A estórea aconteceu que um dia, remexendo papéis na Biblioteca do Centro de Criadores da Nhecolândia, em Corumbá, dei com um pequeno Caderno de Armazém, onde se anotavam compras fiadas de arroz feijão fumo etc. Nas últimas folhas do caderno achei frases soltas, cerca de 200. Levei o manuscrito para casa. Lendo as frases com vagar imaginei que o desolo a fraqueza e o medo talvez tenham provocado, no canoeiro, uma ruptura com a normalidade. Passei anos penteando e desarrumando as frases. Desarrumei o melhor que pude. O resultado ficou esse. Desconfio que, nesse caderno, o canoeiro voou fora da asa.

DIA UM

1.1

Ontem choveu no futuro.
Águas molharam meus pejos

Meus apetrechos de dormir
Meu vasilhame de comer.
Vogo no alto da enchente à imagem de uma rolha.
Minha canoa é leve como um selo.
Estas águas não têm lado de lá.
Daqui só enxergo a fronteira do céu.
(Um urubu fez precisão em mim?)
Estou anivelado com a copa das árvores.
Pacus comem frutas de carandá nos cachos.

1.2

Eu hei de nome Apuleio.
Esse cujo eu ganhei por sacramento.
Os nomes já vêm com unha?
Meu vulgo é Seo Adejunto — de dantes
cabo adjunto por servimentos em quartéis.
Não tenho proporções para apuleios.
Meu asno não é de ouro.
Ninguém que tenha natureza de pessoa pode
esconder as suas natências.
Não fui fabricado de pé.
Sou o passado obscuro destas águas?

1.3

Eu vim pra cá sem coleira, meu amo.
Do meu destino eu mesmo desidero.
Não uso alumínio na cara.
Quando cheguei neste lugar —
Só batelão e boi de sela trafegavam.
Aqui só dava maxixo e capivara.
Mosquito usava pua de ¾.

Falo sem desagero.
Desculpe a delicadeza.
Meu olho tem aguamentos.
(Fui urinado pelas ovelhas do Senhor?)

1.4

Insetos cegam meu sol.
Há um azul em abuso de beleza.
Lagarto curimpãpã se agarrou no meu remo.
Os bichos tremem na popa.
Aqui até cobra eremisa, usa touca, urina na fralda.
Na frente do perigo bugio bebe gemada.
Periquitos conversam baixo.
……
Sou puxado por ventos e palavras.
(Palestrar com formigas é lindeiro de insânia?)

1.5

Eu sei das iluminações do ovo.
Não tremulam por mim os estandartes.
Não organizo rutilâncias
Nem venho de nobrementes.
Maior que o infinito é o incolor.
Eu sou meu estandarte pessoal.
Preciso do desperdício das palavras para conter-me.
O meu vazio é cheio de inerências.
Sou muito comum com pedras.
……
(O que está longe de mim é preclaro ou escuro?)

1.6

Tenho o ombro a convite das garças.
……
……
(Tirei as tripas de uma palavra?)
……
A chuva atravessou um pato pelo meio.
……
Eu tenho faculdade pra dementes?
……
A chuva deformou a cor das horas.
……
A placidez já põe a mão nas águas.

1.7

Do que não sei o nome eu guardo as semelhanças.
Não assento aparelhos para escuta
E nem levanto ventos com alavanca.
(Minha boca me derrama?)
Desculpem-me a falta de ignorãças.
Não uso de brasonar.
Meu ser se abre como um lábio para moscas.
Não tenho competências pra morrer.
O alheamento do luar na água é maior do que o meu.
O céu tem mais inseto do que eu?

SEGUNDO DIA

2.1

Não oblitero moscas com palavras.
Uma espécie de canto me ocasiona.

Respeito as oralidades.
Eu escrevo o rumor das palavras.
Não sou sandeu de gramáticas.
Só sei o nada aumentado.
Eu sou culpado de mim.
Vou nunca mais ter nascido em agosto.
No chão de minha voz tem um outono.
Sobre meu rosto vem dormir a noite.

2.2

Lugar sem comportamento é o coração.
Ando em vias de ser compartilhado.
Ajeito as nuvens no olho.
A luz das horas me desproporciona.
Sou qualquer coisa judiada de ventos.
Meu fanal é um poente com andorinhas.
Desenvolvo meu ser até encostar na pedra.
Repousa uma garoa sobre a noite.
Aceito no meu fado o escurecer.
No fim da treva uma coruja entrava.

2.3

Escuto a cor dos peixes.
Essa vegetação de ventos me inclementa.
(Propendo para estúrdio?)
O escuro enfraquece meu olho.
Ó solidão, opulência da alma!
No ermo o silêncio encorpa-se.
A noite me diminui.
Agora biguás prediletam bagres.
Confesso meus bestamentos.
Tenho vanglória de niquices.

.....
(Dou necedade às palavras?)

2.4

Um besouro se agita no sangue do poente.
Estou irresponsável de meu rumo.
Me parece que a hora está mais cega.
Um fim de mar colore os horizontes.
Cheiroso som de asas vem do sul.
Eis varado de abril um martim-pescador!
(Sou pessoa aprovada para nadas?)
Quero apalpar meu ego até gozar em mim.
Ó açucenas arregacadas.
Estou só e socó.

2.5

Ando muito completo de vazios.
Meu órgão de morrer me predomina.
Estou sem eternidades.
Não posso mais saber quando amanheço ontem.
Está rengo de mim o amanhecer.
Ouço o tamanho oblíquo de uma folha.
Atrás do ocaso fervem os insetos.
Enfiei o que pude dentro de um grilo o meu destino.
Essas coisas me mudam para cisco.
A minha independência tem algemas.

2.6

As sujidades deram cor em mim.
Estou deitado em compostura de águas.
Na posição de múmia me acomodo.

Não uso morrimentos de teatro.
Minha luta não é por frontispícios.
O desenho do céu me indetermina.
O viço de um jacinto me engalana.
O fim do dia aumenta meu desolo.
Às vezes passo por desfolhamentos.
Vou desmorrer de pedra como um frade.

2.7

O ocaso me ampliou para formiga.
Aqui no ermo estrela bota ovo.
Melhoro com meu olho o formato de um peixe.
Uma ave me aprende para inútil.
A luz de um vaga-lume se reslumbra.
Quero apalpar o som das violetas.
Ajeito os ombros para entardecer.
Vou encher de intumências meu deserto.
Sou melhor preparado para osga.
O infinito do escuro me perena.

TERCEIRO DIA

3.1

Passa um galho de pau movido a borboletas:
Com elas celebro meu órgão de ver.
Inclino a fala para uma oração.
Tem um cheiro de malva esta manhã.
Hão de nascer tomilhos em meus sinos.
(Existe um tom de mim no anteceder?)
Não tenho mecanismos para santo.
Palavra que eu uso me inclui nela.

Este horizonte usa um tom de paz.
Aqui a aranha não denigre o orvalho.

3.2

Espremida de garças vai a tarde.
O dia está celeste de garrinchas.
A cor de uma esperança me garrincha.
Engastado em meu verbo está seu ninho.
O ninho está febril de epifanias.
(Com a minha fala desnaturo os pássaros?)
Um tordo atrasa o amanhecer em mim.
Quero haver a umidez de uma fala de rã.
Quero enxergar as coisas sem feitio.
Minha voz inaugura os sussurros.

3.3

Este ermo não tem nem cachorro de noite.
É tudo tão repleto de nadeiras.
Só escuto as paisagens há mil anos.
Chegam aromas de amanhã em mim.
Só penso coisas com efeitos de antes.
Nas minhas memórias enterradas
        Vão achar muitas conchas ressoando…
Seria o areal de um mar extinto
        Este lugar onde se encostam cágados?
Deste lado de mim parou o limo
E de outro lado uma andorinha benta.
Eu sou beato nesse passarinho.

3.4

O azul me descortina para o dia.
Durmo na beira da cor.

Vejo um ovo de anu atrás do outono.
……
(Eu tenho amanhecimentos precoces?)
……
Cresce destroço em minhas aparências.
Nesse destroço finco uma açucena.
(É um cágado que empurra estas distâncias?)
A chuva se engalana em arco-íris.
Não sei mais calcular a cor das horas.
As coisas me ampliaram para menos.

3.5

A lua faz silêncio para os pássaros,
— eu escuto esse escândalo!
Um perfume vermelho me pensou.
(Eu contamino a luz do anoitecer?)
Esses vazios me restritam mais.
Alguns pedaços de mim já são desterro.
……
(É a sensatez que aumenta os absurdos?)
De noite bebo água de merenda.
Me mantimento de ventos.
Descomo sem opulências…
Desculpe a delicadeza.

3.6

Nuvens me cruzam de arribação.
Tenho uma dor de concha extraviada.
Uma dor de pedaços que não voltam.
Eu sou muitas pessoas destroçadas.
……
……

Diviso ao longe um ombro de barranco.
E encolhidos na areia uns jaburus.
Chego mais perto e estremeço de espírito.
Enxergo a Aldeia dos Guanás.
Imbico numa lata enferrujada.
Um sabiá me aleluia.

FIM

3ª parte

MUNDO PEQUENO

Aromas de tomilhos
dementam cigarras.
SOMBRA-BOA

I

O mundo meu é pequeno, Senhor.
Tem um rio e um pouco de árvores.
Nossa casa foi feita de costas para o rio.
Formigas recortam roseiras da avó.
Nos fundos do quintal há um menino e suas latas maravilhosas.
Seu olho exagera o azul.
Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas com aves.
Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco, os besouros pensam que estão no incêndio.
Quando o rio está começando um peixe,
Ele me coisa
Ele me rã
Ele me árvore.
De tarde um velho tocará sua flauta para inverter os ocasos.

II

Conheço de palma os dementes de rio.
Fui amigo do Bugre Felisdônio, de Ignácio Rayzama
e de Rogaciano.
Todos catavam pregos na beira do rio para enfiar no
horizonte.
Um dia encontrei Felisdônio comendo papel nas
ruas de Corumbá.
Me disse que as coisas que não existem são mais
bonitas.

III

Retrato de um poste mal afincado ele era.
Sendo um vaqueiro entrementes; peão de campo.
No jeito comprido de estar em pé seu corpo fazia
três curvas no ar.
Usava um defeito de ave no lábio.
Desde o vilarejo em que nasceu podia alcançar o
cheiro das árvores.
Esse Malafincado:
Sempre nos pareceu feito de restos.
Ventos o amontoavam como folhas.
Foi sempre convidado a fazer parte de arrebóis.
(Sintomático de tordos era o seu amanhecer.)
Falava em via de hinos —
Mas eram coisas desnobres como intestinos de
moscas que se mexiam por dentro de suas
palavras.
Gostava de desnomear:
Para falar barranco dizia: lugar onde avestruz esbarra.
Rede era vasilha de dormir.

Traços de letras que um dia encontrou nas pedras de
uma gruta, chamou: desenhos de uma voz.
Penso que fosse um escorço de poeta.

IV

Caçador, nos barrancos, de rãs entardecidas,
Sombra-Boa entardece. Caminha sobre estratos de
um mar extinto. Caminha sobre as conchas dos
caracoes da terra. Certa vez encontrou uma voz sem
boca. Era uma voz pequena e azul. Não tinha boca
mesmo. "Sonora voz de uma concha", ele disse.
Sombra-Boa ainda ouve nestes lugares
conversamentos de gaivotas. E passam navios
caranguejeiros por ele, carregados de lodo.
Sombra-Boa tem hora que entra em pura
decomposição lírica: "Aromas de tomilhos
dementam cigarras". Conversava em Guató, em
Português, e em Pássaro.
Me disse em língua-pássaro: "Anhumas premunem
mulheres grávidas, três dias antes do inturgescer".
Sombra-Boa ainda fala de suas descobertas:
"Borboletas de franjas amarelas são fascinadas por
dejectos". Foi sempre um ente abençoado a garças.
Nascera engrandecido de nadezas.

V

Esses lagartos curimpãpãs têm índole tropical.
Tornam-se no mês de agosto amortecidos e idiotas
Ao ponto que se deixam passar por cima como
pedras.
Ao ponto que se deixam atravessar por caminhões.

Aparecem de sempre esses lagartos encostados em
muros decadentes —
Onde se criam devassos.
Bem assim por exemplo:
Formiga puxou um pedaço de rio para ela e tomou
banho em cima.
Lagarto curimpãpã assistiu o banho com luxúria no
olho encapado.
Depois se escondeu debaixo de um tronco.
(Tem um tipo de árvores que dão pros lagartos.)
Alguns atravessam invernos que os pássaros morrem.
Borboletas translúcidas quedam estancadas no
tronco das árvores —
Se enxergam por perto os curimpãpãs.
Mas todos sabemos que esses lagartos curimpãpãs
são pouco favorecidos de horizontes.
Enxergam tão pequeno que às vezes pensam que a
gente é árvore e nem se mexem.
Nos barrancos há riscos de suas manguaras.
E se estão em aflição de espírito — combustam!
(Essas notícias foram colhidas por volta de 1944,
entre os índios chiquitanos, na Bolívia.)
Águas estavam iniciando rãs.

VI

De primeiro as coisas só davam aspecto
Não davam ideias.
A língua era incorporante.
Mulheres não tinham caminho de criança sair
Era só concha.*

* Era só concha: está nas Lendas em Nheengatu e Português, na *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, v. 154.

Depois é que fizeram o vaso da mulher com uma
abertura de cinco centímetros mais ou menos.
(E conforme o uso aumentava.)
Ao vaso da mulher passou-se mais tarde a chamar
com lítera elegância de urna consolata.
Esse nome não tinha nenhuma ciência brivante
Só que se pôs a provocar incêndio a dois.
Vindo ao vulgar mais tarde àquele vaso se deu o
nome de cona
Que, afinal das contas, não passava de concha mesmo.

VII

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas
leituras não era a beleza das frases, mas a doença
delas.
Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor,
esse gosto esquisito.
Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.
— Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável,
o Padre me disse.
Ele fez um limpamento em meus receios.
O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença,
pode muito que você carregue para o resto da
vida um certo gosto por nadas…
E se riu.
Você não é de bugre? — ele continuou.
Que sim, eu respondi.
Veja que bugre só pega por desvios, não anda em
estradas —
Pois é nos desvios que encontra as melhores
surpresas e os ariticuns maduros.
Há que apenas saber errar bem o seu idioma.

Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de
agramática.

VIII

Toda vez que encontro uma parede
ela me entrega às suas lesmas.
Não sei se isso é uma repetição de mim ou das
lesmas.
Não sei se isso é uma repetição das paredes ou de
mim.
Estarei incluído nas lesmas ou nas paredes?
Parece que lesma só é uma divulgação de mim.
Penso que dentro de minha casca
não tem um bicho:
Tem um silêncio feroz.
Estico a timidez da minha lesma até gozar na pedra.

IX

Tudo o que se há de dizer aqui sobre capivaras, nem as mentiras podem ser comprovadas. Se esfregam nas árvores de tarde antes do amor. Se amam sem ocupar beijos. Excitadas se femeiam por baixo dos balseiros. E ali se aleluiam. O cisco das raízes aquáticas e a bosta dos passarinhos se acumulam no lombo das capivaras. Dali se desprende ao meio-dia forte calor de ordumes larvais. No lombo se criam mosquitos monarcas, daqueles de exposição, que furam até vidros e abaixam pratos de balança. É vezo de dizer-se então que capivara é um bicho insetoso. Porquanto favorecem a estima dos pássaros, sobretudo dos bentevis que lhes almoçam larvas ao

lombo. Coisa que todo mundo gosta, tirante as capivaras, é de flor. Pelo que já não entendo, existem razões particulares ou individuais que expliquem tal desgosto das capivaras por flor? Todas guardam água no olho.

X

Andaleço era o navio Etrúria. Se achava.
Ele tinha incumbências para água.
Crescera que nem craca nos cascos dos navios.
Se houvesse de escolher entre uma coisa e outra
ficasse deitado sobre nenhuma.
A doce independência de não escolher!
(Se a palavra é a posse da coisa nomeada, o Etrúria
era ele mesmo, o Andaleço.)
À noite caçava seu de-comer nas grotas.
O que jantava eram bundas de gafanhoto com mel.
Estóreas de Andaleço fascinavam os meninos.
O irmão-preto falou: Etrúria deve ser um lugar sem
melancia!

XI

O mundo não foi feito em alfabeto. Senão que primeiro em água e luz. Depois árvore. Depois lagartixas. Apareceu um homem na beira do rio. Apareceu uma ave na beira do rio. Apareceu a concha. E o mar estava na concha. A pedra foi descoberta por um índio. O índio fez fósforo da pedra e inventou o fogo pra gente fazer boia. Um menino escutava o verme de uma planta, que era pardo. Sonhava-se muito com pererecas e com

mulheres. As moscas davam flor em março. Depois encontramos com a alma da chuva que vinha do lado da Bolívia — e demos no pé.
(Rogaciano era índio guató e me contou essa cosmologia.)

XII

Bernardo é quase árvore.
Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem de longe.
E vêm pousar em seu ombro.
Seu olho renova as tardes.
Guarda num velho baú seus instrumentos de trabalho:
1 abridor de amanhecer
1 prego que farfalha
1 encolhedor de rios — e
1 esticador de horizontes.
(Bernardo consegue esticar o horizonte usando três fios de teias de aranha. A coisa fica bem esticada.)
Bernardo desregula a natureza:
Seu olho aumenta o poente.
(Pode um homem enriquecer a natureza com a sua incompletude?)

XIII

Estou atravessando um período de árvore.
O chão tem gula de meu olho por motivo que meu olho tem escórias de árvore.
O chão deseja meu olho vazado pra fazer parte do cisco que se acumula debaixo das árvores.

O chão tem gula de meu olho por motivo que meu olho possui um coisário de nadeiras.
O chão tem gula de meu olho pelo mesmo motivo que ele tem gula por pregos por latas por folhas.
A gula do chão vai comer o meu olho.
No meu morrer tem uma dor de árvore.

XIV

De 1940 a 1946 vivi em lugares decadentes onde o mato e a fome tomavam conta das casas, dos seus loucos, de suas crianças e de seus bêbados.
Ali me anonimei de árvore.
Me arrastei por beiradas de muros cariados desde Puerto Suarez, Chiquitos, Oruros e Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia.
Depois em Barranco, Tango Maria (onde conheci o poeta Cesar Vallejo), Orellana e Mocomonco — no Peru.
Achava que a partir de ser inseto o homem poderia entender melhor a metafísica.
Eu precisava de ficar pregado nas coisas vegetalmente e achar o que não procurava.
Naqueles relentos de pedra e lagartos, gostava de conversar com idiotas de estrada e maluquinhos de mosca.
Caminhei sobre grotas e lajes de urubus.
Vi outonos mantidos por cigarras.
Vi lamas fascinando borboletas.
E aquelas permanências nos relentos faziam-me alcançar os deslimites do Ser.
Meu verbo adquiriu espessura de gosma.
Fui adotado em lodo.

Já se viam vestígios de mim nos lagartos.
Todas as minhas palavras já estavam consagradas de pedras.
Dobravam-se lírios para os meus tropos.
Penso que essa viagem me socorreu a pássaros.
Não era mais a denúncia das palavras que me importava mas a parte selvagem delas, os seus refolhos, as suas entraduras.
Foi então que comecei a lecionar andorinhas.

AUTORRETRATO FALADO

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.
Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da Marinha, onde nasci.
Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios.
Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e lagartos.
Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.
Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me sinto como que desonrado e fujo para o Pantanal onde sou abençoado a garças.
Me procurei a vida inteira e não me achei — pelo que fui salvo.
Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.
Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de gado. Os bois me recriam.
Agora eu sou tão ocaso!
Estou na categoria de sofrer do moral, porque só faço coisas inúteis.
No meu morrer tem uma dor de árvore.

LIVRO SOBRE NADA

PRETEXTO

O que eu gostaria de fazer é um livro sobre nada. Foi o que escreveu Flaubert a uma sua amiga em 1852. Li nas *Cartas exemplares* organizadas por Duda Machado. Ali se vê que o nada de Flaubert não seria o nada existencial, o nada metafísico. Ele queria o livro que não tem quase tema e se sustente só pelo estilo. Mas o nada de meu livro é nada mesmo. É coisa nenhuma por escrito: um alarme para o silêncio, um abridor de amanhecer, pessoa apropriada para pedras, o parafuso de veludo, etc etc. O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis. O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora.

1ª parte

ARTE DE INFANTILIZAR FORMIGAS

1.

As coisas tinham para nós uma desutilidade poética.
Nos fundos do quintal era muito riquíssimo o nosso dessaber.
A gente inventou um truque pra fabricar brinquedos com palavras.
O truque era só virar bocó.
Como dizer: Eu pendurei um bentevi no sol…
O que disse Bugrinha: Por dentro de nossa casa passava um rio inventado.
O que nosso avô falou: O olho do gafanhoto é sem princípios.
Mano Preto perguntava: Será que fizeram o beija-flor diminuído só para ele voar parado?
As distâncias somavam a gente para menos.
O pai campeava campeava.
A mãe fazia velas.
Meu irmão cangava sapos.
Bugrinha batia com uma vara no corpo do sapo e ele virava uma pedra.
Fazia de conta?
Ela era acrescentada de garças concluídas.

2.

O pai morava no fim de um lugar.
Aqui é lacuna de gente — ele falou:
Só quase que tem bicho andorinha e árvore.
Quem aperta o botão do amanhecer é o arãquã.
Um dia apareceu por lá um doutor formado: cheio de suspensórios e ademanes.
Na beira dos brejos gaviões-caranguejeiros comiam caranguejos.
E era mesma a distância entre as rãs e a relva.
A gente brincava com terra.
O doutor apareceu. Disse: Precisam de tomar anquilostomina.
Perto de nós sempre havia uma espera de rolinhas.
O doutor espantou as rolinhas.

3.

À mesa o doutor perorou: Vocês é que são felizes porque moram neste Empíreo.
Meu pai cuspiu o *empíreo* de lado.
O doutor falava bobagens conspícuas.
Mano Preto aproveitou: Grilo é um ser imprestável para o silêncio.
Mano Preto não tinha entidade pessoal, só coisal.
(Seria um defeito de Deus?)
A gente falava bobagens de à brinca, mas o doutor falava de à vera.
O pai desbrincou de nós:
Só o obscuro nos cintila.
Bugrinha boquiabriu-se.

4.

Apenas de mês em mês aparecia uma carreta de mascate, puxada por 4 juntas de bois no fim daquele lugar. Levava caramelos, bolachinhas, pentes, argolas para laço, extrato Micravel, peças de algodoin para fazer saia branca, filó de mosqueteiro, vidros de arnica para curar machucaduras, brincos de peschibeque, — essas coisinhas sem santidade…
Nossa mãe comprava arnica e bolachinhas.
Dona Maria, mulher do Lara, comprava brincos e extrato Micravel.
Meu avô abastecia o abandono.
De tudo haveria de ficar para nós um sentimento longínquo de coisa esquecida na terra —
Como um lápis numa península.

5.

O menino de ontem me plange.

6.

Depois de ter entrado para rã, para árvore, para pedra — meu avô começou a dar germínios.
Queria ter filhos com uma árvore.
Sonhava de pegar um casal de lobisomem para ir vender na cidade.
Meu avô ampliava a solidão.
No fim da tarde, nossa mãe aparecia nos fundos do

quintal: Meus filhos, o dia já envelheceu,[1] entrem pra dentro.
Um lagarto atravessou meu olho e entrou para o mato.
Se diz que o lagarto entrou nas folhas, que folhou.

7.

Meu irmão veio correndo mostrar um brinquedo que inventara com palavras. Era assim:
Besouros não trepam no abstrato.

8.

Catre-Velho é um traste pessoal à toa.
Nossa mãe falava:
Não vale um cabelo.
Não serve nem pra remendo.
Só presta pra cantar e tocar violão.
Catre-Velho ensinava: A voz de um cantador tem que chegar a traste para ter grandezas…

Ele tinha uma voz de harpas destroçadas.

9.

Nos fundos da cozinha meu avô tentou cortar o phalo com o lado grosso da faca.

[1]*Aí a nossa mãe deu entidade pessoal ao dia. Ela deu ser ao dia. E ele envelheceu como um homem envelhece. Talvez fosse a maneira que a mãe encontrou para aumentar as pessoas daquele lugar que era lacuna de gente.*

Não cortou.
Ia pinchar aos urubus.
Não pinchou.
Bem antes, em 1922, na Vila do Livramento, onde nascera, meu avô apregoava urinóis enferrujados.
Ele subia no Coreto do Jardim:
Olha o urinol enferrujado.
Serve para o desuso pessoal de cada um.
Já pertenceu de Dona Angida do Cocais, senhora de nobrementes.
É barato e inútil.
Quem se abastece?
Meu avô sabia o valor das coisas imprestáveis.
Seria um autodidata?
Era o próprio indizível pessoal.

10.

Diário de Bugrinha (excertos)

1925

22.1
O nome de um passarinho que vive no cisco é joão-ninguém. Ele parece com Bernardo.

23.2
Lagartixas têm odor verde.

2.3
Formiga é um ser tão pequeno que não aguenta nem neblina. Bernardo me ensinou: Para infantilizar for-

migas é só pingar um pouquinho de água no coração delas. Achei fácil.

23.2
Quem ama exerce Deus — a mãe disse. Uma açucena me ama. Uma açucena exerce Deus?

2.3
Eu queria crescer pra passarinho…

5.3
A voz de meu avô arfa. Estava com um livro debaixo dos olhos. Vô! o livro está de cabeça pra baixo. Estou deslendo.

5.6
O frio se encolheu nos passarinhos. Ó noite congelada de jacintos! Eu estou transida de pétalas.

7.8
O pai trouxe do campo um filhote de urubu.
Ele é branco e já fede.

12.8
As garças descem nos brejos que nem brisas.
Todas as manhãs.

10.9
Um sapo feneceu 3 borboletas de uma vez atrás de casa. Ele fazia uma estultícia?

13.9
A mãe bateu no Mano Preto. Falou que eu não apanhava porque não dei motivo. Subi no pico do telha-

do para dar motivo. Aqui de cima do telhado a lua prateava. A mãe disse que aquilo não era motivo.

19.9
Uma égua iniciava meu irmão. O pai ralhou com ele. Meu irmão foi entrando para inseto até desaparecer. Ficou dentro do mato até amanhã.

1.10
Bernardo fala com pedra, fala com nada, fala com árvore. As plantas querem o corpo dele para crescer por sobre. Passarinho já faz poleiro na sua cabeça.

11.11
A mãe disse que Bernardo é bocó. Uma pessoa sem pensa.

5.2
Sem chuvas, já reparei, as andorinhas perdem o poder de voar livres.

29.2
Hoje o Lara morreu picado de cobra. Fizeram seu caixão de costaneiras. Meu avô encostou no caixão. Ué, eu que morri e quem está no caixão é o Lara! Meu avô enxergava mal.

2.1.1926
Catre-Velho é um ser confortável para moscas. Ele nem espanta algumas.

12.1
Choveu de noite até encostar em mim. O rio deve estar mais gordo. Escutei um perfume de sol nas águas.

1.3
As árvores me começam.

1.4
Uma violeta me pensou. Me encostei no azul de sua tarde.

10.4
Os patos prolongam meu olhar… Quando passam levando a tarde para longe eu acompanho…

21.4
Pensar que a gente cessa é íngreme. Minha alegria ficou sem voz.

22.4
Hoje completei 10 anos. Fabriquei um brinquedo com palavras. Minha mãe gostou. É assim:
De noite o silêncio estica os lírios.

FIM

2ª parte
DESEJAR SER

O maior apetite do homem é
desejar ser. Se os olhos veem
com amor o que não é, tem ser.
PADRE ANTÔNIO VIEIRA
em *Paixões humanas*

1.

Com pedaços de mim eu monto um ser atônito.

2.

Prefiro as linhas tortas, como Deus. Em menino eu sonhava de ter uma perna mais curta (Só pra poder andar torto). Eu via o velho farmacêutico de tarde, a subir a ladeira do beco, torto e deserto… toc ploc toc ploc. Ele era um destaque.
Se eu tivesse uma perna mais curta, todo mundo haveria de olhar para mim: lá vai o menino torto subindo a ladeira do beco toc ploc toc ploc.
Eu seria um destaque. A própria sagração do Eu.

3.

Não é por me gavar
mas eu não tenho esplendor.
Sou referente pra ferrugem
mais do que referente pra fulgor.
Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário.
O que presta não tem confirmação,
o que não presta, tem.
Não serei mais um pobre-diabo que sofre de nobrezas.
Só as coisas rasteiras me celestam.
Eu tenho cacoete pra vadio.
As violetas me imensam.

4.

Escrevo o idioleto manoelês archaico[1] (Idioleto é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas). Preciso de atrapalhar as significâncias. O despropósito é mais saudável do que o solene. (Para limpar das palavras alguma solenidade — uso bosta.) Sou muito higiênico. E pois. O que ponho de cerebral nos meus escritos é apenas uma vigilância pra não cair na tentação de me achar menos tolo que os outros. Sou bem conceituado para parvo. Disso forneço certidão.

[1]*Falar em archaico: aprecio uma desviação ortográfica para o archaico. Estâmago por estômago. Celeusma por celeuma. Seja este um gosto que vem de detrás. Das minhas memórias fósseis. Ouvir estâmago produz uma ressonância atávica dentro de mim. Coisa que sonha de retravés.*

5.

Sou um sujeito cheio de recantos.
Os desvãos me constam.
Tem hora leio avencas.
Tem hora, Proust.
Ouço aves e beethovens.
Gosto de Bola-Sete e Charles Chaplin.

O dia vai morrer aberto em mim.

6.

Carrego meus primórdios num andor.
Minha voz tem um vício de fontes.
Eu queria avançar para o começo.
Chegar ao criançamento das palavras.
Lá onde elas ainda urinam na perna.
Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.
Quando a criança garatuja o verbo para falar o que não tem.
Pegar no estame do som.
Ser a voz de um lagarto escurecido.
Abrir um descortínio para o arcano.

7.

Sei que fazer o inconexo aclara as loucuras.
Sou formado em desencontros.
A sensatez me absurda.
Os delírios verbais me terapeutam.
Posso dar alegria ao esgoto (palavra aceita tudo).

(E sei de Baudelaire que passou muitos meses tenso porque não encontrava um título para os seus poemas. Um título que harmonizasse os seus conflitos. Até que apareceu *Flores do mal*. A beleza e a dor. Essa antítese o acalmou.)

As antíteses congraçam.

8.

Nasci para administrar o à toa
o em vão
o inútil.
Pertenço de fazer imagens.
Opero por semelhanças.
Retiro semelhanças de pessoas com árvores
de pessoas com rãs
de pessoas com pedras
etc etc.
Retiro semelhanças de árvores comigo.
Não tenho habilidade pra clarezas.
Preciso de obter sabedoria vegetal.
(Sabedoria vegetal é receber com naturalidade uma rã no talo.)
E quando esteja apropriado para pedra, terei também sabedoria mineral.

9.

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá
mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem
nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam.

10.

Mosca dependurada na beira de um ralo —
Acho mais importante do que uma joia pendente.

Os pequenos invólucros para múmias de passarinhos que os antigos egípcios faziam
Acho mais importante do que o sarcófago de Tutancâmon.

O homem que deixou a vida por se sentir um esgoto —
Acho mais importante do que uma Usina Nuclear.
Aliás, o cu de uma formiga é também muito mais importante do que uma Usina Nuclear.

As coisas que não têm dimensões são muito importantes.
Assim, o pássaro *tu-you-you* é mais importante por seus pronomes do que por seu tamanho de crescer.

É no ínfimo que eu vejo a exuberância.

11.

Prefiro as máquinas que servem para não funcionar: quando cheias de areia de formiga e musgo — elas podem um dia milagrar de flores.

(Os objetos sem função têm muito apego pelo abandono.)

Também as latrinas desprezadas que servem para ter grilos dentro — elas podem um dia milagrar violetas.

(Eu sou beato em violetas.)

Todas as coisas apropriadas ao abandono me religam a Deus.
Senhor, eu tenho orgulho do imprestável!

(O abandono me protege.)

12.

Vi um prego do Século XIII, enterrado até o meio numa parede de 3 x 4, branca, na XXIII Bienal de Artes Plásticas de São Paulo, em 1994.
Meditei um pouco sobre o prego.
O que restou por decidir foi: se o objeto enferrujado seria mesmo do Século XIII ou do XII?
Era um prego sozinho e indiscutível.
Podia ser um anúncio de solidão.
Prego é uma coisa indiscutível.

13.

Venho de nobres que empobreceram.
Restou-me por fortuna a soberbia.
Com esta doença de grandezas:
Hei de monumentar os insetos!
(Cristo monumentou a Humildade quando beijou os pés dos seus discípulos.
São Francisco monumentou as aves.
Vieira, os peixes.
Shakespeare, o Amor, A Dúvida, os tolos.
Charles Chaplin monumentou os vagabundos.)
Com esta mania de grandeza:
Hei de monumentar as pobres coisas do chão mijadas de orvalho.

14.

O que não sei fazer desmancho em frases.

Eu fiz o nada aparecer.

(Represente que o homem é um poço escuro.
Aqui de cima não se vê nada.
Mas quando se chega ao fundo do poço já se pode ver o nada.)

Perder o nada é um empobrecimento.

FIM

3ª parte

O LIVRO SOBRE NADA

É mais fácil fazer da tolice um regalo do que da sensatez.

•

Tudo que não invento é falso.

•

Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira.

•

Tem mais presença em mim o que me falta.

•

Melhor jeito que achei para me conhecer foi fazendo o contrário.

•

Sou muito preparado de conflitos.

•

Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revelou.

•

O meu amanhecer vai ser de noite.

•

Melhor que nomear é aludir. Verso não precisa dar noção.

•

O que sustenta a encantação de um verso (além do ritmo) é o ilogismo.

•

Meu avesso é mais visível do que um poste.

•

Sábio é o que adivinha.

•

Para ter mais certezas tenho que me saber de imperfeições.

•

A inércia é meu ato principal.

•

Não saio de dentro de mim nem pra pescar.

•

Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore.

•

Estilo é um modelo anormal de expressão: é estigma.

•

Peixe não tem honras nem horizontes.

•

Sempre que desejo contar alguma coisa, não faço nada; mas quando não desejo contar nada, faço poesia.

•

Eu queria ser lido pelas pedras.

•

As palavras me escondem sem cuidado.

•

Aonde eu não estou as palavras me acham.

•

Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas.

•

Uma palavra abriu o roupão pra mim. Ela deseja que eu a seja.

•

A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos.

•

Quero a palavra que sirva na boca dos passarinhos.

•

Esta tarefa de cessar é que puxa minhas frases para antes de mim.

•

Ateu é uma pessoa capaz de provar cientificamente que não é nada. Só se compara aos santos. Os santos querem ser os vermes de Deus.

•

Melhor para chegar a nada é descobrir a verdade.

•

O artista é um erro da natureza. Beethoven foi um erro perfeito.

•

Por pudor sou impuro.

•

O branco me corrompe.

•

Não gosto de palavra acostumada.

•

A minha diferença é sempre menos.

•

Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria.

•

Não preciso do fim para chegar.

•

Do lugar onde estou já fui embora.

FIM

4ª parte

OS OUTROS: O MELHOR DE MIM SOU ELES

Nota: Um tempo antes de conhecer Picasso, eu tinha visto na aldeia boliviana de Chiquitos, perto de Corumbá, uma pintura meio primitiva de Rômulo Quiroga. Era um artista iluminado e um ser obscuro. Ele mesmo inventava as suas tintas. Trazia dos cerrados: seiva de casca de angico (era o seu vermelho); caldos de lagartas (era o seu verde); polpa de jatobá maduro (era o seu amarelo). Usava pocas de piranha derretidas para dar liga aos seus pigmentos. Pintava sobre sacos de aniagem. Mostrou-me um ancião de cara verde que havia pintado. Eu disse: mas verde não é a cor da esperança? Como pode estar em rosto de ancião? A minha cor é psíquica — ele disse. E as formas incorporantes. Lembrei que Picasso depois de ver as formas bisônticas na África, rompeu com as formas naturais, com os efeitos de luz natural, com os conceitos de espaço e de perspectiva, etc etc. E depois quebrou planos, ao lado de Braque, propôs a simultaneidade das visões, a cor psíquica e as formas incorporantes. Agora penso em Rômulo Quiroga. Ele foi apenas e só uma paz na terra. Mas eu vi latejar rudemente nos seus traços milagres de Klee. Salvo não seja.

AS LIÇÕES DE R.Q.

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):
A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas desformam.
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades.
Fazer cavalo verde, por exemplo.
Fazer noiva camponesa voar — como em Chagall.

Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por aí a desformar.

Até já inventei mulher de 7 peitos para fazer vaginação comigo.

MÁRIO REVISITADO

Mário-pega-sapo, de noite, abria em casa todos os sapos que pegava durante o dia em banhados, nos barrancos, nos monturos, nos porões, nos terrenos baldios, debaixo de caixas dágua.
Abria um por um de canivete os sapos para ler nas entranhas deles o seu futuro (do Mário).
Eu pensava que aquele Mário-pega-sapo fosse um descendente dos arúspices (sacerdotes romanos que adivinhavam o futuro remexendo no altar as entranhas de seus inimigos).
Em todos os velórios da cidade Mário se compungia como se fosse o dono do defunto. Seria uma transferência?

Tentei descobrir na alma de Mário alguma coisa mais profunda do que não saber nada sobre as coisas profundas.
Consegui não descobrir.

ELEGIA DE SEO ANTÔNIO NINGUÉM[1]

Sou um sujeito desacontecido
rolando borra abaixo como bosta de cobra.
Fui relatado no capítulo da borra.
Em aba de chapéu velho só nasce flor taciturna.
Tudo é noite no meu canto.
(Tinha a voz encostada no escuro. Falava putamente.)
Estou sem eternidades.
Não tenho mais cupidez.
Ando cheio de lodo pelas juntas como os velhos navios naufragados.
Não sirvo mais pra pessoa.
Sou uma ruína concupiscente.
Crescem ortigas sobre meus ombros.
Nascem goteiras por todo canto.
Entram morcegos aranhas gafanhotos na minha alma.
Nos lepramentos dos rebocos dormem baratas torvas.
Falo sem alamares.
Meu olhar tem odor de extinção.
Tenho abandonos por dentro e por fora.
Meu desnome é Antônio Ninguém.
Eu pareço com nada parecido.

[1] *Nota: Conheci o Antônio Ninguém através do grande poeta brasiguaio Douglas Diegues.*

UM FILÓSOFO DE BECO

Bola-Sete é filósofo de beco.
Marimbondo faz casa no seu grenho — ele nem zine.
Eu queria fazer a biografia do orvalho — me disse.
E dos becos também.
É preciso refazer os becos, Senhor!
O beco é uma instituição que une o escuro do homem com a indigência do lugar.
O beco é um lugar que eleva o homem até o seu melhor aniquilamento.
Um anspeçada, amigo meu, de aspecto moscal, só encontrou a salvação nos becos.
Antoninha-me-leva era Eminência nos becos de Corumbá.
Senhor, quem encherá os bolsos de guimbas, de tampinhas de cerveja, de vidrinhos de guardar moscas — senão os tontos de beco?
E quem levará para casa todos os dias de tarde a mesma solidão — senão os doidos de beco?

(Algum doido de beco me descende?)

A.B. DO R.

Arthur Bispo do Rosário se proclamava Jesus. Sua obra era ardente de restos: estandartes podres, lençóis encardidos, botões cariados, objetos mumificados, fardões da Academia, Miss Brasil, suspensórios de doutores — coisas apropriadas ao abandono. Descobri entre seus objetos um buquê de pedras com flor. Esse Arthur Bispo do Rosário acreditava em nada e em Deus.

O ANDARILHO

Eu já disse quem sou Ele.
Meu desnome é Andaleço.
Andando devagar eu atraso o final do dia.
Caminho por beiras de rios conchosos.
Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.
Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.
(Ouço harpejos de mim nas latas tortas.)
Não tenho pretensões de conquistar a inglória perfeita.
Os loucos me interpretam.
A minha direção é a pessoa do vento.
Meus rumos não têm termômetro.
De tarde arborizo pássaros.
De noite os sapos me pulam.
Não tenho carne de água.
Eu pertenço de andar atoamente.
Não tive estudamento de tomos.
Só conheço as ciências que analfabetam.
Todas as coisas têm ser?[1]
Sou um sujeito remoto.
Aromas de jacintos me infinitam.
E estes ermos me somam.

[1] *Penso que devemos conhecer algumas poucas cousas sobre a fisiologia dos andarilhos. Avaliar até onde o isolamento tem o poder de influir sobre os seus gestos, sobre a abertura de sua voz, etc. Estudar talvez a relação desse homem com as suas árvores, com as suas chuvas, com as suas pedras. Saber mais ou menos quanto tempo o andarilho pode permanecer em suas condições humanas, antes de se adquirir do chão a modo de um sapo. Antes de se unir às vergônteas como as parasitas. Antes de revestir uma pedra à maneira do limo. Antes mesmo de ser apropriado por relentos como os lagartos. Saber com exatidão quando que um modelo de pássaro se ajustará à sua voz. Saber o momento em que esse homem poderá sofrer de prenúncios. Saber enfim qual o momento em que esse homem começa a adivinhar.*

RETRATO DO ARTISTA QUANDO COISA

RETRATO DO ARTISTA QUANDO COISA

Não ser é outro ser.
FERNANDO PESSOA

1

Retrato do artista quando coisa: borboletas
Já trocam as árvores por mim.
Insetos me desempenham.
Já posso amar as moscas como a mim mesmo.
Os silêncios me praticam.
De tarde um dom de latas velhas se atraca
em meu olho
Mas eu tenho predomínio por lírios.
Plantas desejam a minha boca para crescer
por de cima.
Sou livre para o desfrute das aves.
Dou meiguice aos urubus.
Sapos desejam ser-me.
Quero cristianizar as águas.
Já enxergo o cheiro do sol.

2

Bom é corromper o silêncio das palavras.
Como seja:

1. *Uma rã me pedra*. (A rã me corrompeu para pedra. Retirou meus limites de ser humano e me ampliou para coisa. A rã se tornou o sujeito pessoal da frase e me largou no chão a criar musgos para tapete de insetos e de frades.)

2. *Um passarinho me árvore*. (O passarinho me transgrediu para árvore. Deixou-me aos ventos e às chuvas. Ele mesmo me bosteia de dia e me desperta nas manhãs.)

3. *Os jardins se borboletam*. (Significa que os jardins se esvaziaram de suas sépalas e de suas pétalas? Significa que os jardins se abrem agora só para o buliço das borboletas?)

4. *Folhas secas me outonam*. (Folhas secas que forram o chão das tardes me transmudaram para outono? Eu sou meu outono.)

Gosto de viajar por palavras do que de trem.

3

Há um cio vegetal na voz do artista.
Ele vai ter que envesgar seu idioma ao ponto
de alcançar o murmúrio das águas nas folhas
das árvores.
Não terá mais o condão de refletir sobre as
coisas.
Mas terá o condão de sê-las.
Não terá mais ideias: terá chuvas, tardes, ventos,
passarinhos…
Nos restos de comida onde as moscas governam
ele achará solidão.
Será arrancado de dentro dele pelas palavras
a torquês.
Sairá entorpecido de haver-se.
Sairá entorpecido e escuro.
Ver sambixuga entorpecida gorda pregada na
barriga do cavalo —
Vai o menino e fura de canivete a sambixuga:
Escorre sangue escuro do cavalo.
Palavra de um artista tem que escorrer
substantivo escuro dele.
Tem que chegar enferma de suas dores, de seus
limites, de suas derrotas.
Ele terá que envesgar seu idioma ao ponto de
enxergar no olho de uma garça os perfumes do
sol.

4

Uso um deformante para a voz.
Em mim funciona um forte encanto a tontos.
Sou capaz de inventar uma tarde a partir de uma garça.
Sou capaz de inventar um lagarto a partir de uma pedra.
Tenho um senso apurado de irresponsabilidades.
Não sei de tudo quase sempre quanto nunca.
Experimento o gozo de criar.
Experimento o gozo de Deus.
Faço vaginação com palavras até meu retrato aparecer.
Apareço de costas.
Preciso de atingir a escuridão com clareza.
Tenho de laspear verbo por verbo até alcançar o meu aspro.
Palavras têm que adoecer de mim para que se tornem mais saudáveis.
Vou sendo incorporado pelas formas pelos cheiros pelo som pelas cores.
Deambulo aos esgarços.
Vou deixando pedaços de mim no cisco.
O cisco tem agora para mim uma importância de Catedral.

5

Pote Cru é meu Pastor. Ele me guiará.
Ele está comprometido de monge.
De tarde deambula no azedal entre torsos de cachorro, trampas, trapos, panos de regra, couros

de rato ao podre, vísceras de piranhas, baratas albinas, dálias secas, vergalhos de lagartos, linguetas de sapatos, aranhas dependuradas em gotas de orvalho etc. etc.
Pote Cru, ele dormia nas ruínas de um convento.
Foi encontrado em osso.
Ele tinha uma voz de oratórios perdidos.

6

Aprendo com abelhas do que com aeroplanos.
É um olhar para baixo que eu nasci tendo.
É um olhar para o ser menor, para o insignificante que eu me criei tendo.
O ser que na sociedade é chutado como uma barata — cresce de importância para o meu olho.
Ainda não entendi por que herdei esse olhar para baixo.
Sempre imagino que venha de ancestralidades machucadas.
Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão —
Antes que das coisas celestiais.
Pessoas pertencidas de abandono me comovem: tanto quanto as soberbas coisas ínfimas.

7

O lugar onde a gente morava era uma *Ilha Linguística*, no jargão dos Dialetólogos (com perdão da má palavra).

Isto seja: que a gente morava em lugar isolado: núcleo de dez a vinte pessoas, onde poderia germinar um idioleto.
Na enchente só entravam batelões e bois de sela que iam levar mantimentos.
Senão a gente teria que chupar bocaiuva, comer ovo de ema e tirar mel de pau para sobremesa.
Os anos passavam por longe, ninguém enxergava.
Nas campinas só havia trilheiros de anta.
Quase toda extensão era tomada por frangos-d'água.
O resto ia no invento.
Pois que inventar aumenta o mundo.
A gente aprendia coisas de sexo vendo os cachorros emendados, vendo os cavalos nas éguas e os touros nas vacas.
Camões chamava a isso "Venéreo ajuntamento".
Mas a gente não sabia de Camões e nem de venéreos.
De novidade tinha por lá uma simpatia para obter namoro.
Era rabo de lagartixa torrado.
O pó se jogava nos cabelos da moça.
Na primeira poção a moça cede — diziam.
Mas a Ilha Linguística para nós ainda era um desnome.

8

Levei o Rosa na beira dos pássaros que fica no meio da Ilha Linguística.
Rosa gostava muito de frases em que entrassem pássaros.

E fez uma na hora:
A tarde está verde no olho das garças.
E completou com Job:
Sabedoria se tira das coisas que não existem.
A tarde verde no olho das garças não existia
mas era fonte do ser.
Era poesia.
Era o néctar do ser.
Rosa gostava muito do corpo fônico das palavras.
Veja a palavra bunda, Manoel
Ela tem um bonito corpo fônico além do
propriamente.
Apresentei-lhe a palavra gravanha.
Por instinto linguístico achou que gravanha seria
um lugar entrançado de espinhos e bem
emprenhado de filhotes de gravatá por baixo.
E era.
O que resta de grandezas para nós são os
desconheceres — completou.
Para enxergar as coisas sem feitio é preciso
não saber nada.
É preciso entrar em estado de árvore.
É preciso entrar em estado de palavra.
Só quem está em estado de palavra pode
enxergar as coisas sem feitio.

9

Havia no lugar um escorrer azul de água
sobre as pedras do córrego.
(Um escorrimento lírico.)
Andava por lá um homem que fora desde
criança comprometido para lata.

Andava entre rãs e borboletas.
Me impressionou a preferência das andorinhas por ele.
Era um sujeito esmolambado à feição de ser apenas uma coisa.
Era um sujeito esmolambado à feição de ser apenas um trapo.
Percebi que o homem sofria por dentro de uma enorme germinação de inércia.
Uma inércia que até contaminava o seu andar e os seus trajos.

10

A gente se negava corromper-se aos bons costumes.
A gente examinava a racha dura das lagartixas
Só para brincar de ciência.
A gente grosava a peça dos morcegos com o lado cego das facas
Só para vê-los chiar com mais entusiasmo.
Fazíamos meninagem com as priminhas à sombra das bananeiras, debaixo dos laranjais
Só de homenagem ao nosso Casimiro de Abreu.
Não era mister de ser versado em Kant pra se saber que os passarinhos da mesma plumagem voam juntos.
Nem era preciso ser versado em Darwin pra se saber que os carrapichos não pregam no vento.
Que, apois:
Sábio não é o homem que inventou a primeira bomba atômica.

Sábio é o menino que inventou a primeira
lagartixa.

11

Sobre meu corpo se deitou a noite (como se
eu fosse um lugar de paina).
Mas eu não sou um lugar de paina.
Quando muito um lugar de espinhos.
Talvez um terreno baldio com insetos dentro.
Na verdade eu nem tenho ainda o sossego de
uma pedra.
Não tenho os predicados de uma lata.
Nem sou uma pessoa sem ninguém dentro —
feito um osso de gado
Ou um pé de sapato jogado no beco.
Não consegui ainda a solidão de um caixote —
tipo aquele engradado de madeira que o poeta
Francis Ponge fez dele um objeto de poesia.
Não sou sequer uma tapera, Senhor.
Não sou um traste que se preze.
Eu não sou digno de receber no meu corpo os
orvalhos da manhã.

12

O rio cortava a tarde pelo meio.
De um lado passeavam cavalos,
De outro lado Passo-Triste, aves e borboletas.
Passo-Triste tinha um gosto entre beato e bêbado.
Uma espécie de ascese moscal o perseguia.

Andava favorável para coisas.
Pedra ser, inseto ser era seu galardão.
Sua casa era guardada por aves do que ferrolhos.
Não tinha dente nem letras.
Dava aos andrajos grandeza.
Vivia desgualepado.
Certa vez pegou moléstia de cobra e se arrastava
de barriga nos lajedos.
Cachorros faziam poste nele.
Gostava de encantações do que de informações.
Passo-Triste é meu Pastor.
Ele me guiará.

13

Desde criança ele fora prometido para lata
Mas era merecido de águas de pedras de árvores
de pássaros.
Por isso quase alcançou ser mago.
Nos apetrechos de Bernardo, que é o nome dele,
achei um canivete de papel.
Servia para não funcionar: na direção que um
canivete de papel não funciona.
Servia para não picar fumo.
Servia para não cortar unha.
Era bom para água mas obtuso para pedra.
Havia outro estrupício nos guardados de Bernardo.
Tratava-se de um *Guindaste para Mosca*.
Esse engenho, pra bem funcionar, havia que estar
ligado por uma correia aos ventos da manhã.
Funcionava ao sabor dos ventos.
Imitava uma instalação.
Mas penso que seja um desobjeto artístico.

14

Remexo com um pedacinho de arame nas
minhas memórias fósseis.
Tem por lá um menino a brincar no terreiro:
entre conchas, osso de arara, pedaços de pote,
sabugos, asas de caçarolas etc.
E tem um carrinho de bruços no meio do
terreiro.
O menino cangava dois sapos e os botava a
puxar o carrinho.
Faz de conta que ele carregava areia e pedras
no seu caminhão.
O menino também puxava, nos becos de sua
aldeia, por um barbante sujo umas latas tristes.
Era sempre um barbante sujo.
Eram sempre umas latas tristes.
O menino é hoje um homem douto que trata
com física quântica.
Mas tem nostalgia das latas.
Tem saudades de puxar por um barbante sujo
umas latas tristes.
Aos parentes que ficaram na aldeia esse homem
douto encomendou uma árvore torta —
Para caber nos seus passarinhos.

De tarde os passarinhos fazem árvore nele.

15

Sentado sobre uma pedra estava o homem
desenvolvido a moscas.
Ele me disse, soberano:

Estou a jeito de uma lata, de um cabelo, de um cadarço.
Não tenho mais nenhuma ideia sobre o mundo.
Acho um tanto obtuso ter ideias.
Prefiro fazer vadiagem com letras.
Ao fazer vadiagem com letras posso ver quanto é branco o silêncio do orvalho.

16

Agora só espero a despalavra: a palavra nascida para o canto — desde os pássaros.
A palavra sem pronúncia, ágrafa.
Quero o som que ainda não deu liga.
Quero o som gotejante das violas de cocho.[1]
A palavra que tenha um aroma ainda cego.
Até antes do murmúrio.
Que fosse nem um risco de voz.
Que só mostrasse a cintilância dos escuros.
A palavra incapaz de ocupar o lugar de uma imagem.
O antesmente verbal: a despalavra mesmo.

Nota 1 – Estão registrados nas anotações antropológicas do mestre Roquete-Pinto os *sons gotejantes* da viola de cocho. A expressão é conhecida entre os índios guatós da beira do Cracará. A viola de cocho é levianinha e só tem quatro cordas feitas de tripa de bugio. É com ela que se acompanha o cururu, dança de origem indígena, disseminada entre os ribeirinhos do Cuiabá e do rio Paraguaio.

BIOGRAFIA DO ORVALHO

Para encontrar o azul eu uso pássaros
As letras fizeram-se para frases.
MACHADO DE ASSIS

1

Este é um caderno de haver frases nele.
Um rio passa perto.
Estou sentado no barranco do rio.
Emas no pátio engolem cobras.
Uma formiga está de boca aberta para a tarde.
As quatro patas da formiga tentam abraçar o sol.
Na verdade, não sei se são as patas da formiga
que tentam abraçar o sol
Ou se são minhas frases que desejam fazer esse
trabalho.
Agora uma brisa me garça.
E os arrebóis latejam.

2

Deus disse: Vou ajeitar a você um dom:
Vou pertencer você para uma árvore.
E pertenceu-me.

Escuto o perfume dos rios.
Sei que a voz das águas tem sotaque azul.
Sei botar cílio nos silêncios.
Para encontrar o azul eu uso pássaros.
Só não desejo cair em sensatez.
Não quero a boa razão das coisas.
Quero o feitiço das palavras.

3

As árvores velhas quase todas foram preparadas para o exílio das cigarras.
Salustiano, um índio guató, me ensinou isso.
E me ensinou mais: Que as cigarras do exílio são os únicos seres que sabem de cor quando a noite está coberta de abandono.
Acho que a gente deveria dar mais espaço para esse tipo de saber.
O saber que tem força de fontes.

4

Me achei como aqueles des-heróis de Callais que Rodin esculpiu: nus de seus orgulhos e de suas esperanças. Só de camisolões e de cordas no pescoço. Pesados de silêncio e da tarefa de morrer.

(Morrer é uma coisa indestrutível.)

5

Na língua dos pássaros uma expressão tinge
a seguinte.
Se é vermelha tinge a outra de vermelho.
Se é alva tinge a outra dos lírios da manhã.
É língua muito transitiva a dos pássaros.
Não carece de conjunções nem de abotoaduras.
Se comunica por encantamentos.
E por não ser contaminada de contradições
A linguagem dos pássaros
Só produz gorjeios.

6

Caracol é uma casa que se anda
E a lesma[1] é um ser que se reside.

7

Um dia me chamaram *primitivo*:
Eu tive um êxtase.

Nota 1 – A fim de percorrer uma lesma desde o seu nascer até sua extinção, terei que aprender como é que ela recebe as manhãs, como é que ela anoitece. Terei de saber como é que ela reage ao sol, às chuvas, aos escuros, ao abismo, ao alarme dos papagaios. Vou ter que encostar o meu ventre no chão para o devido rastejo. Terei que produzir em mim a gosma dela a fim de lubrificar os caminhos da terra. Para percorrer uma lesma terei de exercitar o esterco com lubricidade. Terei de aprender a marcar com a minha saliva o chão dos poemas. E terei que aprender por final a arte de ser invadido ao mesmo tempo pelo orvalho e pela espuma dos sapos.

A lesma sabe de cor o lugar da manhã que se abre primeiro.

Igual a quando chamaram Fellini de *palhaço*:
E Fellini teve um êxtase.

8

Ao ver o abandono da velha casa: o mato a crescer das paredes
Ao ver os desenhos de mofo espalhados nos rebocos carcomidos
Ao ver o mato a subir no fogão, nos retratos, nos armários
E até na bicicleta do menino encostada no batente da casa
Ao ver o musgo e os limos a tomar conta do batente
Ao ver o abandono tão perto de mim que dava até para lamber
Pensei em puxar o alarme
Mas o alarme não funcionou.
A nossa velha casa ficou para os morcegos e os gafanhotos.
E os melões-de-são-caetano que subiram pelas paredes já estão dando seus frutos vermelhos.

9

Quando o mundo abandonar o meu olho.
Quando o meu olho furado de belezas for esquecido pelo mundo.
Que hei de fazer?

Quando o silêncio que grita de meu olho não
for mais escutado.
Que hei de fazer?
Que hei de fazer se de repente a manhã voltar?
Que hei de fazer?
— Dormir, talvez chorar.

10

A menina apareceu grávida de um gavião.
Veio falou para a mãe: O gavião me desmoçou.
A mãe disse: Você vai parir uma árvore para
a gente comer goiaba nela.
E comeram goiaba.
Naquele tempo de dantes não havia limites
para ser.
Se a gente encostava em ser ave ganhava o
poder de alçar.
Se a gente falasse a partir de um córrego
a gente pegava murmúrios.
Não havia comportamento de estar.
Urubus conversavam sobre auroras.
Pessoas viravam árvore.
Pedras viravam rouxinóis.
Depois veio a ordem das coisas e as pedras
têm que rolar seu destino de pedra para o resto
dos tempos.
Só as palavras não foram castigadas com
a ordem natural das coisas.
As palavras continuam com os seus deslimites.

11

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou — eu não aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.
Perdoai.
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

12 (Apêndice)

1. Ninguém consegue fugir do erro que veio.
2. Poema é lugar onde a gente pode afirmar que o delírio é uma sensatez.
3. A limpeza de um verso pode estar ligada a um termo sujo.
4. Por não ser contaminada de contradições a linguagem dos pássaros só produz gorjeios.
5. O início da voz tem formato de sol.
6. O dom de esculpir o orvalho só encontrei na aranha.
7. Pelos meus textos sou mudado mais do que pelo meu existir.
8. Não é por fazimentos cerebrais que se chega ao milagre estético senão que por instinto linguístico.

9. Sabedoria pode ser que seja ser mais estudado em gente do que em livros.
10. Quem se encosta em ser concha é que pode saber das origens do som.

FIM

ENSAIOS FOTOGRÁFICOS

1ª parte

ENSAIOS FOTOGRÁFICOS

Imagens não passam de
incontinências do visual.
JORGE LUIS BORGES

O FOTÓGRAFO

Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:
Madrugada a minha aldeia estava morta.
Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre
as casas.
Eu estava saindo de uma festa.
Eram quase quatro da manhã.
Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado.
Preparei minha máquina.
O silêncio era um carregador?
Estava carregando o bêbado.
Fotografei esse carregador.
Tive outras visões naquela madrugada.
Preparei minha máquina de novo.
Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado.
Fotografei o perfume.
Vi uma lesma pregada na existência mais do que na
pedra.

Fotografei a existência dela.
Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.
Fotografei o perdão.
Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.
Fotografei o sobre.
Foi difícil fotografar o sobre.
Por fim eu enxerguei a *Nuvem de calça*.
Representou para mim que ela andava na aldeia de
braços com Maiakovski — seu criador.
Fotografei a *Nuvem de calça* e o poeta.
Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa
mais justa para cobrir a sua noiva.
A foto saiu legal.

GORJEIOS

Gorjeio é mais bonito do que canto porque nele se
inclui a sedução.
É quando a pássara está enamorada que ela gorjeia.
Ela se enfeita e bota novos meneios na voz.
Seria como perfumar-se a moça para ver o namorado.
É por isso que as árvores ficam loucas se estão gorjeadas.
É por isso que as árvores deliram.
Sob o efeito da sedução da pássara as árvores deliram.
E se orgulham de terem sido escolhidas para o concerto.
As flores dessas árvores depois nascerão mais perfumadas.

O ROCEIRO

No clarear do dia vou para o roçado
A capinar.

Até de tarde tiro o meu eito: arranco inços tranqueiras,
joás e bosta de bugiu que não serve nem pra esterco.
Abro a terra e boto as sementes.
Deixo as sementes para a chuva enternecer.
Dou um tempo.
Retiro de novo as pragas: dejetos de aves, adjetivos.
(Retiro os adjetivos porque eles enfraquecem as plantas)
E deixo o texto a germinar sobre o branco do papel
Na maior masturbação com as pedras e as rãs.

LÍNGUAS

Contenho vocação pra não saber línguas cultas.
Sou capaz de entender as abelhas do que alemão.
Eu domino os instintos primitivos.

A única língua que estudei com força foi a portuguesa.
Estudei-a com força para poder errá-la ao dente.

A língua dos índios Guatós é múrmura: é como se ao
dentro de suas palavras corresse um rio entre pedras.

A língua dos Guaranis é gárrula: para eles é muito
mais importante o rumor da palavras do que o sentido
que elas tenham.
Usam trinados até na dor.

Na língua dos Guanás há sempre uma sombra do
charco em que vivem.
Mas é língua matinal.
Há nos seus termos réstias de um sol infantil.

Entendo ainda o idioma inconversável das pedras.
É aquele idioma que melhor abrange o silêncio das palavras.

Sei também a linguagem dos pássaros — é só cantar.

O AFERIDOR

Tenho um Aferidor de Encantamentos.
A uma açucena encostada no rosto de uma criança
O meu Aferidor deu nota dez.
Ao nomezinho de Deus no bico de uma sabiá
O Aferidor deu nota dez.
A uma fuga de Bach que vi nos olhos de uma criatura
O Aferidor deu nota vinte.
Mas a um homem sozinho no fim de uma estrada
sentado nas pedras de suas próprias ruínas
O meu Aferidor deu DESENCANTO.
(O mundo é sortido, Senhor, como dizia meu pai.)

COMPARAMENTO

Os rios recebem, no seu percurso, pedaços de pau,
folhas secas, penas de urubu
E demais trombolhos.
Seria como o percurso de uma palavra antes de
chegar ao poema.
As palavras, na viagem para o poema, recebem
nossas torpezas, nossas demências, nossas vaidades.
E demais escorralhas.

As palavras se sujam de nós na viagem.
Mas desembarcam no poema escorreitas: como que filtradas.
E livres das tripas do nosso espírito.

DESPALAVRA

Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despalavra.
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades humanas.
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades de pássaros.
Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades de sapo.
Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades de árvore.
Daqui vem que os poetas podem arborizar os pássaros.
Daqui vem que todos os poetas podem humanizar as águas.
Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo com as suas metáforas.
Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes, podem ser pré-musgos.
Daqui vem que os poetas podem compreender o mundo sem conceitos.
Que os poetas podem refazer o mundo por imagens, por eflúvios, por afeto.

NINGUÉM

Falar a partir de ninguém faz comunhão com as árvores
Faz comunhão com as aves
Faz comunhão com as chuvas
Falar a partir de ninguém faz comunhão com os rios,
com os ventos, com o sol, com os sapos.
Falar a partir de ninguém
Faz comunhão com borra
Faz comunhão com os seres que incidem por andrajos.
Falar a partir de ninguém
Ensina a ver o sexo das nuvens
E ensina o sentido sonoro das palavras.
Falar a partir de ninguém
Faz comunhão com o começo do verbo.

O VENTO

Queria transformar o vento.
Dar ao vento uma forma concreta e apta a foto.
Eu precisava pelo menos de enxergar uma parte física
do vento: uma costela, o olho…
Mas a forma do vento me fugia que nem as formas
de uma voz.
Quando se disse que o vento empurrava a canoa do
índio para o barranco
Imaginei um vento pintado de urucum a empurrar a
canoa do índio para o barranco.
Mas essa imagem me pareceu imprecisa ainda.
Estava quase a desistir quando me lembrei do menino
montado no cavalo do vento — que lera em
Shakespeare.

Imaginei as crinas soltas do vento a disparar pelos prados com o menino.
Fotografei aquele vento de crinas soltas.

MIRÓ

Para atingir sua expressão fontana
Miró precisava de esquecer os traços e as doutrinas que aprendera nos livros.
Desejava atingir a pureza de não saber mais nada.
Fazia um ritual para atingir essa pureza: ia ao fundo do quintal à busca de uma árvore.
E ali, ao pé da árvore, enterrava de vez tudo aquilo que havia aprendido nos livros.
Depois depositava sobre o enterro uma nobre mijada florestal.
Sobre o enterro nasciam borboletas, restos de insetos, cascas de cigarra etc.
A partir dos restos Miró iniciava a sua engenharia de cores.
Muitas vezes chegava a iluminuras a partir de um dejeto de mosca deixado na tela.
Sua expressão fontana se iniciava naquela mancha escura.
O escuro o iluminava.

RUÍNA

Um monge descabelado me disse no caminho: "Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha ideia era de fazer

alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. Porque o abandono pode não ser apenas de um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro. (O olho do monge estava perto de ser um canto.) Continuou: digamos a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo". E o monge se calou descabelado.

BOLA SETE

Bola Sete não botava movimento.
Era incansável em não sair do lugar.
Igual o caranguejo de Buson que foi encontrado
de manhã debaixo do mesmo céu de ontem.
Pra compensar tinha laia de poeta.
Dava qualidades de flor a uma rã.
Dava às pessoas qualidades de água.
Isso ele fazia com letras, não precisava se mover.
Onde estava era ele, a manhã e suas garças;
era ele, o acaso e suas cores; era ele, o riacho e suas
margens; era ele, o horizonte e suas nuvens. Por aí.
Passarinhos brincavam nas paisagens de sua janela.
O mundo era perto.
Bastava estender as mãos que chegava no fim do
mundo.

Bola Sete não botava movimento.
Era um sujeito desverbado que nem uma oração desverbada.

RABELAIS

Por volta de 1532 andava pelas ruas de Paris o doido de Rabelais.
O doido apregoava pregos enferrujados.
Ele sabia o valor do que não presta.
Rabelais chegaria a imaginar assim:
Quem atinge o valor do que não presta é, no mínimo,
Um sábio ou um poeta.
É no mínimo alguém que saiba dar cintilância aos seres apagados.
Ou alguém que possa frequentar o futuro das palavras.
Vendo aquele maluco de rua a apregoar pregos enferrujados
O nosso pensador imaginou que talvez quisesse aquele homem
Anunciar as virtudes do inútil.
(Rabelais já havia afirmado antesmente que poesia é uma virtude do inútil.)

O PUNHAL

Eu vi uma cigarra atravessada pelo sol — como se um punhal atravessasse o corpo.
Um menino foi, chegou perto da cigarra, e disse que ela nem gemia.
Verifiquei com os meus olhos que o punhal estava atolado no corpo da cigarra

E que ela nem gemia!
Fotografei essa metáfora.
Ao fundo da foto aparece o punhal em brasa.

O CASAMENTO

Tentei uma aventura linguística.
Queria propor o enlace de um peixe com uma lata.
Uma lata é uma lata é uma lata é uma lata.
Busquei contiguidades verbais.
Busquei contiguidades substantivas para fazer
o casamento.
A lata morava no quintal da minha casa entregue
às suas ferrugens.
E o peixe no rio.
Veio um dia entrou uma enchente no quintal da
minha casa.
E levou a lata com ela.
A lata ficou no fundo do rio.
No fundo do rio as ferrugens são mais espessas.
E a lata estava pegando craca no corpo.
Deu-se que o peixe se enferrujou da lata.
E penetrou em dentro nela.
O peixe estava enferrujado (apaixonado) na lata.
Penso que se deu um quiasmo: uma contaminação
retórica do peixe com a lata.
Houve o casamento.
Moral da fábula: o peixe que não gozava de ser
sucata quis gozar.

2ª parte

ÁLBUM DE FAMÍLIA

Eu te invento, ó realidade!
CLARICE LISPECTOR

AUTORRETRATO

Ao nascer eu não estava acordado, de forma que
não vi a hora.
Isso faz tempo.
Foi na beira de um rio.
Depois eu já morri 14 vezes.
Só falta a última.
Escrevi 14 livros
E deles estou livrado.
São todos repetições do primeiro.
(Posso fingir de outros, mas não posso fugir de mim.)
Já plantei dezoito árvores, mas pode que só quatro.
Em pensamento e palavras namorei noventa moças,
mas pode que nove.
Produzi desobjetos, 35, mas pode que onze.
Cito os mais bolinados: um alicate cremoso, um
abridor de amanhecer, uma fivela de prender silêncios,
um prego que farfalha, um parafuso de veludo etc etc.
Tenho uma confissão: noventa por cento do que
escrevo é invenção; só dez por cento que é mentira.

Quero morrer no barranco de um rio: — sem moscas na boca descampada!

O POETA

Vão dizer que não existo propriamente dito.
Que sou um ente de sílabas.
Vão dizer que eu tenho vocação pra ninguém.
Meu pai costumava me alertar:
Quem acha bonito e pode passar a vida a ouvir o som das palavras
Ou é ninguém ou zoró.
Eu teria treze anos.
De tarde fui olhar a Cordilheira dos Andes que se perdia nos longes da Bolívia
E veio uma iluminura em mim.
Foi a primeira iluminura.
Daí botei meu primeiro verso:
Aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem.
Mostrei a obra pra minha mãe.
A mãe falou:
Agora você vai ter que assumir as suas irresponsabilidades.
Eu assumi: entrei no mundo das imagens.

A DOENÇA

Nunca morei longe do meu país.
Entretanto padeço de lonjuras.
Desde criança minha mãe portava essa doença.
Ela que me transmitiu.

Depois meu pai foi trabalhar num lugar que dava
essa doença nas pessoas.
Era um lugar sem nome nem vizinhos.
Diziam que ali era a unha do dedão do pé do fim
do mundo.
A gente crescia sem ter outra casa ao lado.
No lugar só constavam pássaros, árvores, o rio e
os seus peixes.
Havia cavalos sem freios dentro dos matos cheios
de borboletas nas costas.
O resto era só distância.
A distância seria uma coisa vazia que a gente
portava no olho
E que meu pai chamava exílio.

O PROVEDOR

Andar à toa é coisa de ave.
Meu avô andava à toa.
Não prestava pra quase nunca.
Mas sabia o nome dos ventos
E todos os assobios para chamar passarinhos.
Certas pombas tomavam ele por telhado e passavam
as tardes frequentando o seu ombro.
Falava coisas pouco sisudas: que fora escolhido para
ser uma árvore.
Lírios o meditavam.
Meu avô era tomado por leso porque de manhã dava
bom-dia aos sapos, ao sol, às águas.
Só tinha receio de amanhecer normal.
Penso que ele era provedor de poesia como as aves
e os lírios do campo.

O FINGIDOR

O ermo que tinha dentro do olho do menino era um defeito de nascença, como ter uma perna mais curta. Por motivo dessa perna mais curta a infância do menino mancava.
Ele nunca realizava nada.
Fazia tudo de conta.
Fingia que lata era um navio e viajava de lata.
Fingia que vento era cavalo e corria ventena.
Quando chegou a quadra de fugir de casa, o menino montava num lagarto e ia pro mato.
Mas logo o lagarto virava pedra.
Acho que o ermo que o menino herdara atrapalhava as suas viagens.
O menino só atingia o que seu pai chamava de ilusão.

FORMIGAS

Não precisei de ler São Paulo, Santo Agostinho,
São Jerônimo, nem Tomás de Aquino, nem São Francisco de Assis —
Para chegar a Deus.
Formigas me mostraram Ele.

(Eu tenho doutorado em formigas.)

PALAVRAS

Veio me dizer que eu desestruturo a linguagem. Eu desestruturo a linguagem? Vejamos: eu estou bem sentado num lugar. Vem uma palavra e tira o lugar de de-

baixo de mim. Tira o lugar em que eu estava sentado. Eu não fazia nada para que a palavra me desalojasse daquele lugar. E eu nem atrapalhava a passagem de ninguém. Ao retirar de debaixo de mim o lugar, eu desaprumei. Ali só havia um grilo com a sua flauta de couro. O grilo feridava o silêncio. Os moradores do lugar se queixavam do grilo. Veio uma palavra e retirou o grilo da flauta. Agora eu pergunto: quem desestruturou a linguagem? Fui eu ou foram as palavras? E o lugar que retiraram de debaixo de mim? Não era para terem retirado a mim do lugar? Foram as palavras pois que desestruturaram a linguagem. E não eu.

BORBOLETAS

Borboletas me convidaram a elas.
O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.
Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas.
Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta —
Seria, com certeza, um mundo livre aos poemas.
Daquele ponto de vista:
Vi que as árvores são mais competentes em auroras do que os homens.
Vi que as tardes são mais aproveitadas pelas garças do que pelos homens.
Vi que as águas têm mais qualidade para a paz do que os homens.
Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que os cientistas.
Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do ponto de vista de uma borboleta.
Ali até o meu fascínio era azul.

A BORRA

Prefiro as palavras obscuras que moram nos
fundos de uma cozinha — tipo borra, latas, cisco
Do que as palavras que moram nos sodalícios —
tipo excelência, conspícuo, majestade.
Também os meus alter egos são todos borra,
ciscos, pobres-diabos
Que poderiam morar nos fundos de uma cozinha
— tipo Bola Sete, Mário Pega Sapo, Maria Pelego
Preto etc.
Todos bêbedos ou bocós.
E todos condizentes com andrajos.
Um dia alguém me sugeriu que adotasse um
alter ego respeitável — tipo um príncipe, um
almirante, um senador.
Eu perguntei:
Mas quem ficará com os meus abismos se os
pobres-diabos não ficarem?

ÁRVORE

Um passarinho pediu a meu irmão para ser a sua árvore.
Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.
No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de
sol, de céu e de lua mais do que na escola.
No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo
mais do que os padres lhes ensinavam no internato.
Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.
Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor
o azul.

E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida
no tronco das árvores só presta para poesia.
No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as
árvores são vaidosas.
Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se
transformara, envaidecia-se quando era nomeada para
o entardecer dos pássaros.
E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos
brejos. Meu irmão agradeceu a Deus aquela
permanência em árvore porque fez amizade com muitas
borboletas.

COMPORTAMENTO

Não quero saber como as coisas se comportam.
Quero inventar comportamento para as coisas.
Li uma vez que a tarefa mais lídima da poesia é a
de equivocar o sentido das palavras
Não havendo nenhum descomportamento nisso
senão que alguma experiência linguística.
Noto que às vezes sou desvirtuado a pássaros, que
sou desvirtuado em árvores, que sou desvirtuado
para pedras.
Mas que essa mudança de comportamento gental
para animal vegetal ou pedral
É apenas um descomportamento semântico.
Se eu digo que grota é uma palavra apropriada para
ventar nas pedras,
Apenas faço o desvio da finalidade da grota que
não é a de ventar nas pedras.
Se digo que os passarinhos faziam paisagens na
minha infância,

É apenas um desvio das tarefas dos passarinhos que
não é a de fazer paisagens.
Mas isso é apenas um descomportamento linguístico que
não ofende a natureza dos passarinhos nem das grotas.
Mudo apenas os verbos e às vezes nem mudo.
Mudo os substantivos e às vezes nem mudo.
Se digo ainda que é mais feliz quem descobre o que não
presta do que quem descobre ouro —
Penso que ainda assim não serei atingido pela bobagem.
Apenas eu não tenho polimentos de ancião.

TRATADO GERAL DAS GRANDEZAS DO ÍNFIMO

1ª parte

TRATADO GERAL DAS GRANDEZAS DO ÍNFIMO

Para ele a pureza do cisco dava alarme.
BERNARDO DA MATA

A DISFUNÇÃO

Se diz que há na cabeça dos poetas um parafuso de a menos
Sendo que o mais justo seria o de ter um parafuso trocado do que a menos.
A troca de parafusos provoca nos poetas uma certa disfunção lírica.
Nomearei abaixo 7 sintomas dessa disfunção lírica.
1 – Aceitação da inércia para dar movimento às palavras.
2 – Vocação para explorar os mistérios irracionais.
3 – Percepção de contiguidades anômalas entre verbos e substantivos.
4 – Gostar de fazer casamentos incestuosos entre palavras.
5 – Amor por seres desimportantes tanto como pelas coisas desimportantes.
6 – Mania de dar formato de canto às asperezas de uma pedra.

7 – Mania de comparecer aos próprios desencontros.
Essas disfunções líricas acabam por dar mais importância aos passarinhos do que aos senadores.

O CISCO

(Tem vez que a natureza ataca o cisco para o bem.)
Principais elementos do cisco são: gravetos, areia, cabelos, pregos, trapos, ramos secos, asas de mosca, grampos, cuspe de aves, etc.
Há outros componentes do cisco, porém de menos importância.
Depois de completo, o cisco se ajunta, com certa humildade, em beiras de ralos, em raiz de parede,
Ou, depois das enxurradas, em alguma depressão de terreno.
Mesmo bem rejuntado o cisco produz volumes quase sempre modestos.
O cisco é infenso a fulgurâncias.
Depois de assentado em lugar próprio, o cisco produz material de construção para ninhos de passarinhos.
Ali os pássaros vão buscar raminhos secos, trapos, asas de mosca
Para a feitura de seus ninhos.
O cisco há de ser sempre aglomerado que se iguala a restos.
Que se iguala a restos a fim de obter a contemplação dos poetas.
Aliás, Lacan entregava aos poetas a tarefa de contemplação dos restos.
E Barthes completava: Contemplar os restos é narcisismo.

Ai de nós!
Porque Narciso é a pátria dos poetas.
Um dia pode ser que o lírio nascido nos monturos
empreste qualidade de beleza ao cisco.
Tudo pode ser.
Até sei de pessoas que propendem a cisco mais do
que a seres humanos.

DE PASSARINHOS

Para compor um tratado sobre passarinhos
É preciso por primeiro que haja um rio com árvores
e palmeiras nas margens.
E dentro dos quintais das casas que haja pelo menos
goiabeiras.
E que haja por perto brejos e iguarias de brejos.
É preciso que haja insetos para os passarinhos.
Insetos de pau sobretudo que são os mais palatáveis.
A presença de libélulas seria uma boa.
O azul é muito importante na vida dos passarinhos
Porque os passarinhos precisam antes de belos ser
eternos.
Eternos que nem uma fuga de Bach.

AS FORMIGAS

Cerca de dez formigas
Tentavam arrastar um caranguejo morto até a entrada
da casa delas.
Mas não puderam recolher o caranguejo na casa
Porque a porta da casa era muito estreita.

Então as formigas almoçaram aquele caranguejo ali mesmo.
Elas penetravam por dentro do caranguejo e comiam as substâncias de dentro.
De outra feita eu vi uma formiga solitária a puxar de fasto
Um marandová morto.
Ela puxava puxava de fasto e nada.
Não arredava do lugar um centímetro.
A formiga foi chamar as companheiras,
As companheiras vieram em bando, muitas.
E almoçaram o marandová ali mesmo.
O pitéu estava até desmanchando…

A NAMORADA

Havia um muro alto entre nossas casas.
Difícil de mandar recado para ela.
Não havia e-mail.
O pai era uma onça.
A gente amarrava o bilhete numa pedra presa por um cordão
E pinchava a pedra no quintal da casa dela.
Se a namorada respondesse pela mesma pedra
Era uma glória!
Mas por vezes o bilhete enganchava nos galhos da goiabeira
E então era agonia.
No tempo do onça era assim.

POEMA

A poesia está guardada nas palavras — é tudo que
eu sei.
Meu fado é o de não saber quase tudo.
Sobre o nada eu tenho profundidades.
Não tenho conexões com a realidade.
Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.
Para mim poderoso é aquele que descobre as
insignificâncias (do mundo e as nossas).
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
Fiquei emocionado e chorei.
Sou fraco para elogios.

O URUBUZEIRO

Meu amigo Sabastião estourou a infância dele e mais
duas pernas
No mergulho contra uma pedra na Cacimba da Saúde.
Quarenta anos mais tarde Sabastião remava uma canoa
no rio Paraguaio
E deu o barranco de uma charqueada.
Sabastião subiu o barranco se arrastando como um
caranguejo trôpego
Até a casa do patrão e pediu um trabalho.
O patrão olhou para aquele pedaço de pessoa e disse:
Você me serve para urubuzeiro.
(Urubuzeiro era tarefa de espantar os urubus que
atentavam nos tendais de carne.)
Trabalho de Sabastião era espantar os urubus.
Sabastião espantava espantava espantava.
Os urubus voltavam de bandos.

Sabastião espantava espantava.
Um dia pegaram Sabastião a prosear em estrangeiro com os urubus.
Chegou que Sabastião permitiu que os urubus fizessem farra nas carnes.
Os urubus faziam farra e conversavam em estrangeiro com Sabastião.
Veio o patrão e mandou Sabastião para o manicômio.
No manicômio ninguém compreendia a língua de Sabastião
De forma que Sabastião despencou do seu normal
E foi encontrado na rua falando sozinho em estrangeiro.

TRIBUTO A J. G. ROSA

Passarinho parou de cantar.
Essa é apenas uma informação.
Passarinho desapareceu de cantar.
Esse é um verso de J. G. Rosa.
Desapareceu de cantar é uma graça verbal.
Poesia é uma graça verbal.

O VIDENTE

Primeiro o menino viu uma estrela pousada nas pétalas da noite
E foi contar para a turma.
A turma falou que o menino zoroava.
Logo o menino contou que viu o dia parado em cima de uma lata
Igual que um pássaro pousado sobre uma pedra.

Ele disse: Dava a impressão que a lata amparava o dia.
A turma caçoou.
Mas o menino começou a apertar parafuso no vento.
A turma falou: Mas como você pode apertar parafuso no vento
Se o vento nem tem organismo.
Mas o menino afirmou que o vento tinha organismo
E continuou a apertar parafuso no vento.

A PEDRA

Pedra sendo
Eu tenho gosto de jazer no chão.
Só privo com lagarto e borboletas.
Certas conchas se abrigam em mim.
De meus interstícios crescem musgos.
Passarinhos me usam para afiar seus bicos.
Às vezes uma garça me ocupa de dia.
Fico louvoso.
Há outros privilégios de ser pedra:
a – Eu irrito o silêncio dos insetos.
b – Sou batido de luar nas solitudes.
c – Tomo banho de orvalho de manhã.
d – E o sol me cumprimenta por primeiro.

INFANTIL

O menino ia no mato
E a onça comeu ele.
Depois o caminhão passou por dentro do corpo do menino
E ele foi contar para a mãe.

A mãe disse: Mas se a onça comeu você, como é que
o caminhão passou por dentro do seu corpo?
É que o caminhão só passou renteando meu corpo
E eu desviei depressa.
Olha, mãe, eu só queria inventar uma poesia.
Eu não preciso de fazer razão.

OS CARAMUJOS

Há um comportamento de eternidade nos caramujos.
Para subir os barrancos de um rio, eles percorrem um
dia inteiro até chegar amanhã.
O próprio anoitecer faz parte de haver beleza nos
caramujos.
Eles carregam com paciência o início do mundo.
No geral os caramujos têm uma voz desconformada
por dentro.
Talvez porque tenham a boca trôpega.
Suas verdades podem não ser.
Desde quando a infância nos praticava na beira do rio
Nunca mais deixei de saber que esses pequenos
moluscos
Ajudam as árvores a crescer.
E achei que esta história só caberia no impossível.
Mas não; ela cabe aqui também.

A TARTARUGA

Desde a tartaruga nada não era veloz.
Depois é que veio o forde 22

E o asa-dura (máquina avoadora que imita os pássaros, e tem por alcunha avião).
Não atinei até agora por que é preciso andar tão depressa.
Até há quem tenha cisma com a lesma porque ela anda muito depressa.
Eu tenho.
A gente só chega ao fim quando o fim chega!
Então pra que atropelar?

SOBRE IMPORTÂNCIAS

Uma rã se achava importante
Porque o rio passava nas suas margens.
O rio não teria grande importância para a rã
Porque era o rio que estava ao pé dela.
Pois Pois.
Para um artista aquele ramo de luz sobre uma lata desterrada no canto de uma rua, talvez para um fotógrafo, aquele pingo de sol na lata seja mais importante do que o esplendor do sol nos oceanos.
Pois Pois.
Em Roma, o que mais me chamou atenção foi um prédio que ficava em frente das pombas.
O prédio era de estilo bizantino do século IX.
Colosso!
Mas eu achei as pombas mais importantes do que o prédio.
Agora, hoje, eu vi um sabiá pousado na Cordilheira dos Andes.
Achei o sabiá mais importante do que a Cordilheira dos Andes.

O pessoal falou: seu olhar é distorcido.
Eu, por certo, não saberei medir a importância das coisas: alguém sabe?
Eu só queria construir nadeiras para botar nas minhas palavras.

JOAQUIM SAPÉ

Os ornamentos de trapo de Joaquim Sapé já estavam criando cabelo de tão sujos.
Joaquim atravessava as ruelas da Aldeia como se fosse um Príncipe
Com aqueles ornamentos de trapo.
Quando entrava na Aldeia com o saco de lata às costas
Crianças o arrodeavam.
Um dia me falou, esse andarilho (eu era criança):
— Quando chove nos braços de uma formiga, o horizonte diminui.
O menino ficou com a frase incomodando na cabeça.
Como é que esse Joaquim Sapé, que mora debaixo do chapéu, e que nem tem aparelho de medir céu, pode saber que os horizontes diminuem quando chove nos braços de uma formiga?
Se nem quase formiga tem braço!
Igual quando ele me disse que do lado esquerdo do sol voam mais andorinhas do que os outros pássaros?
Pois ele não tinha aparelho de medir o sol, como podia saber!
Ele seria um ensaio de cientista?
Ele enxergava prenúncios!

MIUDEZAS

Percorro todas as tardes um quarteirão de paredes
nuas.
Nuas e sujas de idade e ventos.
Vejo muitos rascunhos de pernas de grilos pregados
nas pedras.
As pedras, entretanto, são mais favoráveis a pernas
de moscas do que de grilos.
Pequenos caracóis deixaram suas casas pregadas
nestas pedras
E as suas lesmas saíram por aí à procura de outras
paredes.
Asas misgalhadinhas de borboletas tingem de azul
estas pedras.
Uma espécie de gosto por tais miudezas me paralisa.
Caminho todas as tardes por estes quarteirões
desertos, é certo.
Mas nunca tenho certeza
Se estou percorrendo o quarteirão deserto
Ou algum deserto em mim.

ASCENSÃO

Depois que iniciei minha ascensão para a infância,
Foi que vi como o adulto é sensato!
Pois como não tomar banho nu no rio entre pássaros?
Como não furar lona de circo para ver os palhaços?
Como não ascender ainda mais até na ausência da voz?
(Ausência da voz é *infantia*, com t, em latim.)
Pois como não ascender até a ausência da voz —

Lá onde a gente pode ver o próprio feto do verbo —
ainda sem movimento.
Aonde a gente pode enxergar o feto dos nomes —
ainda sem penugens.
Por que não voltar a apalpar as primeiras formas da
pedra. A escutar
Os primeiros pios dos pássaros. A ver
As primeiras cores do amanhecer.
Como não voltar para onde a invenção está virgem?
Por que não ascender de volta para o tartamudo!

O CATADOR

Um homem catava pregos no chão.
Sempre os encontrava deitados de comprido,
ou de lado,
ou de joelhos no chão.
Nunca de ponta.
Assim eles não furam mais — o homem pensava.
Eles não exercem mais a função de pregar.
São patrimônios inúteis da humanidade.
Ganharam o privilégio do abandono.
O homem passava o dia inteiro nessa função de catar
pregos enferrujados.
Acho que essa tarefa lhe dava algum estado.
Estado de pessoas que se enfeitam a trapos.
Catar coisas inúteis garante a soberania do Ser.
Garante a soberania de Ser mais do que Ter.

2ª parte

O LIVRO DE BERNARDO

A normalidade é assombrosa.
Sua puerícia é mesma carne de poesia.
ADÉLIA PRADO em *Manuscritos de Felipa*

POIS POIS

O Padre Antônio Vieira pregava de encostar as orelhas
na boca do bárbaro.
Que para ouvir as vozes do chão
Que para ouvir a fala das águas
Que para ouvir o silêncio das pedras
Que para ouvir o crescimento das árvores
E as origens do Ser. Pois Pois.
Bernardo da Mata nunca fez outra coisa
Que ouvir as vozes do chão
Que ouvir o perfume das cores
Que ver o silêncio das formas
E o formato dos cantos. Pois Pois.
Passei muitos anos a rabiscar, neste caderno, os
escutamentos de Bernardo.
Ele via e ouvia inexistências.
Eu penso agora que esse Bernardo tem cacoete para
poeta.

O BANDARRA

Ele só andava por lugares pobres
E era ainda mais pobre
Do que os lugares pobres por onde andava.
Falou de começo: Quem abandona a natureza entra a verme.
Aves nutriam por ele deslumbramentos de criança.
Ele sabia o sotaque das lesmas
E tinha um modo de árvore pregado no olhar.
O homem usava um dólmã de lã sujo de areia e cuspe de aves.
Mas ele nem tô aí para os estercos.
Era desorgulhoso.
Para ele a pureza do cisco dava alarme.
E só pelo olfato esse homem descobria as cores do amanhecer.

O LIVRO DE BERNARDO

1

Os meninos me letram de Bandarra.
(Bandarra é cavalo velho solto
no pasto, às moscas.)
Esse é meu estandarte.

2

Não tenho pensa.
Tenho só árvores ventos
passarinhos — issos.

3

Dentro de mim
eu me eremito
como os padres do ermo.

4

Meus caminhos
a garça
redime.

5

Sou aquele
que gastou a sua história
na beira de um rio.

6

Estes brejos amanhecem
amarrados
de conchas.

7

A voz dos sapos de tarde
é destroncada
por dentro.

8

O sol transborda
nas estradas
e no olhar das sariemas.

9

Ao lado de uma lata
de uma pedra
estou conforme.

10

Passarinhos do mato
gostam de mim
e de goiaba.

11

Cavalos entardecem
na beira do mato —
onde entardeço.

12

Uma rã me benzeu
com as mãos
na água.

13

Caramujos sempre chegam depois.
Representa que estão chegando
da eternidade.

14

Meu desagero
é de ser
fascinado por trastes.

15

O silêncio
está úmido
de aves.

16

Registros de lagartixas
nas ruínas:
elas têm sabimentos de pedras.

17

Vi o verão
no meio das pedras
e um lagarto.

18

A chuva
azula a voz
das andorinhas.

19

Eternidade
é palavra
encostada em
Deus.

20

Águas que sabem
a pedras
sabem a rãs.

21

Sapos sabem divinamentos
mais do que as árvores
mais do que os homens.

22

O sangue do sol
nas águas
atrai mariposas.

23

Sou livre
para o silêncio das formas
e das cores.

24

Caracóis
não gosmam
em latas.

25

Ocupo função de exílio
quando anoitece
nas águas.

26

Passam formigas perdidas
no lado esquerdo
da casa.

27

No olho songo
do lagarto
nasce um pedaço de nuvem.

28

O corpo do rio prateia
quando a lua
se abre.

29

Na beira da mosca
o céu parou
o dia parou.

30

O dia estava
em condições de boca
para as borboletas.

31

O lírio
e as garças
são imaculantes.

32

Sou beato de águas
de pedras
e de aves.

33

De tarde
cigarras
arrebentavam o verão.

34

Dentro dos caramujos —
há silêncios
remontados.

35

Quem ornamenta o azul
das manhãs
são os sabiás.

36

Estou pousado em mim
igual que formiga
sem rumo.

37

Com fios de orvalho
aranhas tecem
a madrugada.

38

Eu vi que a noite dormia
escorada
nos arvoredos.

39

Andorinhas passeiam
na chuva
e no meu ocaso.

40

Quase vestida de sol
vi a chuva
em cima do morro.

41

Palavras
Gosto de brincar com elas.
Tenho preguiça de ser sério.

42

Tenho candor
por bobagens.
Quando eu crescer eu vou ficar criança.

43

Bom é
constar das paisagens
como um rio, uma pedra.

44

Meu requinte
é chegar às vilezas
com castidade.

45

Passarinho
faz árvore de tarde
nos andarilhos.

46

Poeta
é uma pessoa
que reverdece nele mesmo.

47

Reconhecer a eminência
dos insetos
leva à sabedoria.

48

Pelo corpo
das latas podres
relvam rosas.

49

As garças
quando alçam
se entardecem.

50

Já me dei ao desfrute
de ser ao mesmo tempo
pedra e sapo.

51

Preciso de alcançar
a indulgência
pedral.

52

Uma açucena
me convidou
para de noite.

POEMAS RUPESTRES

1ª parte
CANÇÃO DO VER

1.

Por viver muitos anos dentro do mato
moda ave
O menino pegou um olhar de pássaro —
Contraiu visão fontana.
Por forma que ele enxergava as coisas
por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra.
E tal.
As palavras eram livres de gramáticas e
podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha, era
só abrir a palavra abelha e entrar dentro
dela.
Como se fosse infância da língua.

2.

A de muito que na Corruptela onde a gente
vivia
Não passava ninguém
Nem mascate muleiro
Nem anta batizada
Nem cachorro de bugre.
O dia demorava de uma lesma.
Até uma lacraia ondeante atravessava o dia
por primeiro do que o sol.
E essa lacraia ainda fazia uma estação de
recreio no circo das crianças
a fim de pular corda.
Lembrava a tartaruga de Creonte
que quando chegava na outra margem do rio
as águas já tinham até criado cabelo.
Por isso a gente pensava sempre que o dia
de hoje ainda era ontem.
A gente se acostumou de enxergar antigamentes.

3.

Por forma que o dia era parado de poste.
Os homens passavam as horas sentados na
porta da Venda
de Seo Mané Quinhentos Réis
que tinha esse nome porque todas as coisas
que vendia
custavam o seu preço e mais quinhentos réis.
Seria qualquer coisa como a Caixa Dois dos
prefeitos.

O mato era atrás da Venda e servia também
para a gente desocupar.
Os cachorros não precisavam do mato para
desocupar
Nem as emas solteiras que despejavam correndo.
No arruado havia nove ranchos.
Araras cruzavam por cima dos ranchos
conversando em ararês.
Ninguém de nós sabia conversar em ararês.
Os maridos que não ficavam de prosa na porta
da Venda
Iam plantar mandioca
Ou fazer filhos nas patroas.
A vida era bem largada.
Todo mundo se ocupava da tarefa de ver o dia
atravessar.
Pois afinal as coisas não eram iguais às cousas?
Por tudo isso, na Corruptela parecia nada
acontecer.

4.

Por forma que a nossa tarefa principal
era a de aumentar
o que não acontecia.
(Nós era um rebanho de guris.)
A gente era bem-dotado para aquele serviço
de aumentar o que não acontecia.
A gente operava a domicílio e pra fora.
E aquele colega que tinha ganho um olhar
de pássaro
Era o campeão de aumentar os desacontecimentos.

Uma tarde ele falou pra nós que enxergara um
lagarto espichado na areia
a beber um copo de sol.
Apareceu um homem que era adepto da razão
e disse:
Lagarto não bebe sol no copo!
Isso é uma estultícia.
Ele falou de sério.
Ficamos instruídos.

5.

Com aquela sua maneira de sol entrar em casa
E com o seu olhar furado de nascentes
O menino podia ver até a cor das vogais —
como o poeta Rimbaud viu.
Contou que viu a tarde latejar de andorinhas.
E viu a garça pousada na solidão de uma pedra.
E viu outro lagarto que lambia o lado azul do
silêncio.
Depois o menino achou na beira do rio uma pedra
canora.
Ele gostava de atrelar palavras de rebanhos
diferentes
Só para causar distúrbios no idioma.
Pedra canora causa!
E um passarinho que sonhava de ser ele também
causava.
Mas ele mesmo, o menino
Se ignorava como as pedras se ignoram.

6.

Desde sempre parece que ele fora preposto a pássaro.
Mas não tinha preparatórios de uma árvore
Pra merecer no seu corpo ternuras de gorjeios.
Ninguém de nós, na verdade, tinha força de fonte.
Ninguém era início de nada.
A gente pintava nas pedras a voz.
E o que dava santidade às nossas palavras era
a canção do ver!
Trabalho nobre aliás mas sem explicação
Tal como costurar sem agulha e sem pano.
Na verdade na verdade
Os passarinhos que botavam primavera nas palavras.

7.

A turma viu uma perna de formiga, desprezada,
dentro do mato. Era uma coisa para nós muito
importante. A perna se mexia ainda. Eu diria que
aquela perna, desprezada, e que ainda se mexia,
estava procurando a outra parte do seu corpo,
que deveria estar por perto. Acho que o resto da
formiga, naquela altura do sol, já estaria dentro
do formigueiro sendo velada. Ou talvez o resto
do corpo estaria a procurar aquela perna
desprezada. Ninguém viu o que foi que produziu
aquela desunião do corpo com a perna desprezada.
Algumas pessoas passavam por ali, naquele trato
de terra, e ninguém viu a perna desprezada. Todos
saímos a procurar o pedaço principal da formiga.

Porque pensando bem o resto da formiga era a perna desprezada. Fomos à beira do rio mas só encontramos pedaços de folhas verdes carregados por novas formigas. Achamos a seguir que as novas formigas que carregavam as folhas nos ombros, elas estavam indo para assistir, no formigueiro, ao velório da outra parte da formiga. Mas a gente resolveu por antes tomar um banho de rio.

8.

Fomos rever o poste.
O mesmo poste de quando a gente brincava de pique e de esconder.
Agora ele estava tão verdinho!
O corpo recoberto de limo e borboletas.
Eu quis filmar o abandono do poste.
O seu estar parado.
O seu não ter voz.
O seu não ter sequer mãos para se pronunciar com as mãos.
Penso que a natureza o adotara em árvore.
Porque eu bem cheguei de ouvir arrulos de passarinhos que um dia teriam cantado entre as suas folhas.
Tentei transcrever para flauta a ternura dos arrulos.
Mas o mato era mudo.
Agora o poste se inclina para o chão — como alguém que procurasse o chão para repouso.
Tivemos saudades de nós.

9.

E agora
que fazer
com esta manhã desabrochada a pássaros?

2ª parte

DESENHOS DE UMA VOZ

SE ACHANTE

Era um caranguejo muito se achante.
Ele se achava idôneo para flor.
Passava por nossa casa
Sem nem olhar de lado.
Parece que estava montado num coche
de princesa.
Ia bem devagar
Conforme o protocolo
A fim de receber aplausos.
Muito achante demais.
Nem parou para comer goiaba.
(Acho que quem anda de coche não come
goiaba.)
Ia como se fosse tomar posse de deputado.
Mas o coche quebrou
E o caranguejo voltou a ser idôneo para
mangue.

SONATA AO LUAR

Sombra Boa não tinha e-mail.
Escreveu um bilhete:
Maria me espera debaixo do ingazeiro
quando a lua tiver arta.
Amarrou o bilhete no pescoço do cachorro
e atiçou:
Vai, Ramela, passa!
Ramela alcançou a cozinha num átimo.
Maria leu e sorriu.
Quando a lua ficou arta Maria estava.
E o amor se fez
Sob um luar sem defeito de abril.

EMAS

Elas ficam flanando no pátio da fazenda.
A gente sabe que as emas comem garrafas
abotoaduras freios pedras alicates e tais.
Nossa mãe tinha medo que uma ema
Comesse nosso cobertor de dormir e os
vidros de arnica da vó.
Eu tinha vontade de botar cabresto em uma
ema
E sair pelos campos montado na bicha a
correr.
A gente sabia que a ema quase voa no correr.
Que a ema racha o vento no correr.
Eu tinha era vontade de rachar o vento
no correr.

VENTO

Se a gente jogar uma pedra no vento
Ele nem olha para trás.
Se a gente atacar o vento com enxada
Ele nem sai sangue da bunda.
Ele não dói nada.
Vento não tem tripa.
Se a gente enfiar uma faca no vento
Ele nem faz ui.
A gente estudou no Colégio que vento
é o ar em movimento.
E que o ar em movimento é vento.
Eu quis uma vez implantar uma costela
no vento.
A costela não parava nem.
Hoje eu tasquei uma pedra no organismo
do vento.
Depois me ensinaram que vento não tem
organismo.
Fiquei estudado.

ANTÔNIO CARANCHO

Me chamam de Antônio Carancho:
Carancho é por maneira que eu ando de pé virado
Moda carancho mesmo.
Pra bobo eu não sou condicionado.
Sou mais garantido de cantor.
Porém meu canto é fechado.
Lastreadamente sou Antônio Severo dos Santos.

Carancho é de caçoada.
Tenho vareios no olhar as coisas.
Chego de ver vaidade nas garças.
Eu ouço a fonte dos tontos.
Pedra tem inveja aos lírios.
Isso eu sei de espiar.
Eu combino melhor com árvores.
Totalmente ao senhor eu falo:
Quem ouve a fonte dos tontos não cabe mais dentro dele.
Outra pessoa desabre.

NA GUERRA

Prefeito despachou estafeta a cavalo com uma carta ao Imperador.
A carta anunciava a invasão da cidade por tropas paraguaias
E pedia recursos.
Dois meses depois o estafeta entregava a carta ao Imperador.
Quando os recursos chegaram os paraguaios não estavam mais.
Levaram quinze moças louçãs e um pouco de mantimentos
Para comer na viagem.
Acho que comeram tudo.
(Corumbá é uma cidade cuja população é bem mesclada de paraguaios.)

NO SÍTIO

A gente morava no Sítio, duas léguas da Capital.
Na estrada de terra que passava no Sítio só tinha
três vacas vadias, três cabras vadias, um
bandarra velho e a égua Floripa.
Meu avô queria passear na Capital.
Mandou encilhar Floripa. E saiu.
No meio da estrada o avô desamontou para verter
água. Verteu.
No intervalo Floripa virou a cara pro lado do
Sítio. E parou.
Meu avô amontou de novo e apertou a marcha.
Logo Floripa estacou em frente de nossa casa.
Meu avô entrou e disse: Gostei de ver a Capital.
Já tem até vaca na rua!
É fruto de progresso.
Floripa estava parece que rindo na porta.

OS DOIS

Eu sou dois seres.
O primeiro é fruto do amor de João e Alice.
O segundo é letral:
É fruto de uma natureza que pensa por imagens,
Como diria Paul Valéry.
O primeiro está aqui de unha, roupa, chapéu
e vaidades.
O segundo está aqui em letras, sílabas, vaidades
frases.
E aceitamos que você empregue o seu amor em nós.

TEOLOGIA DO TRASTE

As coisas jogadas fora por motivo de traste
são alvo da minha estima.
Prediletamente latas.
Latas são pessoas léxicas pobres porém concretas.
Se você jogar na terra uma lata por motivo de
traste: mendigos, cozinheiras ou poetas podem pegar.
Por isso eu acho as latas mais suficientes, por
exemplo, do que as ideias.
Porque as ideias, sendo objetos concebidos pelo
espírito, elas são abstratas.
E, se você jogar um objeto abstrato na terra por
motivo de traste, ninguém quer pegar.
Por isso eu acho as latas mais suficientes.
A gente pega uma lata, enche de areia e sai
puxando pelas ruas moda um caminhão de areia.
E as ideias, por ser um objeto abstrato concebido
pelo espírito, não dá para encher de areia.
Por isso eu acho a lata mais suficiente.
Ideias são a luz do espírito — a gente sabe.
Há ideias luminosas — a gente sabe.
Mas elas inventaram a bomba atômica, a bomba
atômica, a bomba atôm……
…… Agora
eu queria que os vermes iluminassem.
Que os trastes iluminassem.

GARÇA

A palavra garça em meu perceber é bela.
Não seja só pela elegância da ave.

Há também a beleza letral.
O corpo sônico da palavra
E o corpo níveo da ave
Se comungam.
Não sei se passo por tantã dizendo isso.
Olhando a garça-ave e a palavra garça
Sofro uma espécie de encantamento poético.

NO ASPRO

Queria a palavra sem alamares, sem
chatilenas, sem suspensórios, sem
talabartes, sem paramentos, sem diademas,
sem ademanes, sem colarinho.
Eu queria a palavra limpa de solene.
Limpa de soberba, limpa de melenas.
Eu queria ficar mais porcaria nas palavras.
Eu não queria colher nenhum pendão com elas.
Queria ser apenas relativo de águas.
Queria ser admirado pelos pássaros.
Eu queria sempre a palavra no áspero dela.

O LÁPIS

É por demais de grande a natureza de Deus.
Eu queria fazer para mim uma naturezinha
particular.
Tão pequena que coubesse na ponta do meu
lápis.
Fosse ela, quem me dera, só do tamanho do
meu quintal.

No quintal ia nascer um pé de tamarino apenas
para uso dos passarinhos.
E que as manhãs elaborassem outras aves para
compor o azul do céu.
E se não fosse pedir demais eu queria que no
fundo corresse um rio.
Na verdade na verdade a coisa mais importante
que eu desejava era o rio.
No rio eu e a nossa turma, a gente iria todo
dia jogar cangapé nas águas correntes.
Essa, eu penso, é que seria a minha naturezinha
particular:
Até onde o meu pequeno lápis poderia alcançar.

3ª parte
CARNAVAL

ENUNCIADO

Agora não posso mais priscar na areia quente
que nem os lambaris que escaparam do anzol.
Não posso mais correr nas chuvas na moda que
os bezerros correm.
Nem posso mais dar saltos-mortais nos ventos.
Agora
Eu passo as minhas horas a brincar com palavras.
Brinco de carnaval.
Hoje amarrei no rosto das palavras minha máscara.
Faço o que posso.

O MURO

O menino contou que o muro da casa dele era
da altura de duas andorinhas.
(Havia um pomar do outro lado do muro.)
Mas o que intrigava mais a nossa atenção
principal
Era a altura do muro
Que seria de duas andorinhas.

Depois o garoto explicou:
Se o muro tivesse dois metros de altura
qualquer ladrão pulava
Mas a altura de duas andorinhas nenhum ladrão
pulava.
Isso era.

PÊSSEGO

Proust
Só de ouvir a voz de Albertine entrava em
orgasmo. Se diz que:
O olhar de voyeur tem condições de phalo
(possui o que vê).
Mas é pelo tato
Que a fonte do amor se abre.
Apalpar desabrocha o talo.
O tato é mais que o ver
É mais que o ouvir
É mais que o cheirar.
É pelo beijo que o amor se edifica.
É no calor da boca
Que o alarme da carne grita.
E se abre docemente
Como um pêssego de Deus.

CREME

Sucuri pegou um bezerro
E deu um forte abraço nele.

Foi se enrolando se enrolando no corpo
do bezerro
Foi apertando o abraço apertando
Até quebrar todo osso do bezerro.
O bezerro virou parece um creme.
Eu estava perto.
Eu assisti.
O silêncio do bezerro nem mexia.
Depois a cobra engoliu o creme.

LÍNGUA

A seca foi braba naquele ano.
O pai falou: Lá evém uma língua de fogo
do lado da Bolívia
e vai lamber todo o pasto.
O menino assustou: Língua de fogo?
O pai explicou ao menino que se tratava
de imagem.
Língua de fogo é apenas uma imagem.
Mas, pela dúvida, o menino retirou seu
cachorro da imagem.

O COPO

Estava o jacaré na beira do brejo
tomando um copo de sol.
Foi o menino
E tascou uma pedra
No olho do jacaré.

O bicho soltou três urros
E quebrou o silêncio do lugar.
Os cacos do silêncio ficaram espalhados
na praia.
O copo de sol não rachou nem.

MAÇÃ

Uma palavra abriu o roupão pra mim.
Vi tudo dela: a escova fofa, o pente a doce maçã.
A mesma maçã que perdeu Adão.
Tentei pegar na fruta
Meu braço não se moveu.
(Acho que eu estava em sonho.)
Tentei de novo
O braço não se moveu.
Depois a palavra teve piedade
E esfregou a lesma dela em mim.

ARMÁRIO

O avô despencou do alto da escada aos
trambolhos.
Como um armário.
O armário quebrou três pernas.
O avô não teve nada.
Ué! armário não é só um termo de comparação?
Aqui em casa comparação também quebra perna.
O avô dementava as palavras.

O CASACO

Um homem estava anoitecido.
Se sentia por dentro um trapo social.
Igual se, por fora, usasse um casaco rasgado
e sujo.
Tentou sair da angústia
Isto ser:
Ele queria jogar o casaco rasgado e sujo no
lixo.
Ele queria amanhecer.

O OLHAR

Ele era um andarilho.
Ele tinha um olhar cheio de sol
de águas
de árvores
de aves.
Ao passar pela Aldeia
Ele sempre me pareceu a liberdade em trapos.
O silêncio honrava a sua vida.

MENINO DO MATO

Primeira parte

MENINO DO MATO

O homem seria metafisicamente grande
se a criança fosse seu mestre.
SÖREN KIERKEGAARD

I

Eu queria usar palavras de ave para escrever.
Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem nomeação.
Ali a gente brincava de brincar com palavras
tipo assim: Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra!
A Mãe que ouvira a brincadeira falou:
Já vem você com suas visões!
Porque formigas nem têm joelhos ajoelháveis
e nem há pedras de sacristias por aqui.
Isso é traquinagem da sua imaginação.
O menino tinha no olhar um silêncio de chão
e na sua voz uma candura de Fontes.
O Pai achava que a gente queria desver o mundo
para encontrar nas palavras novas coisas de ver
assim: eu via a manhã pousada sobre as margens do rio do mesmo modo que uma garça aberta na solidão de uma pedra.

Eram novidades que os meninos criavam com as suas palavras.
Assim Bernardo emendou nova criação: Eu hoje vi um sapo com olhar de árvore.
Então era preciso desver o mundo para sair daquele lugar imensamente e sem lado.
A gente queria encontrar imagens de aves abençoadas pela inocência.
O que a gente aprendia naquele lugar era só ignorâncias para a gente bem entender a voz das águas e dos caracóis.
A gente gostava das palavras quando elas perturbavam o sentido normal das ideias.
Porque a gente também sabia que só os absurdos enriquecem a poesia.

II

Nosso conhecimento não era de estudar em livros.
Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos.
Seria um saber primordial?
Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor e não por sintaxe.
A gente queria o arpejo. O canto. O gorjeio das palavras.
Um dia tentamos até de fazer um cruzamento de árvores com passarinhos
para obter gorjeios em nossas palavras.
Não obtivemos.
Estamos esperando até hoje.
Mas bem ficamos sabendo que é também das percepções primárias que nascem arpejos e canções e gorjeios.
Porém naquela altura a gente gostava mais das palavras desbocadas.

Tipo assim: Eu queria pegar na bunda do vento.
O pai disse que vento não tem bunda.
Pelo que ficamos frustrados.
Mas o pai apoiava a nossa maneira de desver o mundo que era a nossa maneira de sair do enfado.
A gente não gostava de explicar as imagens porque explicar afasta as falas da imaginação.
A gente gostava dos sentidos desarticulados como a conversa dos passarinhos no chão a comer pedaços de mosca.
Certas visões não significavam nada mas eram passeios verbais.
A gente sempre queria dar brazão às borboletas.
A gente gostava bem das vadiações com as palavras do que das prisões gramaticais.
Quando o menino disse que queria passar para as palavras suas peraltagens até os caracóis apoiaram.
A gente se encostava na tarde como se a tarde fosse um poste.
A gente gostava das palavras quando elas perturbavam os sentidos normais da fala.
Esses meninos faziam parte do arrebol como os passarinhos.

III

Por modo de nossa vivência ponho por caso Bernardo.
Bernardo nem sabia que houvera recebido o privilégio do abandono.
Ele fazia parte da natureza como um rio faz, como um sapo faz, como o ocaso faz.
E achava uma coisa cândida conversar com as águas, com as árvores, com as rãs.

(Eis um caso que há de perguntar: é preciso estudar ignorâncias para falar com as águas?)
Ele falava coisinhas seráficas com as águas;
Bernardo morava em seu casebre na beira do rio — moda um ermitão.
De manhã, bem cedo, ele pegava de seu regador e ia regar o rio.
Regava o rio, regava o rio.
Depois ele falava para nós que os peixes também precisam de água para sobreviver.
Perto havia um brejo canoro de rãs.
O rio encostava as margens na sua voz.
Seu olhar dava flor no cisco.
Sua maior alegria era de ver uma garça descoberta no alto do rio.
Ele queria ser sonhado pelas garças.
Bernardo tinha visões como esta — eu via a manhã pousada sobre uma lata que nem um passarinhos no abandono de uma casa.
Era uma visão que destampava a natureza de seu olhar.
Bernardo não sabia nem o nome das letras de uma palavra.
Mas soletrava rãs melhor que mim.
Pelo som dos gorjeios de uma ave ele sabia sua cor.
A manhã fazia glória sobre ele.
Quando eu conheci Bernardo o ermo já fazia exuberância nele.

IV

Lugar mais bonito de um passarinho ficar é a palavra.
Nas minhas palavras ainda vivíamos meninos do mato, um tonto e mim.

Eu vivia embaraçado nos meus escombros verbais.
O menino caminhava incluso em passarinhos.
E uma árvore progredia em ser Bernardo.
Ali até santos davam flor nas pedras.
Porque todos estávamos abrigados pelas palavras.
Usávamos todos uma linguagem de primavera.
Eu viajava com as palavras ao modo de um dicionário.
A gente bem quisera escutar o silêncio do orvalho sobre as pedras.
Tu bem quisera também saber o que os passarinhos sabem sobre os ventos.
A gente só gostava de usar palavras de aves porque eram palavras abençoadas pela inocência.
Bernardo disse que ouvira um vento quase encostado nas vestes da tarde.
Eu sonhava de escrever um livro com a mesma inocência com que as crianças fabricam seus navios de papel.
Eu queria pegar com as mãos no corpo da manhã.
Porque eu achava que a visão fosse um ato poético do ver.
Tu não gostasse do caminho comum das palavras.
Antes melhor eu gostasse dos absurdos.
E se eu fosse um caracol, uma árvore, uma pedra?
E seu eu fosse?
Eu não queria ocupar o meu tempo usando palavras bichadas de costumes.
Eu queria mesmo desver o mundo. Tipo assim: eu vi um urubu dejetar nas vestes da manhã.
Isso não seria de expulsar o tédio?
E como eu poderia saber que o sonho do silêncio era ser pedra!

V

O lugar onde a gente morava quase só tinha bicho solidão e árvores.
Meu avô namorava a solidão.
Ele era um florilégio de abandono.
De tudo que me restou sobre aquele avô foi esta imagem: ele deitado na rede com a sua namorada, mas se a gente o retirasse da rede por alguma necessidade, a solidão ficava destampada.
Oh, a solidão destampada!
Essa imagem da solidão que ficara dentro de mim por anos.
Ah, o pai! O pai vaquejava e vaquejava.
Ele tinha um olhar soberbo de ave.
E nos ensinava a liberdade.
A gente então saía vagabundeando pelos matos sem aba.
Chegou que alcançamos a beira de um rio.
A manhã estava pousada na beira do rio desaberta moda um pássaro.
Nessa hora já o morro encostava no sol.
Logo adiante vimos um quati a lamber um osso de ema.
A tarde crescia por dentro do mato.
O lugar nos perdera de rumo.
A gente se sentia como um pedaço de formiga perdida na estrada.
Bernardo completava o abandono.
Logo encontramos uma criame de caracóis nas areias do rio.
Quase todos os caracóis eram viúvos de suas lesmas.
Contam que os urubus, finórios, desciam naquele lugar para degustar as lesmas ainda vivas.
Se diz ainda que este recanto teria sido um pedaço do Mar de Xaraiés.

Na beira da noite a gente estava sem rumo.
Bernardo apareceu e disse que vento é cavalo.
Então montamos na garupa do vento e logo chegamos em casa.
A mãe aflitíssima estava.
Ela cuidava de todos: lavava, passava e cozinhava para todos.
Porém à noite a mãe ainda encontrava uma horinha para o seu violino.
Ela tocava para nós Vivaldi.
E a gente ficava pendurado em lágrimas.
Um dia que outro eu contei para a Mãe que tinha visto um passarinho a mastigar um pedaço de vento. A Mãe disse outra vez: Já vem você com sua visões! Isso é travessura da sua imaginação.
É a voz de Deus que habita nas crianças, nos passarinhos e nos tontos.
A infância da palavra.

VI

Desde o começo do mundo água e chão se amam
e se entram amorosamente
e se fecundam.
Nascem peixes para habitar os rios.
E nascem pássaros para habitar as árvores.
As águas ainda ajudam na formação dos caracóis e das suas lesmas.
As águas são a epifania da criação.
Agora eu penso nas águas do Pantanal.
Penso nos rios infantis que ainda procuram declives para escorrer.
Porque as águas deste lugar ainda são espraiadas para alegria das garças.

Estes pequenos corixos ainda precisam de formar barrancos para se comportarem em seus leitos.
Penso com humildade que fui convidado para o banquete dessas águas.
Porque sou de bugre.
Porque sou de brejo.
Acho agora que estas águas que bem conhecem a inocência de seus pássaros e de suas árvores.
Que elas pertencem também de nossas origens.
Louvo portanto esta fonte de todos os seres e de todas as plantas.
Vez que todos somos devedores destas águas.
Louvo ainda as vozes dos habitantes deste lugar que trazem para nós, na umidez de suas palavras, a boa inocência de nossas origens.

Segunda parte

CADERNO DE APRENDIZ

Poesia é a descoberta das coisas
que eu nunca vi.
OSWALD DE ANDRADE

1

Eu queria ser banhado por um rio como
um sítio é.
Como as árvores são.
Como as pedras são.
Eu fosse inventado de ter uma garça e outros
pássaros em minhas árvores.
Eu fosse inventado como as pedrinhas e as rãs
em minhas areias.
Eu escorresse desembestado sobre as grotas
e pelos cerrados como os rios.
Sem conhecer nem os rumos como os
andarilhos.
Livre, livre é quem não tem rumo.

2

Invento para me conhecer.

3

Eu só faço travessuras com palavras.
Não sei nem me pular quanto mais obstáculos.

4

Escrever o que não acontece é tarefa da poesia.

5

A infância da palavra já vem com o primitivismo
das origens.

6

Eu gosto do absurdo divino das imagens.

7

Sou beato de ouvir a prosa dos rios.

8

Para cantar é preciso perder o interesse de informar.

9

Pra meu gosto a palavra não precisa significar — é só
entoar.

10

No gorjeio dos pássaros tem um perfume de sol?

11

Eu vi a manhã pousada em cima de uma pedra!
Isso não muda a feição da natureza?

12

Eu vi um lírio vegetado em caracol!
Isso não muda a feição da natureza?

13

Eu sempre guardei nas palavras os meus desconcertos.

14

Eu sustento com palavras o silêncio do meu abandono.

15

A maneira de dar canto às palavras o menino
aprendeu com os passarinhos.

16

Visão é recurso da imaginação para dar às palavras
novas liberdades?

17

Eu não sabia que as pedrinhas do rio que eu guardava
no bolso fossem de posse das rãs.

18

Bernardo armou sua barraca na beira
de um sapo.
Ele era beato de sapo.
Natureza retrata ele.
Bernardo é criador.
Ele viu um passarinho sentado no ombro do arrebol.
Lagarto encostava nele para dormir.

19

Quando meu Vô morreu caiu em silêncio
concreto sobre nós.
Era uma barra de silêncio!
Eu perguntei então a meu pai:
Pai, quando o Vô morreu a solidão ficou destampada?
Solidão destampada?
Como um pedaço de mosca no chão.
Não é uma solidão destampada?

20

O menino que recebera o privilégio do
abandono.
Achava que o seu abandono era maior que
o abandono do lugar.
Mas o abandono do lugar era maior
porque continha o primordial.

21

Eu bem sabia que a nossa visão é um ato
poético do olhar.
Assim aquele dia eu vi a tarde desaberta
nas margens do rio.
Como um pássaro desaberto em cima de uma pedra
na beira do rio.
Depois eu quisera também que a minha palavra
fosse desaberta na margem do rio.
Eu queria mesmo que as minhas palavras
fizessem parte do chão como os lagartos
fazem.
Eu queria que minhas palavras de joelhos
no chão pudessem ouvir as origens da terra.

22

Eu estava parado no meio de uma oração
como se eu estivesse desenvolvido a vermes.
Veio a minha professora e me ensinou:
Tudo o que você tem de fazer é tirar do
seu texto as palavras bichadas de seus
próprios costumes — falou!
Poesia é um desenho verbal da inocência!

23

Tenho o privilégio de não saber quase tudo.
E isso explica
o resto.

24

Eu vi duas borboletas amarelas pousadas no
muro da tarde.
A borboleta maior enfiou uma coisa fininha
que nem tripa de lambari
na borboleta menor.
Ambas tremeram de amor durante.
Depois voaram buliçosas pelas ruas do jardim.

25

Ponho por caso um tonto.
Um que a natureza progredisse
para árvore.
Um que vadiasse de ave como
as pedras vadiam de orvalho.
Um que soubesse de flor
como as abelhas sabem.
Isso isso!
Ele era um tonto que quisesse
adquirir uma linguagem de rã.
Para se escrever em rã.

26

Quisera o canto jubiloso
que corresse por dentro de minhas palavras.
Como um rio destampado corresse para os
campos.

27

Eu vivo no meu relento.

28

O abandono do lugar me abraçou de com força.
E atingiu meu olhar para toda a vida.
Tudo que conheci depois veio carregado de abandono.
Não havia no lugar nenhum caminho de fugir.
A gente se inventava de caminhos com as novas palavras.
A gente era como um pedaço de formiga no chão.
Por isso o nosso gosto era só de desver o mundo.

29

Eu queria pegar na semente da palavra.

30

Minha professora me emprestou um livro do Todorov.
Todorov escreveu que a linguagem poética pertence à pré-história.
Pensei que a conversa que ouvira, um dia, das rãs com as pedras e das pedras com as águas.
Havia de ser linguagem pré-histórica e até quase poética.
Faltasse talvez apenas a harmonia das palavras.

31

Os sonhos não têm comportamento.
Sempre havia de existir nos sonhos daquele
menino o primitivismo do seu existir.
E as imagens que ele organizava com o
auxílio das suas palavras eram concretas.
Ele até chegou um dia a pegar na crina
do vento.
Era sonho?

32

Vinham de longe para mim os silêncios
desprezados.
Até mesmo eu achei o silêncio das pedras menos
do que desprezados.
Mais tarde eu li em Herbert Read que as
metáforas fazem o caminho das origens.
Pois que as minhas visões tinham tudo a ver
com o caminho das origens.
Hoje eu vi um passarinho comendo
formigas de pedra!
Eu quase duvidei se existem formigas de pedra!

33

Naquele dia eu estava um rio.
O próprio.
Achei em minhas areias uma concha.
A concha trazia clamores do rio.
Mas o que eu queria mesmo era de me
aperfeiçoar quanto um rio.

Queria que os passarinhos do lugar
escolhessem minhas margens para pousar.
E escolhessem minhas árvores para
cantar.
Eu queria aprender a harmonia dos
gorjeios.

34

Ele sabia que as coisas inúteis e os
homens inúteis
se guardam no abandono.
Os homens no seu próprio abandono.
E as coisas inúteis ficam para a poesia.

35

Eu queria fazer parte das árvores como os
pássaros fazem.
Eu queria fazer parte do orvalho como as
pedras fazem.
Eu só não queria significar.
Porque significar limita a imaginação.
E com pouca imaginação eu não poderia
fazer parte de uma árvore.
Como os pássaros fazem.
Então a razão me falou: o homem não
pode fazer parte do orvalho como as pedras
fazem.
Porque o homem não se transfigura senão
pelas palavras.
E isso era mesmo.

36

O *primeiro poema*:
O menino foi andando na beira do rio
e achou uma voz sem boca.
A voz era azul.
Difícil foi achar a boca que falasse azul.
Tinha um índio terena que diz-que
falava azul.
Mas ele morava longe.
Era na beira de um rio que era longe.
Mas o índio só aparecia de tarde.
O menino achou o índio e a boca era
bem normal.
Só que o índio usava um apito de
chamar perdiz que dava um canto
azul.
Era que a perdiz atendia ao chamado
pela cor e não pelo canto.
A perdiz atendia pelo azul.

LIVROS INFANTIS

EXERCÍCIOS DE SER CRIANÇA

No aeroporto o menino perguntou:
— E se o avião tropicar num passarinho?
O pai ficou torto e não respondeu.
O menino perguntou de novo:
— E se o avião tropicar num passarinho triste?
A mãe teve ternuras e pensou:
Será que os absurdos não são as maiores virtudes
da poesia?
Será que os despropósitos não são mais carregados
de poesia do que o bom senso?
Ao sair do sufoco o pai refletiu:
Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com
as crianças.
E ficou sendo.

O MENINO QUE CARREGAVA ÁGUA NA PENEIRA

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino que carregava água na peneira.
A mãe disse que carregar água na peneira
Era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele
para mostrar aos irmãos.
A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.
A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores e até infinitos.
Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito
Porque gostava de carregar água na peneira
Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira.
No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo.
O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.
Foi capaz de interromper o voo de um pássaro botando ponto no final da frase.
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor!
A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho, você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios com as suas peraltagens.
E algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.

A MENINA AVOADA

Foi na fazenda de meu pai antigamente.
Eu teria dois anos; meu irmão, nove.
Meu irmão pregava no caixote duas rodas de lata de goiabada.
A gente ia viajar.

As rodas ficavam cambaias debaixo do caixote:
Uma olhava para a outra.
Na hora de caminhar as rodas se abriam para o lado
de fora.
De forma que o carro se arrastava no chão.
Eu ia pousada dentro do caixote com as perninhas
encolhidas.
Imitava estar viajando.
Meu irmão puxava o caixote por uma corda de embira.
Mas o carro era diz-que puxado por dois bois.
Eu comandava os bois:
— Puxa, Maravilha!
— Avança, Redomão!
Meu irmão falava que eu tomasse cuidado porque
Redomão era coiceiro.
As cigarras derretiam a tarde com seus cantos.
Meu irmão desejava alcançar logo a cidade —
Porque ele tinha uma namorada lá.
A namorada do meu irmão dava febre no corpo dele.
Isso ele contava.
No caminho, antes, a gente precisava de atravessar um
rio inventado.
Na travessia o carro afundou e os bois morreram afogados.
Eu não morri porque o rio era inventado.
Sempre a gente só chegava no fim do quintal.
E meu irmão nunca via a namorada dele —
Que diz-que dava febre em seu corpo.

O FAZEDOR DE AMANHECER

O AMOR

Fazer pessoas no frasco não é fácil
Mas se eu estudar ciências eu faço.
Sendo que não é melhor do que fazer
pessoas na cama
Nem na rede
Nem mesmo no jirau como os índios fazem.
(No jirau é coisa primitiva, eu sei,
mas é bastante proveitosa)
Para fazer pessoas ninguém ainda não
inventou nada melhor que o amor.
Deus ajeitou isso para nós de presente.
De forma que não é aconselhável trocar
o amor por vidro.

•

Quem não tem ferramentas de pensar, inventa.

O FAZEDOR DE AMANHECER

Sou leso em tratagens com máquina.
Tenho desapetite para inventar coisas
prestáveis.
Em toda a minha vida só engenhei

3 máquinas
Como sejam:
Uma pequena manivela para pegar no sono
Um fazedor de amanhecer
para usamentos de poetas
E um platinado de mandioca para o
fordeco de meu irmão.
Cheguei de ganhar um prêmio das indústrias
automobilísticas pelo Platinado de Mandioca.
Fui aclamado de idiota pela maioria
das autoridades na entrega do prêmio.
Pelo que fiquei um tanto soberbo.
E a glória entronizou-se para sempre
em minha existência.

ERAS

Antes a gente falava: faz de conta que
este sapo é pedra.
E o sapo eras.
Faz de conta que o menino é um tatu
E o menino eras um tatu.
A gente agora parou de fazer comunhão de
pessoas com bicho, de entes com coisas.
A gente hoje faz imagens.
Tipo assim:
Encostado na Porta da Tarde estava um
caramujo.
Estavas um caramujo – disse o menino
Porque a Tarde é oca e não pode ter porta.
A porta eras.
Então é tudo faz de conta como antes?

MEU AVÔ

Meu avô dava grandeza ao abandono.
Era com ele que vinham os ventos a conversar
Sentava-se o velho sobre uma pedra nos fundos
do quintal
E vinham as pombas e vinham as moscas a
conversar.
Saía do fundo do quintal para dentro da
casa
E vinham os gatos a conversar com ele.
Tenho certeza que o meu avô enriquecia
a palavra abandono.
Ele ampliava a solidão dessa palavra.
E as borboletas se aproveitavam dessa
amplidão para voar mais longe.

•

Só o silêncio faz rumor no voo das borboletas.

•

Na estrada, ponho meu corpo a ventos.
Aves me reconhecem pelo andar.

A LÍNGUA MÃE

Não sinto o mesmo gosto nas palavras:
oiseau e *pássaro*.
Embora elas tenham o mesmo sentido.
Será pelo gosto que vem de mãe? de língua mãe?
Seria porque eu não tenha amor pela língua
de Flaubert?

Mas eu tenho.
(Faço este registro porque tenho a estupefação
de não sentir com a mesma riqueza as
palavras oiseau e pássaro)
Penso que seja porque a palavra *pássaro* em
mim repercute a infância
E *oiseau* não repercute.
Penso que a palavra pássaro carrega até hoje
nela o menino que ia de tarde pra
debaixo das árvores a ouvir os pássaros.
Nas folhas daquelas árvores não tinha oiseaux
Só tinha pássaros.
É o que me ocorre sobre língua mãe.

BERNARDO

Bernardo já estava uma árvore quando
eu o conheci.
Passarinhos já construíam casas na palha
do seu chapéu.
Brisas carregavam borboletas para o seu
paletó.
E os cachorros usavam fazer de poste as suas
pernas.
Quando estávamos todos acostumados com aquele
bernardo-árvore
Ele bateu asas e avoou.
Virou passarinho.
Foi para o meio do cerrado ser um arãquã.
Sempre ele dizia que o seu maior sonho era
ser um arãquã para compor o amanhecer.

•

Um grilo é mais importante que um navio.
(Isso do ponto de vista dos grilos)

•

Com as palavras se podem multiplicar os silêncios

PALAVRAS

Palavra dentro da qual estou há milhões
de anos é arvore.
Pedra também.
Eu tenho precedências para pedra.
Pássaro também.
Não posso ver nenhuma dessas palavras que
não leve um susto.
Andarilho também.
Não posso ver a palavra andarilho que
eu não tenha vontade de dormir debaixo
de uma árvore.
Que eu não tenha vontade de olhar com
espanto, de novo, aquele homem do saco
a passar como um rei de andrajos nos
arruados de minha aldeia.
E tem mais uma: as andorinhas,
pelo que sei, consideram os andarilhos
como árvore.

CAMPEONATO

Nos jardins da Praça da Matriz, os meninos
urinavam socialmente.

A gente fazia campeonato para ver quem
mandava urina mais longe.
O menino que mandasse mais longe era
campeão.
Mas não havia taça nem medalha.
Umas gurias iam ver por trás dos muros
a competição.
Acho que elas tinham alguma curiosidade
ou inveja porque não podiam participar
do campeonato.
Os meninos ficavam sérios como se estivessem
defendendo a pátria naquele momento.
As meninas cochichavam entre elas e
corriam de lá pra cá, rindo.
O campeonato só era diferente da Fórmula Um
Porque a gente não tinha patrocinadores.

•

As coisas muito claras me noturnam.

AS BÊNÇÃOS

Não tenho a anatomia de uma garça pra receber
em mim os perfumes do azul.
Mas eu recebo.
É uma bênção.
Às vezes se tenho uma tristeza, as andorinhas me
namoram mais de perto.
Fico enamorado.
É uma bênção.
Logo dou aos caracóis ornamentos de ouro
para que se tornem peregrinos do chão.

Eles se tornam.
É uma bênção.
Até alguém já chegou de me ver passar
a mão nos cabelos de Deus!
Eu só queria agradecer.

CANTIGAS POR UM PASSARINHO À TOA

Do alto de uma figueira
onde pouso para dormir
posso ver os vaga-lumes:
são milhares de pingos de luz
que tentam cobrir o escuro.

Ouvi de perto
no final do dia
a algazarra das cigarras.
Elas fizeram farra
até morrer.
Elas estouram dentro dos sons.

Meu casaco é da cor do sol.
E uma andorinha
queria trocar o casaco dela comigo;
mas o casaco da andorinha
era cinzento.
Ela pensa que eu sou maluco?

Vi uma borboleta
sentada nos braços da manhã.
Ela estava parada
embaixo de outra borboleta.

Não faziam barulho
nem piscavam.
Só o vento arregaçava as saias delas.

Tudo que os livros me ensinassem
os espinheiros já me ensinaram.
Tudo que nos livros
eu aprendesse
nas fontes eu aprendera.
O saber não vem das fontes?

Sou construtor menor.
Os raminhos com que arrumo
as escoras do meu ninho
são mais firmes do que as paredes
dos grandes prédios do mundo. Ai ai!

Eu queria aprender
o idioma das árvores.
Saber as canções do vento
nas folhas da tarde.
Eu queria apalpar os perfumes do sol.

O menino contou
que morava nas margens
de uma garça.
Achei que o menino
era descomparado.
Porque as garças
não têm margens.
Mas ele queria ainda
que os lírios o sonhassem.

Sentado sobre uma pedra
no mais alto do rochedo
aquele gavião
se achava principal:
mais principal do que todos.
Tem gente assim.

Quando a parede da tarde ruiu
o homem falou:
Hoje Ele chove!
E Deus choveu na roça do homem.
E o homem agradeceu aquela graça
como quando o azul se abre para nós.

Achava que os passarinhos
são pessoas mais importantes
do que aviões.
Porque os passarinhos
vêm dos inícios do mundo.
E os aviões são acessórios.

O cachorro vira-lata
queria que queria
entrar dentro de um inseto.
Mas a lata não deu inteira
dentro do inseto.
O rabo ficou de fora.

A rã queria ser um passarinho.
Só se for em teatro, meu amor.
Em teatro você faz o passarinho
e eu faço a rã.
Teatro não é troca de experiências?

Aquele Senhor um pouco louco
brincava passarinhos amanhã.
Ele disse que enxergava a fala de uma cor.
E queria transcrever para flauta
o canto dos vermes.

Esse Bernardo eu conheço de léguas.
Ele é o único ser humano
que alcançou de ser árvore.
Por isso deve ser tombado
a Patrimônio da Humanidade.

POEMINHA EM LÍNGUA DE BRINCAR

Ele tinha no rosto um sonho de ave extraviada.
Falava em língua de ave e de criança.

Sentia mais prazer de brincar com as palavras
do que de pensar com elas.
Dispensava pensar.

Quando ia em progresso para árvore queria florear.
Gostava mais de fazer floreios com as palavras do
que de fazer ideias com elas.

Aprendera no Circo, há idos, que a palavra tem
que chegar ao grau de brinquedo
Para ser séria de rir.

Contou para a turma da roda que certa rã saltara
sobre uma frase dele
E que a frase nem arriou.

Decerto não arriou porque não tinha nenhuma
palavra podre nela.

Nisso que o menino contava a estória da rã na frase
Entrou uma Dona de nome Lógica da Razão.
A Dona usava bengala e salto alto.

De ouvir o conto da rã na frase a Dona falou:
Isso é Língua de brincar e é idiotice de criança
Pois frases são letras sonhadas, não têm peso,
nem consistência de corda para aguentar uma rã
em cima dela

Isso é língua de Raiz — continuou
É Língua de Faz-de-conta
É Língua de brincar!

Mas o garoto que tinha no rosto um sonho de ave
extraviada
Também tinha por sestro jogar pedrinhas no bom
senso.

E jogava pedrinhas:
Disse que ainda hoje vira a nossa Tarde sentada
sobre uma lata ao modo que um bentevi sentado
na telha.

Logo entrou a Dona Lógica da Razão e bosteou:
Mas lata não aguenta uma Tarde em cima dela, e
ademais a lata não tem espaço para caber uma
Tarde nela!
Isso é Língua de brincar
É coisa-nada.

O menino sentenciou:
Se o Nada desaparecer a poesia acaba.

E se internou na própria casca ao jeito que o
jabuti se interna.

ÍNDICE REMISSIVO*

A.B. do R. [LSN] 352
Abandono, O [MP] 160
Abandono, O (parte final) [MP] 163
Aferidor, O [EF] 382
Agroval [LPC] 202
Álbum de família [EF] 389
Amigo, Um [LPC] 215
Amor, O [FA] 473
Andarilho, O [LSN] 353
Antoninha-me-leva [PCP] 29
Antônio Carancho [PR] 435
Anúncio [LPC] 197
Apresentação [CCA] 287
Aproveitamento de materiais e passarinhos de uma demolição [MP] 159
Aquela madrugada [CUP] 111
Armário [PR] 444
Arranjos para assobio [APA] 193
Arte de infantilizar formigas [LSN] 329
Árvore [EF] 394
Ascensão [TGG] 409
Aurora no front [FI] 37
Autorretrato [EF] 389
Autorretrato falado [LI] 324
Balada do Palácio do Ingá [FI] 44
Bandarra, O [TGG] 412
Beija-flor de rodas vermelhas [GA] 267

* Em negrito: partes de livros. Em redondo: títulos de poemas. Entre colchetes: [APA] Arranjos para assobio; [CCA] Concerto a céu aberto para solos de ave; [CUP] Compêndio para uso dos pássaros; [EF] Ensaios fotográficos; [ESC] Exercícios de ser criança; [FA] O fazedor de amanhecer; [FI] Face imóvel; [GA] O guardador de águas; [GEC] Gramática expositiva do chão; [LI] O livro das ignorãças; [LPC] Livro de pré-coisas; [LSN] Livro sobre nada; [MM] Menino do mato; [MP] Matéria de poesia; [P] Poesias; [PCP] Poemas concebidos sem pecado; [PR] Poemas rupestres; [RAC] Retrato do artista quando coisa; [TGG] Tratado geral das grandezas do ínfimo

Bem-te-vi, Um [CUP] 107
Bênçãos, As [FA] 478
Bernardo [FA] 476
Bicho, O [MP] 162
Biografia do orvalho [RAC] 369
Boca, A [P] 64
Bola Sete [EF] 386
Borboletas [EF] 393
Borra, A [EF] 394
Cabeludinho [PCP] 11
Cacimba da Saúde [PCP] 24
Caderno de andarilho [CCA] 287
Caderno de andarilho [CCA] 289
Caderno de apontamentos [CCA] 275
Caderno de aprendiz [MM] 457
Caminhada [CUP] 111
Campeonato [FA] 477
Canção do ver [PR] 425
Caramujos, Os [TGG] 406
Carnaval [PR] 441
Carne e o espírito, A [MP] 162
Carreta pantaneira [LPC] 207
Casaco, O [PR] 445
Casamento, O [EF] 388
Catador, O [TGG] 410
Cavalo morto, O [P] 83
Cenários [LPC] 201
Cisco, O [TGG] 400
Cláudio [PCP] 26
Coisas mansas [CUP] 110
Com os loucos de água e estandarte [MP] 151
Comparamento [EF] 382
Comportamento [EF] 395
Composição [MP] 163
Concerto a céu aberto para solos de ave [CCA] 271
Continho à maneira de Katharine Mansfield [P] 87
Copo, O [PR] 443
Creme [PR] 442
Crônica do Largo do Chafariz [P] 81
De cachorros [LPC] 234
De calças curtas [LPC] 226
De meninos e de pássaros [CUP] 95
De passarinhos [TGG] 401
De quati [LPC] 235

Desarticulados para viola de cocho [GEC] 141
Descoberta, A [MP] 163
Desejar ser [LSN] 337
Desenhos de uma voz [PR] 433
Deslimites da palavra, Os [LI] 305
Despalavra [EF] 383
De tatu [LPC] 232
De urubu [LPC] 229
De viagem [MP] 163
Dia Um [LI] 305
Didática da invenção, Uma [LI] 299
Disfunção, A [TGG] 399
Doença, A [EF] 390
Dois, Os [PR] 437
Dona Maria [PCP] 22
Dorowa [FI] 39
Dos veios escatológicos [LPC] 227
Draga, A [PCP] 20
Elegia de Seo Antônio Ninguém [LSN] 351
Em que o narrador viaja de lancha ao encontro de seu personagem [LPC] 199
Emas [PR] 434
Encontro de Pedro com o nojo [P] 87
Ensaios fotográficos [EF] 379
Enseada de Botafogo [FI] 43
Enunciado [PR] 441
Eras [FA] 474
Escrínio, O [PCP] 19
Espera, A [P] 72
Eu não vou perturbar a paz [FI] 35
Exercícios adjetivos [APA] 189
Exercícios cadoveos [APA] 185
Experimentando a manhã nos galos [CUP] 109
Experimentando a manhã nos galos [CUP] 109
Explicação desnecessária [LI] 305
Fazedor de amanhecer, O [FA] 473
Filósofo de beco, Um [LSN] 352
Fingidor, O [EF] 392
Formigas [EF] 392
Formigas, As [TGG] 401
Fotógrafo, O [EF] 379
Fragmentos de canções e poemas [P] 49
Fuga, A (voz interior) [LPC] 225
Garça [PR] 438

Girassóis de Van Gogh, Os [FI] 36
Glossário de transnominações em que não se explicam algumas delas (nenhumas) ou menos [APA] 181
Gorjeios [EF] 380
Guardador de águas, O [GA] 239
Homem de lata, O [GEC] 127
Homens estão silenciosos, Uns [FI] 40
Incidente na praia [FI] 45
Infância [P] 81
Infantil [TGG] 405
Informações sobre a musa [PCP] 31
Instante anunciado [FI] 43
Introdução a um caderno de apontamentos [CCA] 271
Joaquim Sapé [TGG] 408
Lápis, O [PR] 439
Lembranças [P] 74
Lições de R.Q., As [LSN] 349
Lides de campear [LPC] 208
Língua [PR] 443
Língua mãe, A [FA] 475
Línguas [EF] 381
Livro de Bernardo, O [TGG] 411
Livro de Bernardo, O [TGG] 412
Livro sobre nada, O [LSN] 345
Maçã [PR] 444
Mansidão [FI] 44
Máquina de Chilrear e seu uso doméstico, A [GEC] 135
Máquina, A: a Máquina segundo H.V., o jornalista [GEC] 139
Maria-pelego-preto [PCP] 22
Mário revisitado [LSN] 350
Matéria [MP] 162
Matéria [MP] 162
Matéria de poesia [MP] 145
Menina avoada, A [CUP] 97
Menina avoada, A [ESC] 470
Menino do mato [MM] 449
Menino e o córrego, O [CUP] 103
Menino que carregava água na peneira, O [ESC] 469
Meu avô [FA] 475
Miró [EF] 385
Miudezas [TGG] 409
Morto I, O [P] 79
Morto II, O [P] 80
Mundo pequeno [LI] 315

Mundo renovado [LPC] 206
Muro, O [FI] 40
Muro, O [PR] 441
Na enseada de Botafogo [P] 66
Na fazenda [CUP] 114
Na guerra [PR] 436
Na mocidade, feito lobisomem [LPC] 217
Namorada, A [TGG] 402
Na rua Mário de Andrade [P] 83
Narrador apresenta sua terra natal [LPC] 197
Ninguém [EF] 384
No aspro [PR] 439
No fim de um lugar [CUP] 112
No presente [LPC] 211
No serviço (voz interior) [LPC] 212
No sítio [PR] 437
Nossa garça, A [LPC] 235
No tempo de andarilho [LPC] 214
Novo jó, Um [CUP] 115
Noções de ruas [P] 73
Noções sobre joão-ferreiro [CUP] 105
Nos primórdios [LPC] 209
Noturno do filho do fazendeiro [FI] 41
Ode vingativa [P] 67
Oferta [APA] 194
Olhar, O [PR] 445
Olhos parados [P] 58
Outros, Os: o melhor de mim sou Eles [LSN] 349
Páginas 13, 15 e 16 dos "29 escritos para conhecimento do chão através de S. Francisco de Assis" [GEC] 131
Palavras [EF] 392
Palavras [FA] 477
Palhaço, O [MP] 160
Pássaro [MP] 162
Passeio nº 1 [MP] 159
Passeio nº 2 [MP] 159
Passeio nº 3 [MP] 159
Passeio nº 4 [MP] 160
Passeio nº 6 [MP] 160
Passos para a transfiguração [GA] 251
Paz [FI] 37
Pedido quase uma prece [P] 69
Pedra, A [TGG] 405
Pequena história natural [LPC] 229

Personagem, O [LPC] 211
Pêssego [PR] 442
Poema [TGG] 403
Poema do menino inglês de 1940 [FI] 37
Poeminhas pescados numa fala de João [CUP] 95
Poeta, O [EF] 390
Pois pois [TGG] 411
Polina [PCP] 25
Ponto de partida [LPC] 197
Postais da cidade [PCP] 19
Precipício, O [PCP] 23
Prefácio [CCA] 288
Pretexto [LSN] 327
Protocolo vegetal [GEC] 121
Provedor, O [EF] 391
Pulo, O [APA] 194
Punhal, O [EF] 387
Quero-quero, O [LPC] 233
Rabelais [EF] 387
Raphael [PCP] 27
Retrato [CCA] 288
Retrato [P] 80
Retrato de irmão [LPC] 218
Retrato do artista quando coisa [RAC] 357
Retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada [GA] 263
Retratos a carvão [PCP] 25
Rio desbocado, Um [LPC] 201
Roceiro, O [EF] 380
Rua dos Arcos [FI] 35
Ruína [EF] 385
Sabastião [PCP] 27
Sabiá com trevas [APA] 169
Se achante [PR] 433
Segundo dia [LI] 308
Seis ou treze coisas que eu aprendi sozinho [GA] 257
Serviços [APA] 194
Seu Margens [PCP] 21
Singular, tão singular [FI] 42
Sobre importâncias [TGG] 407
Socó-boca-d'água [LPC] 230
Solitário, O [FI] 38
Sonata ao luar [PR] 434
Sujeito [APA] 193

Tartaruga, A [TGG] 406
Tentação [CUP] 113
Teologia do traste [PR] 438
Terceiro dia [LI] 311
Tratado geral das grandezas do ínfimo [TGG] 399
Tributo a J. G. Rosa [TGG] 404
Urubuzeiro, O [TGG] 403
Vento [PR] 435
Vento, O [EF] 384
Vespral de chuva [LPC] 204
Viagem [P] 72
Vidente, O [TGG] 404
Visita [APA] 193
Volta, A [P] 67
Volta, A (voz interior) [LPC] 224
Voz de meu pai, A [P] 75
Zona hermética [P] 82

Este livro foi composto
em Electra para a Leya em
fevereiro de 2010.